



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

HENRIQUE ANTÔNIO TRIZOTO

**O FUTEBOL ALÉM DAS QUATRO LINHAS:
Mercadorização - Sociabilidades e o Ciclo de Reversão Precoce**

ERECHIM – RS
2018
HENRIQUE ANTÔNIO TRIZOTO

**O FUTEBOL ALÉM DAS QUATRO LINHAS:
Mercadorização - Sociabilidades e o Ciclo de Reconversão Precoce**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim, como requisito para a obtenção do título de Mestre Interdisciplinar em Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Ingrassia Pereira

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
Rua General Osório, 413D
CEP: 89802-210
Caixa Postal 181
Bairro Jardim Itália Chapecó - SC
Brasil

CIP – Catalogação na Publicação

Trizoto, Henrique Antônio

O futebol além das quatro linhas: sociabilidade, mercadorização e o ciclo de reconversão precoce / Henrique Antônio Trizoto. – 2018.
114 f.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Ingrassia Pereira.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul,
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas –
PPGICH - Erechim, RS, 2018.

1. Futebol. 2. Globalização. 3. Mercadorização. 4. Sociabilidade.
5. Campeonato amador de Erechim. I. Pereira, Thiago Ingrassia,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Identificação da obra elaborada pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

HENRIQUE ANTÔNIO TRIZOTO

O FUTEBOL ALÉM DAS QUATRO LINHAS:

Mercadorização - Sociabilidades e o Ciclo de Reversão Precoce

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim, como requisito para a obtenção do título de Mestre Interdisciplinar em Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Ingrassia Pereira

Esta Dissertação foi submetida e aprovada pela banca em: 24 de agosto de 2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Thiago Ingrassia Pereira – UFFS

Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga – UFFS

Prof. Dr. Martín César Tempass – FURG

Prof. Dr. Fábio Francisco Feltrin de Souza (membro suplente) – UFFS

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos movimentos sociais que lutaram bravamente para que a Região tivesse uma Universidade Pública e de Qualidade.

Agradeço a Paloma, por todo o amor, carinho e incentivo.

Agradeço ao meu Orientador, Thiago, pela autonomia durante o processo, e pelas contribuições sempre valiosas.

Agradeço a Daiana e Vanessa pela parceria de sempre!

Agradeço a “D’Alessandro”, “Geromel”, “Ronaldo” e “Neymar” pelas valiosas entrevistas.

Aos meus amigos, por entenderem e respeitarem meu “exílio”.

O gosto pelo futebol é uma construção social, historicamente datada e culturalmente legitimada. (DAMO, 2005)

RESUMO

O futebol se transformou em um rico campo de pesquisas, o qual ultrapassou a ideia de uma cultura física, abrangendo elementos históricos; geográficos; econômicos; sociológicos identitários e antropológicos, possibilitando-nos trabalhá-lo como um objeto de pesquisa acadêmica, com infindáveis nuances. A presente pesquisa traz à tona um tema pouco estudado e debatido, no qual buscamos explicar algumas das transformações pelas quais o futebol passou nos anos mais recentes. A partir de uma revisão bibliográfica, e da realização de quatro entrevistas com ex-atletas profissionais que, mesmo em idade compatível com a prática em alto nível do esporte, estão trabalhando em outros setores da economia para fins de sobrevivência, e que mantêm a “forma” e o sonho vivo nos finais de semana, participando do Campeonato Municipal de Futebol de Campo 1ª Divisão de Erechim de 2016. Essas entrevistas auxiliam na compreensão de como a formação das sociabilidades destes jogadores foi influenciada pelas transformações no futebol; e de que modo permearam estas construções, principalmente no que tange a profissionalização; ciclo de reconversão precoce e reinserção no mercado de trabalho, a partir de algumas perguntas chave: Como a formação das sociabilidades dos jogadores constituiu; que elementos permearam este processo, e de que modo o sonho da profissionalização foi influenciado pelo cenário do período. Com a tabulação dos dados, fica perceptível, que o futebol ainda faz parte do seu imaginário, e os ajudou na construção de suas personalidades.

Palavras-Chave: Futebol. Globalização. Mercadorização. Sociabilidade. Campeonato Amador de Erechim.

ABSTRACT

Soccer has become a rich field of research, which has surpassed the idea of a physical culture, encompassing historical, geographic, economic, sociological, identity and anthropological elements, enabling us to work as an object of academic research with endless nuances. The present research brings to the scene a theme little studied and debated where we try to explain some of the transformations that the soccer has passed in the last years. From a bibliographical review, and the completion of four interviews with former professional athletes who, even at age compatible with high-level practice of sport are working in other sectors of the economy for survival purposes, which maintains the "form" and the dream live on weekends, participating in the Municipal Field Soccer Championship 1st Division of Erechim in 2016. Interviews that help in understanding how the formation of the sociability of these players was influenced by these transformations, and in what way permeated these constructions, mainly with regard to this professionalization / failure / reinsertion in the labor market, from a few key questions: How was the formation of players' sociability influenced by the process of commodification that occurred from the 1980s? What elements permeated this process? In what way was the dream of professionalization influenced by the scenario of the period? With the tabulation of the data, it is noticeable, that football is still part of his imagination, as well as helped in the construction of his personalities.

Keywords: Soccer. Globalization. Merchandising. Erechim's amateur championship

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Produtos oferecidos pelos clubes e as receitas relacionadas.....	28
Figura 2: Vantagens do Marketing Esportivo.....	35
Figura 3: Performance dos clubes de futebol no mercado de ações em 2016.....	42
Figura 4: Charge encontrada na página do periódico Brasil de Fato, que faz menção à Copa do Mundo FIFA realizada no Brasil no ano de 2014	46
Figura 5: Rota dos esportes de Sucesso.....	48
Figura 6: Representação das Matrizes Futebolísticas.....	58
Figura 7: Ciclo de um atleta	79

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 FUTEBOL CONTEMPORÂNEO: DOS ANOS 1980 AOS DIAS ATUAIS	15
1.1 O CENÁRIO FUTEBOLÍSTICO NOS ANOS 1980.....	16
1.1.1 O Futebol Europeu nos anos de 1980	16
1.1.2 Os Extremos do Futebol no Brasil.....	18
1.1.2.1 O Futebol Brasileiro Nos Anos 1980	20
1.2 OS ANOS 1990	24
1.2.1 De Bosman a Balog: As transformações na década de 1990	25
1.2.2 É tetra! Os anos 1990 no Brasil	28
1.2.2.1 A Lei Zico	30
1.2.2.2 A Lei Pelé	31
1.3 AS TRANSFORMAÇÕES NA VIRADA DO MILÊNIO.....	33
1.3.1 Globalização ou Golbalização?	34
1.3. DO PENTA AO OCASO: OS ANOS 2000	42
2 FUTEBOL OU FUTEBOIS?	45
2.1 O NOVO MILÊNIO: ABREM-SE AS CORTINAS PARA O ESPETÁCULO FUTEBOLÍSTICO	45
2.1.1 O torcedor enquanto cliente	50
2.1.2 O Pé de Obra Ganha o Mundo.....	51
2.1.3 Naturalizações e Hibridização: A compra desse pé de obra.....	52
2.2 O FUTEBOL COMO PONTE PARA UMA NOVA REALIDADE	55
2.3 O OUTRO LADO DA MOEDA: O FUTEBOL AMADOR	57
2.3.1 O futebol amador ainda resiste	59
2.3.1.1 Futebol Amador: Algumas Elucubrações.....	60
2.3.1.2 O futebol amador em Erechim.....	61
3 DESBRAVANDO OS RELVADOS	65
3.2 QUEM SÃO OS ENTREVISTADOS?.....	67
3.3 O PONTAPÉ INICIAL: O SONHO DE SER PROFISSIONAL	68
3.3.1 Considerações Preliminares	71
3.4 OLHA O GOL! GOOOOL: A PROFISSIONALIZAÇÃO	71
3.4.1 Cartão Amarelo! Sinal de alerta	75
3.4.2 Cartão Vermelho! O jogo acaba mais cedo.....	78
3.4.3 Alguns apontamentos	84
3.5 EDUCAÇÃO: COMPANHEIRA OU ADVERSÁRIA?	85
3.5.1 Considerações preliminares.....	88
3.6 FIM DE JOGO: E AGORA?	88
3.6.1 Família, Emprego e Educação	89
3.6.1.1 Alguns apontamentos	92
3.6.2 Do futebol profissional ao futebol amador	93
3.6.2.1 Algumas reflexões	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS	101
ANEXO A: AUTOS E MARCO DECISÓRIO DO PROCESSO BOSMAN	109
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PADRÃO A TODOS.....	112
APÊNDICE B: ROTEIRO SEMIDIRECIONADO DE ENTREVISTA	113
APÊNDICE C: CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL	114

INTRODUÇÃO

O futebol, desde seus primórdios, era entendido como uma prática social aristocrática que visava o desenvolvimento físico de seus praticantes e a formação e consolidação de valores morais, como a lealdade e o respeito. Os jovens aristocratas, ainda imberbes, eram treinados para se tornarem refinados e capazes de frequentar a alta sociedade britânica.

A virada do século XIX para o XX proporcionou um processo de popularização e expansão e o consolidou como um esporte de massas, que produz; molda e transforma identidades em prol de uma sociabilidade que vá ao encontro dos interesses intrínsecos em cada momento histórico, distanciando-se do estereotipado esporte onde vinte e dois jogadores correm atrás de uma bola.

Tanto que acabou desenvolvendo ferramentas identitárias; afinidades e modos de pertencimento por meio de bandeiras defendidas pelas agremiações, que, como modo de subsistência e fortalecimento, passaram a acolher aqueles que estivessem a margem, devido a lógica eugenista que vigorava naquele período.

Movimento astuto, consolidou-se como modo de resistência e difusão de ideais, afinal, aglutina massas, convertendo-se “em instrumento e método de comunicação, contribuindo para formar uma opinião pública mundial, mediante a universalização do espetáculo” (PRONI, 1998, p 52). Neste sentido, “ele é o equivalente moderno das grandes representações populares da Antiguidade, e torna-se tema central dos meios de comunicação de massa” (idem). Universalizando demandas socioidentitárias, mesmo em países cujo esporte principal é outro (baseball, basquete, rugby), existem ligas organizadas; emissoras de televisão e portais de internet que reproduzem em tempo real campeonatos renomados, como a Barclay’s Premier League (Inglaterra), Bundesliga (Alemanha), Ligue One (França), Série A TIM (Itália), La Liga (Espanha), no qual jovens da Índia, podem acompanhar o esporte; ver e copiar o corte de cabelo do Neymar, e, é claro, questionar elementos como as manifestações de atletas africanos acerca das guerras civis daquele continente também.

Estabelecendo estes nexos mais complexos, deparamo-nos com um rico campo de pesquisas, que ultrapassa a ideia de uma cultura física, para abranger elementos históricos, geográficos, econômicos sociológicos, identitários e antropológicos; possibilitando trabalhá-lo como um objeto de pesquisa acadêmica, com infundáveis nuances.

O futebol é a quadratura do circo: a passagem necessariamente incompleta de um mundo ao outro, com aquela sobra irreduzível e não racionalizável (um valor antropológico) que não se esgota na quantificação dos resultados numéricos, na lógica moderna do jogo, e cujos conteúdos não se deixam nomear. O futebol pôs em

jogo, claro que sem premeditar o efeito, uma zona limiar de tempos culturais que acabou fazendo dele um laboratório demonstrativo das culturas e um ponto de interrogação sobre o destino da civilização. (WISNIK, 2008, p. 91)

Uma pesquisa interdisciplinar nesse assunto traz à cena da comunidade acadêmica, um tema pouco estudado e debatido, e, por meio do viés socioeconômico, buscamos explicar algumas das transformações ocorridas nos anos mais recentes: a espetacularização do jogo, o fenômeno da transnacionalização e as naturalizações de atletas, a construção e remodelação de identidades coletivas, sob a égide da cobertura da mídia e seus interesses político ideológicos.

O seu diferencial, é a análise deste cenário também a partir da perspectiva de ex-atletas profissionais que, mesmo em idade compatível com a prática em alto nível do esporte, e que estão trabalhando em outros setores da economia para fins de sobrevivência, mantendo o sonho vivo nos finais de semana, participam do Campeonato Municipal de Futebol Campo 1ª Divisão de Erechim de 2016.

O objetivo central deste trabalho é compreender como a formação das sociabilidades dos jogadores do Campeonato Municipal de Futebol Amador de Erechim no ano de 2016, ex-profissionais, foi influenciada por elas, e de que maneira permearam estas construções, principalmente no que tange a essa profissionalização; ciclo de reconversão precoce e reinserção no mercado de trabalho, a partir de alguns questionamentos: - Como é a formação das sociabilidades dos jogadores (ex-profissionais) do Campeonato Municipal de Futebol Amador de Erechim, sob a ótica da mercadorização do futebol; - Que elementos permearam este processo, e de que modo o sonho da profissionalização foi influenciado pelo cenário do período.

Diante das questões que esta pesquisa levanta, apresentam-se os seguintes objetivos específicos: (a) abordar as transformações socioeconômicas pelas quais o futebol passou, em âmbito global, a partir da década de 1980; (b) analisar de que modo estas transformações impactaram o futebol brasileiro, e (c) problematizar as relações estabelecidas entre o futebol amador e o profissional no Rio Grande do Sul neste processo.

A pesquisa está dividida em duas partes:

- Revisão bibliográfica dos trabalhos na área, explorando as plataformas de pesquisa acadêmica Google Acadêmico, IBICT e Scielo, a partir das seguintes expressões combinadas: “futebol formação sociabilidade”, “futebol identidade”, “futebol mercadorização”, “futebol globalização”, “mercado futebol” e “futebol amador e sociabilidade”, onde encontramos diversos trabalhos transversais à nossa pesquisa, no entanto, nenhum com temática similar.

Coleta e análise dos dados, recebidos via *e-mail* institucional do Departamento de Esportes após solicitação via telefone. Esse mapeamento foi feito devido ao apoio do ex-servidor do Departamento, Noelcir Luis Ferri, que por 25 anos trabalhou na organização dos campeonatos e prontamente ressaltou os dados. Deste modo, configura-se como um trabalho que apresenta uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório. As entrevistas foram realizadas no mês de junho de 2018 quando os ex-atletas responderam a um questionário padrão (Apêndice A) para fins de mapeamento de dados socioeconômicos e foram submetidos a um roteiro semiestruturado, composto inicialmente por dezessete questões (Apêndice B).

Para evitar transtornos legais, foi confeccionado e assinado um termo de cedência de uso das entrevistas e pseudônimos foram empregados, para preservação de suas identidades.

A proposta original tinha como objetivo a realização de sete entrevistas. No entanto, foram realizadas apenas quatro, em decorrência de dificuldades inerentes ao campo da pesquisa: um ex-atleta recusou-se a encontrar o pesquisador, querendo realizar a entrevista via aplicativo de comunicação (*Whatsapp*); outro aceitou num primeiro momento conversar, e, após o segundo contato não respondeu mais as mensagens. Por fim, um terceiro, não se encaixou nas nossas diretrizes de pesquisa ao informar que estava realizando um período de testes no Grêmio Football Porto Alegrense. Metodologicamente falando, em um universo composto por 692 atletas, sete, e depois quatro, tornaram-se objeto de pesquisa (atletas nascidos entre os anos de 1988 e 1998, que atuaram profissionalmente, e em 2016 jogaram o Campeonato Municipal de Futebol de Campo 1ª Divisão de Erechim).

O debate relacionado à formação das sociabilidades destes (ex) atletas será direcionado pela linha adotada por Georg Simmel e a noção de que “os indivíduos estão ligados uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si pela determinação recíproca que exercem uns sobre os outros” (SIMMEL, 2006, p.17), e, que a sociabilidade é a “forma pela qual os indivíduos constituem uma unidade no intuito de satisfazer seus interesses, onde forma e conteúdo são na experiência concreta processos indissociáveis” (SIMMEL, 2006, p. 65).

Neste cenário de transformações, partiremos para o “ataque”, esmiuçando também as condições e contradições sociais que estes atletas passam durante o processo de profissionalização e realização de seus “sonhos dourados”, levando em consideração a ideia de que a identidade, por meio de uma perspectiva relacional, é a projeção de uma dicotomia, de que “eu sou o que o outro não é”, articulando-se deste modo com a construção de um sujeito que é fruto do seu tempo, não sendo estático e nem imune as influências tradicionalmente constituídas no centro da identidade (família, educação e religião), e também

aos novos atores sociais que ajudam a formar e reformar esta identidade, principalmente a mídia e seu alcance global.

Outro elemento importante neste trabalho é o processo de globalização pelo qual o mundo tem passado nas décadas mais recentes, o que traz aos sujeitos novas informações e questionamentos responsáveis por um descentramento e uma fragmentação das identidades em construção. Um processo complexo de pertencimento e não pertencimento que varia de acordo com as singularidades deste atleta que se enquadra como amostra de pesquisa, uma vez que um mesmo acontecimento pode afetar de modo distinto cada indivíduo do nosso universo, devido às suas trajetórias pessoais. Ele articula um sistema simbólico¹, e, devido a sua densidade, “capaz de produzir e fazer aflorar emoções, e essas emoções movem (moviam) o espetáculo, fortalecendo a relação de pertencimento, de identidade de grupo (TRIZOTO, 2014, p.48)”.

Para Damo (2008), “Os jogos são ocasiões especiais para dramatizar o pertencimento, manifestando-o publicamente. Quanto mais intensa for a identificação do indivíduo com o clube, mais vulnerável ele será às oscilações da equipe” (p. 148). Perder, “dentre todas as derrotas possíveis, a pior é aquela imposta pelo clube rival, cada clube tendo um ou mais rivais preferenciais” (p.148). Tendemos a concordar, com o autor quando ele cita que as rivalidades são “essenciais à dinâmica das emoções, e tendem a ser mais antigas e estruturadas lá onde os clubes envolvidos conseguiram mobilizar, para o espectro do clubismo, as categorias sociais tidas como conflituosas no espectro mais amplo da sociedade” (p.148).

A observação de um jogo de futebol pode ser uma ajuda considerável como uma introdução para a compreensão de termos como ações e planos de interação. Cada time tem estratégias treinadas de acordo com o conhecimento dos talentos e fobias de seus oponentes. Ainda assim, enquanto o jogo procede, ele sempre produz interações que não foram previstas ou almejadas por nenhuma das duas equipes. De fato, o fluxo padrão formado por jogadores e a bola em um jogo de futebol pode servir como uma ilustração gráfica não apenas da noção de ‘figuração’, mas também de ‘processo social’. O processo do jogo é precisamente esse, uma figuração fluida de seres humanos cujas ações e interações continuamente se mesclam, um processo social em miniatura. (ELIAS; DUNNING, 1992, P.52)

O trabalho se encontra dividido em três eixos centrais:

¹ Futebol é uma das esferas sociais em que a interação dinâmica das esferas locais e globais pode ser observada *par excellence*. As culturas de torcida de clubes particulares compartilham entre si elementos ritualísticos, mas, ao mesmo tempo, cada cultura exhibe formas distintas de rituais formais prescritos e de simbolismo (SPAALIJ, 2006, p. 3).

Capítulo 1: Abordará o Futebol Europeu Contemporâneo: dos Anos 1980 aos dias atuais onde debateremos o cenário futebolístico nos anos 1980; os casos Bosman e Balog no processo de transformação do esporte na década de 1990; as possíveis definições de globalização e sua variante que denominamos “golbalização”, e o espetáculo futebolístico do novo milênio e seus novos atores. Ainda discorreremos a respeito do futebol brasileiro na década de oitenta, a partir do paradoxo “jogar bonito x ser campeão”; os avanços e retrocessos na cultura futebolística dos anos de 1990, oriundas principalmente da promulgação da Lei Pelé; e, por fim, o declínio esportivo nos anos 2000; os escândalos de corrupção; o “pé de obra tipo exportação”, com a “invasão de brasileiros em novos mercados”.

Capítulo 02: Analisará das implicações destas transformações, perpassando pelo papel do torcedor enquanto cliente e da hibridização do futebol devido as naturalizações e times plurinacionais. Analisamos também, o “outro lado da moeda”, as outras matrizes futebolísticas que fogem do profissionalismo, para, enfim, discorrer a respeito do futebol gaúcho e do futebol amador de Erechim.

Capítulo 03: Buscará compreender como a formação das sociabilidades dos jogadores do Campeonato Municipal de Futebol Amador de Erechim, ex-profissionais, foi influenciada por estas transformações, e de que modo elas permearam estas construções, principalmente no que tange a profissionalização; fracasso e ciclo de reconversão precoce e reinserção no mercado de trabalho.

No terceiro capítulo, a partir dos questionamentos supracitados, buscamos entender, ainda, como os atletas profissionalizados, que passam a desempenhar sua paixão e atividade profissionais nos campeonatos amadores reagem às mudanças. É dividido em apontamentos metodológicos, apresentação dos sujeitos da pesquisa, e análise das informações coletadas no roteiro semiestruturado (Anexo B). Para melhor compreensão, está dividido em quatro eixos temáticos: o primeiro abordando a aspiração e sonho de ser futebolista profissional, perpassando pelas influências recebidas no processo; o segundo, detalhando a vida de jogador profissional, aspectos positivos; negativos e motivações. O terceiro eixo trata a relação destes jogadores com a escola, e o último, discorre a respeito do olhar deles em relação ao futebol amador.

1 FUTEBOL CONTEMPORÂNEO: DOS ANOS 1980 AOS DIAS ATUAIS

A Europa sempre foi o centro do futebol mundial, principalmente pelo seu poderio econômico e status proporcionado a todos aqueles que partem em busca de seus sonhos no exterior. O influxo migratório oscilou em vários momentos a partir dos anos Cinquenta. Itália e Espanha, principais destinos dos atletas brasileiros, fecharam seu mercado para jogadores estrangeiros. Na Itália, isto é visto após o fracasso na Copa de 1966, quando a seleção foi desclassificada pela Coreia do Norte.

Tido por muito tempo como o Eldorado futebolístico, principalmente nos anos 1980, 1990 e começo dos anos 2000, jogar na Europa se tornou, praticamente, uma obsessão dos jogadores brasileiros. Vestir a camisa dos “grandes” já não era mais o suficiente. o reflexo disso são as convocações a partir de 1982, quando vemos o crescente números de atletas defendendo times europeus, a saber: dois em 1982 (Dirceu e Falcão) e 1986 (Edinho e Júnior), doze em 1990 (Jorginho, Silas, Aldair, Branco, Romário, Valdo, Mozer, Ricardo Gomes, Dunga, Careca, Alemão e Müller), onze em 1994 (Taffarel, Jorginho, Ronaldão, Aldair, Marcio Santos, Dunga, Mauro Silva, Raí, Bebeto, Romário e Paulo Sérgio), treze em 1998 (Cafú, Aldair, Emerson, César Sampaio, Ronaldo, Edmundo, Roberto Carlos, Dunga, André Cruz, Giovanni, Doriva, Leonardo e Rivaldo), onze em 2002 (Cafú, Lúcio, Roberto Carlos, Edmilson, Ronaldo, Rivaldo, Ronaldinho, Dida, Roque Jr., Júnior, Denilson. Já em 2006, apenas três atletas dos vinte e três convocados atuavam no Brasil (Rogério Ceni, Ricardinho e Mineiro). Em 2010, também foram convocados apenas três jogadores que atuavam no Brasil (Rogério Ceni, Gilberto e Robinho). E, em 2014, quatro atletas atuavam em território nacional (Victor, Jô, Fred e Jefferson). Em 2018, três atletas atuavam no futebol Nacional (Fágner, Cássio e Geromel).

Esta inversão ocorreu, principalmente, com a promulgação da Lei de Bosman (1995) e do Caso Balog (1998), que “Reivindicou que a nova regra nascida do veredicto Bosman fosse aplicada mesmo aos países que não integram a Comunidade Europeia” (FRANCO JR, 2007, p 120). Em 2001, a FIFA decretou que os atletas passariam a estar vinculados aos seus clubes com um contrato de tempo determinado.

A questão econômica é o “Camisa Dez” de todo este processo, sendo necessários séculos de imperialismo e de dominação às regiões da América, Ásia e África, estabelecendo uma correlação de forças Metrôpole X Colônia. Dominação que acarretou em profundas contradições sociais que atualmente tem vigência nestas áreas ditas periféricas. Para Santos (2014), esse processo de difusão do futebol é concomitante com a dita Terceira Fase do

Capitalismo, cujo “a comunicação e a cultura traçam uma trajetória que se relaciona de forma múltipla com o desenvolvimento capitalista, essa apropriação vai se dar de uma forma amplificada, com os processos midiáticos passando, cada vez mais, a invadir outros campos sociais” (p.93), sob forte influência dos novos meios de comunicação.

1.1 O CENÁRIO FUTEBOLÍSTICO NOS ANOS 1980

No final da década de 1970 começou um processo de integração de economias que impactaram diretamente no futebol, principalmente após a eleição de João Havelange para a presidência da FIFA. Ao derrotar Stanley Rous em 1974, iniciou uma nova era no futebol, podendo delimitá-lo como “marco divisório” no esporte.

A ideia do pseudo-amadorismo dá espaço às negociatas (poderíamos aqui usar o termo negócios, mas devido aos diversos conchavos e subornos comandados por Horst Dassler², optamos pelo termo negociatas), quando “passamos a assistir a entrada maciça das grandes empresas como patrocinadoras de equipes e atletas” (BARTHOLLO; SOARES, 2008, p.58).

Olimpíadas e Copas do Mundo se tornaram megaeventos e balcões de negócios, com objetivos claros: “aliar produtos e marcas à imagem do atleta. Esse tipo de vínculo tem-se mostrado eficiente, o que só vem comprovar o enorme poder de mobilização que os eventos esportivos têm hoje nas economias” (idem). Essa ressignificação dos valores e inserção de negociantes alçou-o a “um local de afirmação de identidades de negócios (da indústria do entretenimento e do turismo; da mídia; de produtos esportivos etc.) e de possibilidade de mobilidade e ascensão social” (idem).

1.1.1 O Futebol Europeu nos anos de 1980

Após a consolidação dessas transformações, ele passa a ser entendido como futebol-empresa, abandonando o panorama amador e “descompromissado”, adotando um formato comercial, cujos objetivos perpassavam pela crescente entrada de novos tipos de renda e enriquecimento de dirigentes e clubes.

² Horst Dassler (12/03/1938 – 09/04/1987) era filho de Adolf Dassler fundador da Adidas, e desde muito cedo mostrou aguçado tino para negócios, sendo alçado a responsável da Adidas França, tomou gosto pelas negociatas que envolviam o esporte, chegando a ser dono de marcas como LeCoc Sportif, Arena afim de expandir o império Adidas. Financiou a campanha de Havelange em 1974, além de angariar votos do continente Africano através da “doação” de kits esportivos aos líderes das federações locais. A leitura de Invasão de Campo: Adidas, Puma e os bastidores do esporte moderno (2007) de Barbara Smit ajuda a revelar a personalidade e perspicácia de Dassler, também co-fundador da International Sports and Leisure (ISL).

Dassler, ao antever essas transformações, junto com Patrick Naily, fundou a International Sports and Leisure (ISL), e, associada ao conglomerado japonês DENTSU, passou a gerir o marketing (conceito ainda incipiente nos anos 1980) e vender os direitos das Copas do Mundo e das Olimpíadas. Com isso, um novo elemento entra nesta articulação, a Televisão e sua capacidade de atingir grandes grupos. Ficando sob sua responsabilidade transmitir jogos e divulgar as marcas que patrocinavam os eventos.

Para Proni (1998), as transmissões ao vivo, impulsionaram “arranjos para a obtenção de patrocínios milionários e valorizou os contratos de fornecimento de material esportivo e de merchandising” (p.158), transformando o esporte num campo de batalha entre televisões. A crescente procura por anúncios e comerciais, o tornaram um nicho lucrativo. Como consequência direta, “os canais abertos de televisão a disputar com as redes estatais o direito de exploração das imagens e a pagar valores crescentes pela transmissão de torneios oficiais” (p.158).

O primeiro teste da ISL que obteve êxito foi na Copa do Mundo de 1986 realizada no México, aonde os direitos de transmissão “chegaram a 45 milhões de francos suíços”, mas não foi só isso, conseguindo levantar um valor de 200 milhões por meio de outros patrocinadores. (SMIT, 2007, pos. 3512 – livros em versão digital).

Essas profundas transformações no futebol foram fruto de inúmeros acordos escusos e obscuros, que visavam um enriquecimento rápido dos envolvidos, transformando-o em um cenário cujo desenvolvimento econômico sobrepõe o humano. O futebol passa a ser a galinha dos ovos de ouro, principalmente para os dirigentes da FIFA, que movimentava montantes cada vez mais altos de dinheiro.

Mascarenhas (2009) aponta que tanto a FIFA quanto o COI – “reorganizaram-se profundamente, adotando novos princípios gerenciais, abrindo mão de velhos princípios para aderir à inserção plena do esporte no capitalismo e tornando-se duas das maiores multinacionais do mundo” (p.506). No momento em que abriram as portas para os patrocinadores, a comercialização dos “direitos de transmissão dos eventos em bases monetárias que crescem em progressão geométrica”. Muito dinheiro para promover a grande festa, que é vista por bilhões de espectadores: espetáculo e globalização são duas palavras que sintetizam estes rituais (MASCARENHAS, 2009, p. 506-507).

Em meio a esse jogo de poderes, o futebol vai ganhando ainda mais a face do Capitalismo, um negócio rentável para alguns, capaz de mover estruturas econômicas e se tornar um sonho de consumo para todos aqueles que não partilham da riqueza gerada por ele.

Nesse período, jovens das periferias veem uma chance clara de fugir da pobreza por meio de do esporte; fazer o “pé de meia” e viver uma vida confortável.

O caminho era partir para as ligas que tinham o maior poder aquisitivo, a Liga Italiana passou a ser o destino desejado, pois os crescentes investimentos no período pré-Copa do Mundo de 1990, oriundos das grandes empresas; do governo e da máfia local, eram um forte atrativo.

Contribuíram ainda para esse cenário o banimento das equipes inglesas das competições europeias (devido à violência e o caos promovido pelos hooligans), a diminuição de investimentos de Barcelona e Real Madrid na Espanha (times mais caros foram pontos fora da curva no período), a cultura alemã de não investir grandes montantes no futebol, e, por fim, o Leste Europeu não era uma opção viável.

O Calcio (campeonato italiano) tornou-se a primeira incursão de sucesso em uma sociedade pré-globalização, os times, a cada temporada, reforçavam-se com as estrelas dos selecionados nacionais: Brasil (Sócrates, Falcão, Cerezo, Zico, Edinho, Alemão, Júnior), França (Platini, Papin), Alemanha (Brehme, Rummenigge, Klismann, Matthäus), Argentina (Maradona, Ramón Dias), Holanda (Rijkaard, Gullit, Van Basten), popularizam e recuperaram o espaço que o futebol tinha na Itália.

Em duas temporadas o campeonato saltou de 12º para o 2º lugar no ranking da UEFA, e com o banimento dos ingleses, assumiu a ponta com larga vantagem. Como consequência, países cujos seus atletas estavam jogando em times italianos decidiram transmitir alguns jogos do campeonato. Neste sentido, a televisão, “exerceu e desempenha papel fundamental para o futebol tanto na sua divulgação quanto na sua administração” (GRELLET, 2000, p.97).

1.1.2 Os Extremos do Futebol no Brasil

No Brasil, a seleção de futebol de campo masculina se consolida como potência futebolística, ganhando cinco Copas do Mundo (1958, 1962, 1970, 1994 e 2002) e ficando em Segundo Lugar em mais duas (1950 e 1998), sendo o único país participante de todas as Copas, a despeito das gestões amadoras.

É inegável que “o futebol foi assimilado e ressignificado no Brasil, onde se ocupou com galhardia a sobra de desocupação estrutural que o jogo oferecia, fazendo-o coletivo e individualista, pragmático e artístico, útil e inútil, surpreendente e belo, carnavalesco e trágico” (WISNIK. 2008, p.20). Sendo Paixão nacional, é comum encontrar em qualquer espaço minimamente organizado, meninos e meninas “jogando bola”, e isso servindo como

elemento desencadeante de uma sociabilidade capaz de incluir os (as) interessados (as), independente do grupo social.

O jeito brasileiro de jogar se consolidou como identidade local, afirmado discursivamente num período em que a nação vivia uma fase de avanços econômicos e de crescente industrialização, o futebol artístico, derrotado em 1950, ressurgiu, “com ginga e samba, a vitória da arte sobre a força, da intuição e da espontaneidade sobre a razão, da magia sobre a tecnologia, enfim, a vitória do futebol e da nação que se harmonizaram por meio de da mistura de suas diferenças” (HELAL; GORDON, 2002, p.44).

Esse período de reestruturação cultural voltada para a integração nacional e fortalecimento do afã nacionalista (Cinema Novo, Brasília, Bossa Nova), foi diretamente influenciado pelo esporte, tendo em vista que em 1958 e 1962 o selecionado venceu duas Copas, sendo comandados por Pelé e Garrincha, um negro e um mestiço. O futebol se transformou “em “esporte nacional”, um produto de um processo histórico realizado por agentes do universo cultural; político e esportivo, tendo como base uma forte presença do Estado e das ideias nacionalistas” (idem).

Nos anos 1970, o futebol vira propaganda do Regime Militar que tomou o poder de assalto em 1964. O selecionado Tricampeão do mundo em 1970 foi largamente utilizado como demonstração de força do Regime. Não à toa, era entoada a canção de Miguel Gustavo, do Grupo Os Incríveis, “Pra Frente Brasil”, como símbolo do Regime.

A conquista da Taça (chamada Jules Rimet) deixou a nação “em êxtase”, marcando o “campeonato como uma afirmação das aspirações brasileiras à grandeza e também como consagração e vitória do regime militar. O futebol passou a representar um dos pilares centrais de sustentação ideológica para o regime militar” (BRANCO, 2006, p. 214).

Todavia, após as derrotas de 1974 e 1978, essa aura mágica começa a demonstrar visíveis sinais de desgaste, principalmente pelo processo de modernização pelo qual os clubes europeus estavam passando. De acordo com Helal e Gordon (2002, p. 45), “o germe da crise que estava para emergir já era aparente. Por exemplo, na falta de autonomia dos clubes, na política de alianças entre as federações e as pequenas ligas, e num calendário incapaz de acomodar dois campeonatos longos: os regionais e o Brasileiro”.

Um cenário de “terra arrasada” estava sendo implementado. As conquistas de três Copas, num período de doze anos, ficaram para trás. Os craques foram se aposentando e o futebol vistoso e vitorioso foi sendo substituído por um burocrático, bem distante daquele que tinha o consolidado enquanto esporte e paixão nacional, e “Menina dos Olhos” da propaganda do Regime Militar.

Com esta perda de status, “a era de ouro do futebol parecia ter chegado ao fim, e o meio esportivo já esboçava diagnósticos da crise. Ela foi descrita como resultado de uma série de fatores inter-relacionados que, se não combatidos, conduziriam ao colapso do futebol brasileiro” (HELAL; GORDON, 2002, p.45).

O amadorismo da gestão começou a cobrar seu preço e campeonatos cada vez mais desorganizados e inchados diminuíram drasticamente a média de público e tornaram os clubes ainda mais deficitários. Para fins de comparação, em “1978, por exemplo, a CBD organizou um Campeonato Brasileiro com 74 clubes de todos os estados e, em 1979, com 94 clubes. A média de público caiu dramaticamente (10.615 em 1978 e 9.137 em 1979, a menor da história)” (HELAL; GORDON, 2002, p.46).

Podemos sintetizar os problemas do período da seguinte forma:

Quadro 1: Problemas que afetaram o futebol na década de 1970

Econômicos	Campeonatos deficitários.
	Empobrecimento da população.
	Fracasso financeiro dos clubes.
Político administrativos	Interferência do Estado cerceando a autonomia das federações.
	Interesses políticos de dirigentes.
Técnicos	Falta de grandes craques.
Sociais	Aumento da violência.
	Insegurança nos estádios.

Fonte: (HELAL; GORDON, 2002, p.46), elaboração nossa

Neste cenário adentramos nos anos de 1980, com um futebol combalido economicamente, mas que recuperou o “jeito brasileiro de jogar”, perpassando pelo paradoxo gerado pela crescente profissionalização da gestão versus o amadorismo dos dirigentes brasileiros.

1.1.2.1 O Futebol Brasileiro Nos Anos 1980

No início dos anos 1980, o futebol foi desmembrado da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), e passou a ser gerido pela Confederação Brasileira de Futebol, comandada por gestores civis, que num primeiro momento, alteraram a formulação do campeonato, dividindo-o em duas divisões, a Taça de Ouro e Taça de Prata (atualmente Séries A e B do

Campeonato Brasileiro), e passaram a escolher a Comissão Técnica da Seleção Brasileira de Futebol.

Nas Copas de 1982 (Espanha) e 1986 (México), sob o comando de Telê Santana, a Seleção jogava o “Fino da Bola”. Era o mais popular e um dos mais vitoriosos técnicos brasileiros. E sua metodologia de trabalho buscava manter a “autoridade sem autoritarismo”. A disciplina e o respeito eram obtidos com conversas francas com o grupo de jogadores, e assim se dividiam responsabilidades e se assumiam compromissos coletivos (FRANCO JR. 2007, p152). Mesmo com uma metodologia de trabalho diferenciada, e reconhecida capacidade de gestão, os resultados ficaram aquém do esperado, tanto em 1982, após a derrota para os italianos no Estádio Sarriá, quanto em 1986, na derrota nos pênaltis para a França, o escrete nacional ficou em quinto lugar, eliminado nas quartas de final.

O cenário dos anos oitenta foi conturbado no Brasil. A economia era um caos devido a malogrados planos econômicos e hiperinflação; o embate entre sociedade civil e ditadura se acirrou, pois “ao final da ditadura militar, em 1985, o Brasil constituía um dos piores exemplos do mundo em matéria de desigualdade de renda” (FOER, 2005, p. 113).

Nesta esteira, um elemento que foi fundamental para a profissionalização do futebol na Europa, a televisão, passa a exercer sua influência direta na ressignificação do futebol brasileiro. Se, por um lado encontramos um cenário caótico, econômica e socialmente, de outro, temos uma seleção impar tecnicamente, que ao contrário dos anos 1970, não é apresentada como propagandista da ditadura militar. Jogadores icônicos, como Sócrates, um dos líderes da democracia corintiana, tornam-se ativistas do movimento das Diretas Já.

Para Wolton (2006), a finalidade da televisão reside na reunião de “indivíduos e públicos que tudo tende a separar e oferecer-lhes a possibilidade de participar individualmente de uma atividade coletiva. É a aliança bem particular entre o indivíduo e a comunidade que faz dessa técnica na atividade constitutiva da sociedade contemporânea” (p. 15). Ou seja, política e futebol digladiando-se em campo ou em palanques, era complexo, sob as luzes da televisão, eram ‘inflamáveis’.

A questão aqui é como esse indivíduo vai receber esta carga de informações. A subjetividade de cada um era e é responsável pelo seu posicionamento. Uma relação dialógica pode ser estabelecida. Afinal, “ela serve para se conversar. A televisão é um formidável instrumento de comunicação entre os indivíduos. O mais importante não é o que se vê, mas o fato de se falar sobre isso. A televisão é um objeto de conversação” (WOLTON, 2006, p. 16).

Hilário Franco Júnior (2007) traça um panorama acerca do cenário brasileiro no período e mostra uma clara correlação entre o futebol e política enquanto elementos capazes de suprir a carência da população de acontecimentos prolíficos:

Em 1984, milhões de brasileiros também vestidos de amarelo participavam da campanha das Diretas Já. Do mesmo modo que o futebol da seleção de Telê, o jogo político excitava, criava esperanças. Seu meio de campo era constituído por Tancredo, Ulysses, Fernando Henrique, Montoro e Aureliano Chaves. Respeitados pelas massas, a eles cabia planejar as jogadas contra o regime militar, fazer as articulações que levassem à democratização do país. Mas diferentemente da seleção de 1982, que jogava sem pontas, os comícios de 1984 apresentavam arrancadas pela esquerda de Lula e de Brizola, que falavam em transição com aprofundamento das transformações sociais. Sócrates, Casagrande e Adilson Monteiro Alves subiam nos palanques e arriscavam com palavras jogadas de efeito que eram recebidas como gols de placa pela torcida. Emblematicamente, o locutor da campanha das Diretas Já! Era Osmar Santos, o mais popular radialista esportivo do momento. (p.153/154)

O mesmo autor (2017), mais uma vez sob a ode metafórica “futebol e política”, descreve com maestria os desdobramentos deste processo de luta pela redemocratização, que culminou no fim do regime ditatorial e na reconquista dos direitos civis, como a liberdade de expressão e o voto.

No Brasil, enquanto o país real passava da euforia da redemocratização à dura realidade da falta de espírito público dos políticos, o país da fantasia passava da euforia da volta do técnico de 1982 à dura realidade do declínio de jogadores importantes e do relacionamento tenso no interior do grupo. À morte do messias político (Tancredo) correspondia certa frustração com o messias futebolístico (Telê). Às dificuldades em disciplinar as forças políticas correspondia a dificuldade em disciplinar certos jogadores (Renato Gaúcho e Leandro antes da viagem, Casagrande e Alemão já no México). Às dificuldades em substituir homens públicos ultrapassados (Sarney tinha sido presidente da Arena, partido de sustentação do regime militar) correspondia a dificuldade em encontrar substitutos para grandes jogadores com problemas físicos (Zico Sócrates e Falcão). A simpatia que o Brasil gozava no concerto das nações correspondia certa complacência dos árbitros que favoreceram a seleção nas partidas contra a União Soviética e Espanha. À desilusão popular provocada pelo novo governo correspondia a decepção provocada pelo jogo da seleção – até mesmo o público mexicano, que em lembrança de 1970 apoiara nosso time nas duas primeiras partidas, passou a torcer pelos argelinos na terceira (p.60/61).

As contradições socioeconômicas brasileiras escancaradas com o fim do milagre econômico e do regime militar e conseqüente pauperização da população trabalhadora, como vimos, implicou diretamente na diminuição das receitas dos clubes, que com suas finanças deficitárias, buscaram entrar na “onda” da profissionalização do futebol, que já estava ocorrendo na Europa há quase uma década.

Inicialmente, as placas de publicidade foram inseridas no entorno do campo, alguns jogos passaram a ser transmitidos em videoteipe (VT) e as camisas passaram a carregar

patrocínios. Este último elemento foi responsável por produzir uma grande resistência aos torcedores, afinal seu “manto” estava sendo poluído, descaracterizado. O fator econômico, que visava diminuir o déficit das agremiações, não passou nem perto de ser levado em consideração.

Um caso emblemático faz menção ao primeiro contrato coletivo com a Coca-Cola, assinado pelos clubes mais influentes e que viriam a formar o Clube dos 13 (Atlético Mineiro, Bahia, Botafogo, Corinthians, Cruzeiro, Flamengo, Fluminense, Grêmio, Internacional, Palmeiras, Santos São Paulo e Vasco da Gama) em 1987, que quase não saiu por dois motivos: primeiro porque o folclórico Vicente Matheus, presidente do Corinthians, não queria assinar, pelo fato de ter se sentido mal tratado por Carlos Miguel Aidar em uma final de campeonato paulista no Morumbi. E este era presidente do São Paulo, e um dos advogados que articulou a parceria com a Coca-Cola. O outro ocorreu devido à rivalidade Grenal como vemos no excerto abaixo:

Estávamos já chegando ao acordo final quando o presidente do Grêmio, o Paulo Odone, me chamou reservadamente num canto e me disse que estava com um problema grave. Os conselheiros do seu clube acabavam de decidir que não aceitariam pôr o logotipo da Coca-Cola na camisa da equipe pelo simples fato de que era vermelha a cor do arqui-inimigo Internacional. Eu não acreditava no que estava ouvindo. A Coca-Cola já tinha mais de cem anos de existência e sempre exibiu aquela logomarca, qualquer criança sabe que ela é vermelha. O Odone, um homem corretíssimo, disse que me entendia, mas não podia resolver nada sem a aprovação do seu conselho. (AREIAS, 2009, p.44)

A sorte do grupo é que esses empecilhos foram contornados. Vicente Matheus aceitou a importância do acordo e o gerente da Coca-Cola Brasil, o argentino Jorge Gigante, entendia bem o que era rivalidade e flexibilizou, pela primeira vez na história, a logomarca da empresa, uma parcela das equipes adotou a cor preta.

Antes desta solução, as equipes se viram obrigadas a negociar suas estrelas com o futebol europeu. Falcão (Roma), Enéas (Bologna), Juary (Avellino), Edinho (Udinese), Toninho Cerezo (Roma), Elói (Genoa), Batista (Lazio), Luvanor e Pedrinho (Catania), Júnior (Torino), e Sócrates (Fiorentina)³ foram os pioneiros a aportarem em terras italianas na primeira metade da década.

A consolidação do Clube dos 13 criou uma rivalidade com a CBF, pois os dois grupos buscavam gerir o mesmo nicho de mercado. Em 1987, a CBF, alegando graves problemas financeiros, optou por não organizar o Campeonato Brasileiro, ficando a cargo do Clube dos 13 organizar a disputa, a qual recebeu a nomenclatura de Copa União. Tudo na mais tranquila

³ Dados extraídos de: COELHO, 2009, pos. 2136 a 2172, livro em versão digital.

ordem, se a CBF não decidisse, em meio ao campeonato, interferir na disputa e definir que o campeão e o vice da Copa União (que a CBF denominou como Módulo Verde) disputariam um quadrangular, com o campeão e o vice do campeonato organizado por ela (denominado de Módulo Amarelo). Com a recusa das equipes finalistas da Copa União Flamengo e Internacional, de disputarem este quadrangular, após muita polêmica⁵, Sport e Guarani, campeão e vice do Módulo Amarelo, disputaram a Copa Libertadores de América do ano seguinte.

Como veremos no próximo item, o paternalismo da CBF se acentuou na década de 1990, quando várias viradas de mesa botaram em xeque a credibilidade da instituição e do futebol brasileiro como um todo. Em contrapartida, levou o escrete nacional ao lugar mais alto do pódio, pela quarta vez, transformando a Seleção Brasileira na primeira Tetracampeã do mundo (1994), feito igualado em 2006, pela Itália, e em 2014, pela Alemanha.

1.2 OS ANOS 1990

Os avanços econômicos aumentaram ainda mais nos Anos Noventa e as empresas perceberam a possibilidade de lucro que o investimento no futebol traria. Empresas multinacionais e conglomerados não se contentavam mais com placas ao redor do campo e propuseram estampar o logo da empresa nas camisetas e calções de jogo. Coca-Cola, Pepsi, IBM, Parmalat, Opel, Pirelli, Vodafone, Ford, Sharp e Evonik passaram a investir montantes cada vez maiores, a fim de terem suas marcas à mostra nos campos e nas ‘telinhas’.

Outro embate se deu entre as fornecedoras de material esportivo: Nike, Reebok, Adidas, Puma, Umbro e Penalty, as quais injetavam grandes quantias nos cofres das equipes, para produzir os uniformes, e ter o direito de comercialização deles.

Esse processo de mercadorização do futebol ganhou contornos irreversíveis “no início dos anos noventa, quando se instaurou definitivamente a noção de que o público no estádio deveria ser tratado como consumidor, procurando estabelecer uma relação custo benefício entre o preço do ingresso e o conforto e segurança do torcedor” (PRONI, 1998, p.167).

Sobremaneira, medida em que “o conceito de futebol-empresa estaria implicando não apenas uma mudança na composição das receitas e uma profissionalização da gestão esportiva, mas uma profunda alteração na relação entre o clube e sua torcida” (idem). O torcedor não é mais a figura que “apenas torce”, ele passa a ser um cliente em potencial, que exprime sua paixão por meio de da aquisição de todo tipo de produto licenciado ou com o logo do clube (a pirataria rivaliza com os produtos licenciados pelo fato de conter o emblema

da equipe e ter um valor muito menor do que o “original”). Essa relação passa a ser norteada pelos princípios do livre mercado⁴.

1.2.1 De Bosman a Balog: As transformações na década de 1990

Se o clube virou uma empresa e o torcedor um cliente, o próximo passo é modernizar as relações de trabalho entre clube e atleta, o que só ocorreu devido ao caso Bosman. Os atletas ficavam ligados aos clubes, de modo permanente, uma vez que as direções detinham seus passes, ficando impossibilitados, deste modo, de escolherem seu destino futebolístico. O militante mais célebre contra a Lei do Passe, Jean-Marc Bosman, começou a carreira no Standard Liège e transferiu-se em 1988 para o RFC Liège, após este pagar US\$ 65mil para sua antiga equipe, propondo a ele um contrato de dois anos. Em 1990 ao fim do contrato, ofereceram-lhe uma extensão de um ano, com um valor 75% menor, prontamente rejeitada. Devido a isso, Bosman foi colocado à venda por US\$ 225 mil.

O US Dunkerque se acertou com o atleta e tentou um empréstimo de uma temporada, com possibilidade de compra, todavia não aceitou o montante solicitado pelo RFC Liège, o que encerrou as negociações. Impossibilitado de trabalhar, o jogador apelou para a justiça belga, que em novembro de 1990 o autorizou a jogar pelo San Quentin, da terceira divisão francesa, mas não deu o caso por encerrado. No mês de maio do ano seguinte o Tribunal de apelação de Liège manteve sua sentença e encaminhou para o Tribunal de Justiça Europeu, sob os critérios estabelecidos no Tratado de Roma⁵. Vitória nos tribunais, derrota em campo, Bosman estava livre para assinar com qualquer equipe. Sua volta à Bélgica, em 1992, não o ajudou, tendo em vista que nenhum clube se interessava em seu futebol, e nem queria ter sua imagem ligada à dele. Somente em maio de 1993, um time da terceira divisão aceitou contratá-lo, o Olympique Charleroi. No ano seguinte, mais um degrau abaixo: alinhou nas fileiras do Vise, na (semiprofissional) quarta divisão belga.

A grande guinada neste processo ocorreu em 1995, quando a Suprema Corte da Bélgica deu seu veredicto⁶ final a favor de Bosman e contra a UEFA, a a Federação Belga de

⁴ Acabou o profissionalismo romântico de clubes tocados por exaltados torcedores e péssimos administradores. O assunto é abordado em vigorosos ensaios por revistas como Newsweek, Forbes, Times e The Economist. Em negócios diretos e indiretos o esporte movimentou US\$ 370 bilhões em 1997, segundo a Forbes. Ou US\$ 1 bi por dia. Pela ordem: 1) o entretenimento é a maior indústria do mundo em volume de negócios e em número de empregos; 2) o esporte é o segundo maior segmento (depois do 115 turismo) da indústria do entretenimento; 3) o futebol é o maior mercado da economia do esporte (BRUNORO, 1999).

⁵ Assinado em 25 de março de 1957, instituiu a Comunidade Europeia.

⁶ Em anexo inserimos a fundamentação teórica e o Veredicto do Processo: *ASBL Union Royale Belge des Sociétés de Football Association e outros v Jean-Marc Bosman [1996] 1 CMLR 645 (case C-415/93)*

Futebol e RFC Liège. Talvez o argumento que convenceu a corte tenha sido o do advogado Carl Otto Lenz, que sustentou a defesa afirmando que tais impedimentos impostos aos atletas iam contra o que o Tratado de Roma determinava: A livre circulação dos trabalhadores. O veredicto favorável à Bosman causou a ira dos grupos que geriam o futebol. A FIFA, a UEFA e algumas federações nacionais tentaram por meio de uma carta, alterar o posicionamento da Corte Belga, sem sucesso. Bosman teve ganho de causa sem direito a apelação das outras partes envolvidas. Sem ofertar um período de transição, a decisão entraria em vigor em 1º de março de 1996. Na prática, os jogadores estavam livres de vínculo com os times assim que a vigência dos contratos expirasse, sem precisar dar nenhuma multa ou contrapartida às agremiações⁷.

A UEFA se viu obrigada a anular a regra que limitava o número de três atletas estrangeiros nas equipes associadas, o que acarretou em uma profunda confusão, pois com a extinção do passe, algumas equipes se viram sem sua principal fonte de renda, uma vez que os atletas nascidos ou que tinham passaporte dos países que compõe a União Europeia, não eram mais considerados estrangeiros, impondo de vez uma era globalizada dentro do futebol.

Essa Jurisprudência ajudou a atletas como o húngaro Tibor Balog, outro que também buscava se tornar livre de um contrato que não lhe convinha, e até mesmo alguns atletas de outras modalidades. Esse processo se tornou irreversível em maio de 2001, quando a FIFA regulamentou “[...] as reivindicações da década de 1960, de Kopa na França, ou Afonsinho, no Brasil, tornavam-se realidade: o jogador profissional passa a estar ligado ao clube apenas por um contrato de trabalho de duração limitada” (FRANCO JR, 2007, p. 120-121).

Se, por um lado, alguns times perdiam, pelo fato de não terem mais a “posse” do passe dos atletas, por outro, um novo mercado¹⁰ se abria. Movidos pelo sonho da independência financeira, atletas sul-americanos e africanos invadiram a Europa. A grande maioria desconhecidos buscando “um lugar ao sol”, gerando assim um influxo monetário pequeno, que não se transformaria num prejuízo tão sentido. Em contrapartida, se ele desse certo; se adaptasse a cultura local e ‘estourasse’ no mundo da bola, se tornava um cheque em branco, transformando o investimento inicial em um valor ainda mais irrisório. Ronaldo Nazário,

⁷ O caso Bosman apesar de transformar as relações de trabalho entre agremiações e atletas e ser relevante para mercadorização do futebol, ainda carece de fontes acadêmicas. Para conseguir traçar um panorama de todo o processo que culminou no acordo, comparamos vários sites e blogs a fim de dar conta do nosso objetivo. Destacamos: Trivela <<http://trivela.uol.com.br/trivela-15-anos-lei-bosman-se-consolidou-e-mudou-o-cenario-na-europa-por-leonardo-bertozzi/>>; IG Esportes <<http://esporte.ig.com.br/futebol/2015-12-15/lei-bosman-20-anos-da-medida-que-mudou-relacao-entre-clube-e-jogador-na-europa.html>>; Cenas Lamentáveis <<https://cenaslamentaveis.com.br/jean-marc-bosman-o-homem-que-mudou-o-futebol-mundial/>>; Universidade do Futebol <<https://universidadedofutebol.com.br/o-efeito-da-lei-bosman-no-futebol/>>. (Acesso em 02, nov. 2017).

Javier Zanetti, Jay-Jay Okocha, Fernando Redondo, Nwankwo Kanu, Faustino Asprilla, Rivaldo, Djalminha, Roberto Carlos, Mário Jardel, George Weah, Patrick M'boma, Taribo West, Oliseh, Finidi George, Cafú, Leonardo, Elber, Paulo Sérgio, são exemplos de jogadores que construíram carreiras sólidas na Europa na década de 1990, e que são 'achados' ou beneficiados pela lei Bosman.

Neste cenário, Bitencourt (2007, p.577), nos apresenta uma abordagem que acaba sendo um panorama claro da transformação dos jogadores em mercadorias "sui generis". Eles "não são consumíveis como objetos, pois são corpos a produzir espetáculo. É como trabalhadores que se consomem seus corpos e gestos", (idem) não à toa, os ditos jogadores "boleiros" acabam perdendo espaço para atletas com capacidades técnicas inferiores, mas mais comprometidos com as novas exigências do futebol contemporâneo, enquanto "trabalhador-mercadoria, não é o consumo de si que estabelece, por princípio, a relação – mesmo que isto se dê e seja irrevogável – com o campo econômico, mas o consumo de sua "arte", o que o coloca na posição também de produtor que recebe por sua tarefa" (idem).

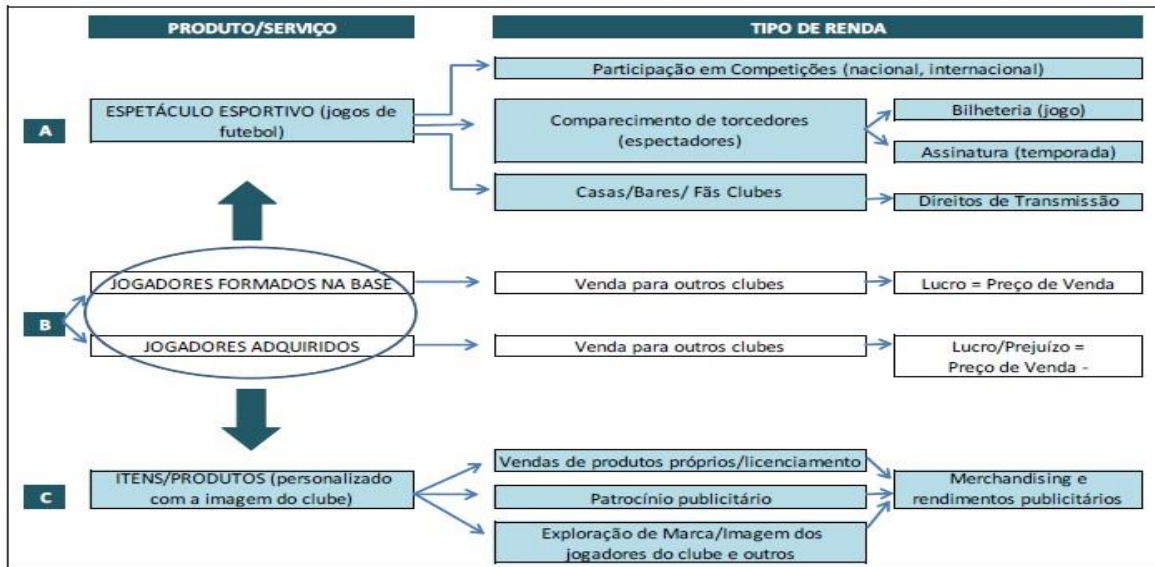
Estes atletas captaram que a única forma de manter-se em alto nível e com possibilidade de enriquecimento, é cuidando de sua ferramenta de trabalho – seu corpo e condicionamento físico – eles "passam a ver os treinamentos como investimentos em seus corpos, combinando a certeza do salário a esperança (aposta) de, em curto; médio ou longo prazo obter os lucros destes investimentos" (idem).

Sob uma ótica mercantil, "aos clubes e empresários cabe investir, apostar e especular sobre o produto do qual só podem ganhar se o próprio produtor/produto ganhar também". Mais do que isso, é a forma como o capital volátil no neoliberalismo aufere lucros aos seus donos. Talvez, mais do que produtos ou mercadorias, os atletas são ações, fundos de investimento, apostas: capitais que só geram lucro se circularem. (idem)

Para Türcke "O mercado sempre foi um lugar de seleção. Vender mercadorias frequentemente significa também ter o direito de deixa-las ficar num canto. Só que faz uma diferença fundamental decidir sobre bens de consumo ou sobre humanos" (2010, p.183), sendo então mercadorias, os atletas ficam à mercê de direções e empresários que pensam no seu enriquecimento e lucro e esquecem que suas "mercadorias" têm subjetividades; necessidades individuais e sentimentos, e quando isto não vai bem, a qualidade do serviço prestado diminui. Muitos atletas passam a ter rendimentos pífios em treinamentos e jogos por estarem descontentes com o modo como sua situação é gerida pelo clube ou pelo empresário.

Em um mundo cada vez mais globalizado, o futebol após o Caso Bosman, se torna um braço do capital internacional enquanto ferramenta de aglutinação de massas e como fonte de subprodutos para comercialização.

Figura 1: Produtos oferecidos pelos clubes e as receitas relacionadas



Fonte: Lozano; Gallego (2011).

No Brasil, este cenário é ainda mais complexo devido as transformações políticas e econômicas e sociais pelas quais o país passava no período, como veremos a seguir.

1.2.2 É tetra! Os anos 1990 no Brasil

A década de 90 começa do mesmo modo que o anterior, com a Seleção de Futebol deixando a desejar em campanhas sem sucesso nas Copas do Mundo. Na Copa de 1990, uma derrota nas oitavas de final, para ‘Hermanos’ argentinos, apresentando um futebol cauteloso e pragmático, totalmente diferente daquele que havia encantado o mundo e vencido três copas. Sebastião Lazaroni viu sua carreira ir ao ocaso após a Copa da Itália. Diversos fatores contribuíram para o insucesso brasileiro: desorganização na preparação, comissão técnica rachada e inúmeros jogadores questionando publicamente as escolhas do treinador.

Mesmo com o fim do Regime Militar e a redemocratização, a crise econômica ainda assolava a nação, e mais um movimento popular foi às ruas. Se em 1984 foi pelas Diretas Já!, em 1992, era pelo impeachment do então Presidente Fernando Collor de Mello, envolvido diretamente em casos de corrupção ativa. Ele renunciou ao cargo em 29 de dezembro de 1992,

para não perder os direitos políticos (como o processo já estava tramitando, no dia seguinte o senado o condenou a perda do mandato e inelegibilidade por oito anos).

No seu lugar, assumiu Itamar Franco, com um pacote econômico que trocava a moeda vigente, de Cruzeiro (Cr\$) para o Real (R\$), e estabelecia a paridade cambial, beneficiando muitas multinacionais, que passaram a investir mais no futebol local, como a Parmalat (Palmeiras e Juventude, Santa Cruz PE, e Paulista de Jundiaí), Banco Excel (Corinthians, Botafogo, Vitória e América Mineiro) e Nations Bank (Vasco da Gama) que estamparam suas marcas e trouxeram quantidades de jogadores com passagens pelas seleções nacionais às equipes, principalmente Palmeiras (Cafu, A. Carlos, Zinho, Mazinho, R. Carlos, Edmundo, Rivaldo) e Corinthians (Donizete Pantera, Túlio, Mirandinha, mais adiante Edmundo, Gamarra, André Luís).

Na Copa de 1994, após o retumbante fracasso de 1990, o escrete nacional entrou desacreditado, uma vez que teve dificuldades para se classificar e, pela primeira vez na história, tinha perdido para os bolivianos nas eliminatórias. Como afirma Franco Jr. (2007): “Apesar do sucesso do Plano Real, implementado pelo ministro Fernando Henrique Cardoso, e do otimismo que dominava a sociedade após a tumultuada experiência com Collor, a seleção saiu do Brasil desacreditada (p.159)”. O que se viu em terras norte-americanas foi uma seleção consistente e efetiva, com cinco vitórias e dois empates (um deles na final contra a Itália, que pela primeira vez levou uma decisão de Copa do Mundo para os pênaltis). O escrete ‘canarinho’ voltou ao Brasil com o Tetracampeonato na ‘bagagem’. O mesmo autor, em 2017, novamente tece comparações a respeito do desempenho do selecionado nacional e a situação socioeconômica da nação:

A conquista brasileira com o futebol “contido, triste, chato” denunciado pela imprensa refletia o momento do país. Apesar da democracia reforçada pelo impeachment de Collor em fins de 1992, a violência social continuava a avançar. No mesmo dia em que o vice Itamar Franco assumiu a presidência do país, ocorreu a chacina de presidiários no Carandiru; menos de dez meses depois a de meninos da rua na Candelária; um mês mais tarde a de índios ianomâmis em Roraima; poucos dias depois a de trabalhadores na favela do Vigário Geral. O plano real lançado em fevereiro de 1994 não eliminara o ceticismo quanto ao fim da inflação média de 764% nos anos anteriores. Entre 1980 e 1993 o Brasil tinha conhecido quatro moedas, cinco congelamentos de preços, nove planos de estabilização, onze índices para medir a inflação. A Itália não gozava de clima político social melhor a operação Mãos Limpas revelava desde 1992 a corrupção sistêmica que atingia todos os escalões do Estado, contexto no qual Silvio Berlusconi (dono do Milan o grande time italiano de então) ganhou as eleições de março de 94 para em julho (mês da copa) já estaria envolvido em escândalos fiscais. (FRANCO JR. 2017, p.67)

Essa reestruturação econômica da nação que passara a adotar um modelo condizente ao discurso globalizante de então, com a flexibilização das relações de trabalho, privatização

de estatais, abertura da economia ao mercado externo a partir dos planos de combate à inflação, reestruturação da cadeia produtiva e fortalecimento de uma nova moeda, aliadas o crescente investimento das empresas multinacionais, não foram suficientes para que de fato, a gestão do futebol brasileiro saísse do amadorismo. As tentativas mais conhecidas são a Lei Zico e a Lei Pelé.

1.2.2.1 A Lei Zico

A Lei n. 8.672/93, conhecida como Lei Zico, faz parte de um contexto que visava redefinir os níveis de intervenção e participação do Estado na esfera esportiva e revisar o papel e a atuação do Conselho Nacional de Desporto. No campo esportivo, elas buscavam melhorar o serviço prestado à sua clientela (torcedores) e diminuir os incentivos públicos para ‘forçar’ a participação da iniciativa privada na gestão e no custeio do esporte. “Com isso, abria-se oportunidade para o avanço do marketing esportivo, uma das facetas do futebol-empresa em gestação. Tais mudanças pretendem libertar o futebol da tutela estatal (PRONI, 2000, p. 164)”. O primeiro esboço desta lei foi encaminhado em 1991, ao Congresso Nacional, tendo cinco tópicos principais:

I – Promover a regulamentação da participação das empresas na gestão e comercialização dos direitos de transmissão do Futebol;

II – Redistribuir os recursos obtidos por meio da Loteria Esportiva;

III – Extinguir a “Lei do Passe” vigente e redefinir as normas para a celebração dos contratos de trabalho dos atletas profissionais;

IV – Assegurar o respeito à autonomia das agremiações e de seus estatutos a partir da criação de novos mecanismos de supervisão.

V – Democratizar e dar transparência às eleições e gestões das federações estaduais e da CBF. (PRONI, 2000, p. 165 – elaboração nossa).

De acordo com Pimenta (2000),

A Lei Zico/Lei n. 8.672/93, tinha por objetivo modificar a organização do futebol nacional, promovendo (1) o fim do “passe”, proporcionando autonomia aos jogadores em forma de liberdade de contrato; (2) a ruptura com o modelo intervencionista do Estado nos clubes e federações; (3) o surgimento do futebol-empresa, os clubes tornando-se empresas; (4) alterações no sistema eleitoral da Confederação Brasileira de Futebol (PIMENTA, 2000, p. 81).

Em síntese, ia ao encontro das demandas do futebol enquanto produto do capitalismo, assumidas com sua profissionalização e principalmente à sua mercadorização, visando à

adoção de gestões isonômicas e imparciais, em substituição daquelas consideradas tradicionais e passionais, desatentas as transformações ocorridas.

A matéria aprovada passou longe da ideia de transformar as estruturas vigentes, “pois a política de troca de favores ainda prevaleceria na organização dos campeonatos. Com jogos deficitários, o campeonato daria prejuízo aos clubes, limitando o potencial de marketing e da comercialização do futebol” (HELAL, 1997, p. 111), os problemas continuaram existindo. A Lei não atingiu seu propósito. Os compadrios, conchavos e o “jeitinho brasileiro” continuaram a dar as cartas e a serem onipresentes na gestão e articulação do futebol brasileiro.

Nesta década, as contradições sociais e esportivas eram ainda mais acentuadas que atualmente. Em 1997, Suzuki faz uma interessante série de reportagens para a Folha de São Paulo com um diagnóstico do futebol brasileiro, nas quais afirma que “como existem dois Brasis, o pobre e o rico, também temos dois países do futebol” (s/p). Poucas equipes têm acesso a grandes patrocínios e um grupo seleta de jogadores ganham salários com seis dígitos, vendendo uma ilusão que o futebol vive uma “fase pujante”.

Na realidade, a maioria das agremiações; dos campeonatos e dos atletas vivem em uma realidade diferente: “a dos balanços deficitários; dos jogos e torneios que dão prejuízos; dos baixos salários; do desemprego e da evasão profissional. Pior ainda, o fosso entre o país do futebol rico e o país do futebol pobre vem aumentando” (s/p). O número de atletas que recebiam um salário mínimo triplicou entre 1993 e 1995, mostrando que o “ser jogador”, nada mais é que um status, pois a chance de sucesso é muito pequena. Suzuki resume em uma frase os problemas do futebol brasileiro: “O modelo do futebol brasileiro está exaurido”

Cabe aqui uma menção que explica o motivo da inalteração do cenário futebolístico brasileiro: Ricardo Teixeira, genro de João Havelange, (in)geriu a CBF de 1989 a 2012 e foi responsável direto pela criação de oligarquias nas federações, e de redes de favorecimento mútuas com dirigentes. Essa relação assemelhada à da Máfia, impossibilitou que as transformações necessárias para a modernização e transparência do futebol brasileiro tivessem êxito.

1.2.2.2 A Lei Pelé

Em setembro de 1997 houve mais uma tentativa de modernização do futebol brasileiro, por meio do então Ministro Extraordinário dos Esportes, Edson Arantes do Nascimento (Pelé), que encaminhou um projeto de lei que visava reestabelecer o controle do

Estado sobre todas as entidades de cunho esportivo, projeto muito similar com o que estava vigorando na Espanha, propondo também revogar a Lei 6.354/76 e aumentar a fiscalização e a autonomia organizacional das agremiações. Pretendia também, “retirar as proteções que a legislação garantia aos clubes (lei do “passe”) e aos atletas (15%), na transferência e limite de três anos na duração do contrato), deixando que o esporte passasse a ser regulado pelas leis do mercado” (PRONI, 2000, p. 198).

Este projeto não passou por nenhum tipo de consulta; avaliação e debate que incluísse os principais envolvidos: clubes (dirigentes) e atletas. Os principais clubes foram veementemente contra esta nova legislação, uma vez que perdiam o controle sobre o processo de transferências e, por consequência, a fatia mais lucrativa do futebol no período.

Em síntese, foi ela quem inseriu os preceitos neoliberais no futebol brasileiro. A Lei 9.615/03/1998 revogou a anterior, acabando com o “passe” atrelado às agremiações, instituindo “a ‘flexibilização’ da relação do jogador, que passa a ser um trabalhador com direito ao controle de sua força de trabalho, com o clube”. Quanto aos clubes, se cercam cada vez mais de medidas jurídicas para garantirem os seus “investimentos” (BITENCOURT, 2007, p.578).

Do mesmo modo que a legislação trabalhista foi alterada na Europa após o caso Bosman, a Lei Pelé alterou profundamente a correlação de forças entre atletas e equipes. Mais uma vez, o amadorismo das gestões dos clubes brasileiros cobrou um preço bem alto. Equipes como São Paulo e Internacional foram as primeiras a entender essa nova lógica, mas já nos anos 2000. Quem obteve vantagens das “brechas” que a lei possibilitava foram empresas e empresários que farejaram uma oportunidade única de fazer dinheiro. O jornalista André Rizek chamou este processo de “esquema engorda craque”.

O esquema “engorda-craque” funciona como um fundo de investimento. O primeiro deles que se tem notícia foi criado pelo uruguaio Juan Figer, que atua há mais de três décadas no Brasil e é o rei dos empresários no país. (...) O empresário adquire os direitos econômicos do atleta e o registra em nome de seus clubes no Uruguai: Central Espanhol ou Rentistas. Os times servem de fachada. O atleta nunca vestirá essas camisas, mas é a forma de virar propriedade do empresário. Até aqui, tudo legal. A Lei Pelé não veda esse tipo de procedimento⁸. (RIZEK, 2006, p.79)

O processo de financeirização que atingiu a Europa, literalmente assolou os clubes brasileiros; impotentes, viram seus principais jogadores debandarem. Os casos Ronaldinho X

⁸ Na sequência, estes atletas são negociados com equipes de “vitrine” para alavancar seu valor ou diretamente para clubes europeus de nível intermediário, para, os melhores, por fim assinarem polpidos contratos com as equipes de ponta.

Grêmio e Dagoberto X Atlético Paranaense, por exemplo, amparados pela nova legislação, saem de seus clubes em busca de novos desafios e maior projeção.

Com a promulgação da Lei Pelé, precisamos manter no nosso horizonte, em síntese que: a administração amadora e a resistência em adotar ferramentas racionais de gestão; a não adaptação à extinção do passe, o surgimento e consolidação dos empresários e agentes; a sazonalidade do futebol brasileiro, tendo em vista que tirando os clubes participantes das quatro divisões, compostas por 20 equipes nas três primeiras e 68 na última, apenas 128 equipes jogam profissionalmente toda a temporada. Ou seja, a maior parte dos atletas precisa se colocar no mercado de trabalho¹² no segundo semestre de cada ano. O desenvolvimento de uma indústria que molda atletas para a venda, e salários baixos implica diretamente na estagnação do futebol local, principalmente após o pentacampeonato mundial em 2002.

A guisa de conclusão, estas transformações impostas pela modernização, acentuaram a exclusão e a desigualdade entre as agremiações. “A gestão de clubes e de federações continua marcada, de um modo geral, por denúncias de corrupção e enriquecimento ilícito. A classe dos jogadores profissionais permanece desunida. Os times reclamam que são vítimas da ação de empresários inescrupulosos” (PRONI, 2007, p. 20).

1.3 AS TRANSFORMAÇÕES NA VIRADA DO MILÊNIO

Nos anos 2000, as transformações ocorridas no futebol ficaram ainda mais visíveis, e com a ascensão da globalização, acarretaram também na rearticulação e reformulação dos campeonatos de clubes europeus, que fortaleceu os clubes tradicionais que estavam no topo do ranking da UEFA, e relegou ao ostracismo “em um só golpe, o futebol centro europeu, os países do norte e do leste foram praticamente excluídos das noites europeias” (PEREIRA; COELHO, 2018, p. 408).

Entre 1998 e 2008, essa diferença entre as duas Europas ficou evidente. Na edição de 1999-1999 da Champions League, disputaram a fase de grupos equipes de 16 países diferentes, incluindo Dinamarca, Finlândia, Noruega, Croácia, Grécia, Turquia, Rússia, Ucrânia, Áustria, Portugal, Holanda, França Alemanha, Inglaterra e Espanha. Dez anos depois, com oito novas vagas na competição, esse número foi reduzido para 13. Neste mesmo lapso de tempo, tornou-se habitual deixar de ver países com longa tradição na história participarem competição. (PEREIRA; COELHO, 2018, p 409)

Paralelamente a isso, vimos uma crescente Torre de Babel na construção dos elencos que disputavam competições nacionais e continentais.

1.3.1 Globalização ou Golbalização?

De acordo com Trizoto (2014), “a Globalização enquanto fenômeno capitalista acaba por criar elementos que unem e segregam ao mesmo tempo, pois ao passo que anula distâncias de tempo e espaço, não produz uma homogeneização, mas uma difusão polarizada” (p.34). As relações comerciais e o fluxo de informações ditam as regras de acordo com as necessidades de cada grupo social e do período. SANTOS (2001) afirma que o dinheiro e a informação emergem como uma “dupla tirania” (idem), fornecendo “as bases do sistema ideológico que legitima as ações mais características da época e, ao mesmo tempo, buscam conformar, segundo um novo ethos, as relações sociais e interpessoais, influenciando o caráter das pessoas” (idem).

A globalização era uma novidade capaz de solucionar os problemas e as contradições do capital transnacional, “com sua promessa de bondade universal, ao lado da outrora igualmente saudada e reverenciada noção da “mão invisível”. Mas, na realidade, o sistema do capital se moveu inexoravelmente em direção à “globalização” desde seu início” (MÉSZÁROS, 2009, p.14). Ainda nas palavras de MéSZáROS, a voracidade desse processo se dá, “devido à irrefreabilidade de suas partes constitutivas, ele não pode considerar-se completamente realizado a não ser como um sistema global totalmente abrangente” (idem). Buscando demolir “todos os obstáculos que permaneciam no caminho de sua plena expansão e porque ele deve continuar a fazê-lo enquanto o sistema perdurar” (idem).

Em síntese,

- a) A globalização consubstanciaria uma nova etapa no desenvolvimento do capitalismo, na qual a integração mundial de mercados suplanta a estruturação anterior do sistema em economias nacionais autônomas.
- b) Esta nova etapa seria caracterizada pelo descolamento do (grande) capital dos Estados e economias nacionais, o que conferiria a esse capital uma natureza essencialmente global.
- c) A formação deste capital global estaria levando ao enfraquecimento generalizado dos Estados nacionais, suplantados por novas estruturas mundiais de poder polarizadas pelas empresas que predominam nos mercados globais.
- d) Este processo de globalização econômica estaria sendo acompanhado por um processo análogo e interligado de "mundialização da cultura", com valores e identidades globais superando os valores e identidades nacionais.
- e) Esta "mundialização da cultura", por sua vez, estaria conformando uma nova "sociedade civil global", que também se desprende do marco nacional e, cada vez mais, encaminha as suas reivindicações diretamente para os organismos internacionais que constituem o esboço de uma espécie de "governo mundial" (ONU, FMI, Banco Mundial, etc.).
- f) Para o bem ou para o mal (segundo o enfoque do analista), este conjunto de processos imporá aos Estados nacionais uma agenda única de ajuste macroeconômico e uniformização institucional-regulatória, orientada para a

"integração plena" nos fluxos mundiais de comércio e investimento. (FERNANDES, 1997, p 14/15)

O futebol até então baseado na ótica da “simples existência do regime profissional; a venda de ingressos e a negociação do «passe» dos jogadores, não implicava a existência de relações tipicamente capitalistas” (PRONI, 2000, p.42). Em seu novo posto, ainda tinha um “pequeno problema” a ser resolvido, mesmo adquirindo um caráter de aglutinador de massas, ele “ainda não podia ser assistido simultaneamente por milhões de pessoas, o espetáculo não era vendido por milhões de dólares, um time não podia ser negociado na Bolsa de Valores e dificilmente um jogador conseguia fazer fortuna jogando bola” (idem).

A fim de resolver esse “inconveniente”, os investidores passam a aplicar as regras e ferramentas do marketing, desenvolvendo uma vertente denominada marketing esportivo, que visa “elaborar e implementar atividades de produção, formação de preço, promoção e distribuição de um produto esportivo para satisfazer as necessidades ou desejos de consumidores e realizar os objetivos da empresa” (PITTS; STOTLAR, 2002, p. 90). De acordo com Las Casas (2002) as vantagens do marketing esportivo são:

Figura 2: Vantagens do Marketing Esportivo

VANTAGENS	CARACTERÍSTICAS
Divulgação da marca	Uma empresa ao fazer o patrocínio de um clube tem sua marca em vários pontos dos estádios, em camisetas, bonés, etc., além de uma série de outras exposições que facilitam a divulgação da marca.
Apelo às emoções	A grande tendência do “marketing” hoje em dia é a de criar experiências agradáveis para os consumidores. Ao investir no futebol, a empresa cria de forma indireta essa experiência, pois as emoções que são geradas nos esportes são automaticamente transferidas para os patrocinadores. Essa é uma forma simpática de anunciar, ao contrário das mídias tradicionais que o consumidor percebe que se tratam apenas de uma ferramenta de persuasão.
Simpatia junto às mídias	Os patrocinadores passam a ser vistos no mercado não só pelo pessoal da publicidade, mas também por todos os demais públicos de uma empresa, como, por exemplo, bancos, concorrentes, fornecedores, etc.
Custos menores	A marca da empresa passa a ser divulgada com freqüência em diversas mídias, pois sempre que a foto do clube patrocinado aparece nos jornais, revistas, a marca aparece também, sem falar na repercussão dos dias de jogos. Esta exposição muitas vezes é bem maior que nas mídias tradicionais. Comparando-se os custos, com certeza, o investimento no Marketing Esportivo é compensador.
Imagem ligada ao público jovem	Como futebol atrai consumidores jovens, esse é um público que interessa no sentido de formar um grupo de clientes futuros. Começando a se familiarizar com a marca desde cedo, há uma forte tendência para o “recall”.
Ações combinadas	Muitas vezes é possível que a empresa e o clube realizem eventos ou qualquer outra atividade promocional como “merchandising” por exemplo, a fim de reforçar mais a ligação entre patrocinador e patrocinado.

Fonte: LAS CASAS, 2002

Wisnik (2008), por sua vez afirma que:

o marketing esportivo pesado, a vedetização do craque da vez – sem precedentes, sem limites e sem fronteiras –, a TV a cabo e o pay-per-view florescentes, a inclusão das mais remotas nações no mesmo jogo globalizante, a megaempresa capitalista associada aos expedientes do favorecimento oportunista e “amador” dos cartolas, ou em disputa com ele, unificam litigiosamente o universo futebolístico expandido num tabuleiro no qual são repuxados interesses e poderes de grande magnitude. (WISNIK, 2008, p. 356)

Zubieta (2002) expõe a sua nova proporção: “nos últimos anos, o futebol converteu-se em algo inevitável. Não está somente nos estádios, mas invadiu todos os terrenos” (p. 93). Ele extrapolou as quatro linhas; tornou-se “a estrela dos meios de comunicação, o centro das conversações cotidianas, a obsessão de alguns, a razão de viver de muitos e um autêntico pesadelo para os poucos que não entendem deste esporte” (idem). Tamanha a explosão de informações, produtos licenciados e transmissões esportivas em rede aberta, o futebol adentrou no cotidiano das pessoas, de um tempo para cá deixou de ser algo extraordinário dos domingos à tarde para converter-se no pão nosso de cada dia. (p. 93).

De acordo com Pascal Bonifance, o futebol seria a expressão do último estágio da globalização. Um império que desconhece o conceito de fronteira ou limite (2006, p.13), popular em essência, emula conquistas épicas, uma equipe campeã da Liga dos Campeões da Europa se torna o rival a ser batido. O campeão europeu, do mesmo modo, no Campeonato Mundial de Clubes da FIFA, onde times lutam em nome da soberania de um continente sobre o outro, a fim de receber a alcunha de campeão do mundo, por um breve momento, “dono do mundo”, principalmente se olharmos pelo viés de seus seguidores. Esse globalismo fica claro em sua fala, quando ele afirma que “Não há uma área habitada do planeta, não importa quão pequena, que soubesse, poderia ou queria resistir à conquista do futebol. Este esporte, tão tipicamente britânico, tornou-se o esporte mundial” (BONIFACE, 2006, p.13).

Devido a seu alcance, o grupo com maior poder aquisitivo realoca suas forças de maneira que consiga fazer prevalecer seus interesses perante os demais. A fim de dar conta dessa tarefa, na Europa foi criado o G14, ou Grupo Europeu de Interesse Econômico (EIG) sediando em Bruxelas, tendo como principais atribuições, representar “os pontos de vista dos clubes de renome para participar mais da qualidade e sucesso das competições europeias de clubes” (BONIFACE, 2006, 127). É considerada a “1ª organização internacional de clubes de futebol” (idem). Munido de “pretensões supranacionais, [...]pressiona a UEFA por um campeonato europeu de clubes, que lhe seria mais rentável do que os tradicionais

campeonatos nacionais. E pressiona a FIFA para não ser obrigado a ceder seus jogadores de variadas procedências às respectivas seleções” (FRANCO Jr., 2007, p. 95).

Com medo de ficar refém deste grupo, a FIFA e a UEFA articularam sua dissolução, devido ao seu caráter elitista e pouca representatividade (18 clubes apenas) e fomentam a criação da ECA (European Clubs Association – Associação de Clubes Europeus, em português) composta por 103 membros, advindos de 53 Federações filiadas a UEFA. Os membros fundadores dessa associação são: Barcelona e Real Madrid (Espanha), Juventus e Milan (Itália), Lyon (França), Rangers (Escócia), Bayern de Munique (Alemanha), Chelsea e Manchester United (Inglaterra), Ajax (Holanda), Porto (Portugal), Anderlecht (Bélgica), Dinamo Zagreb (Croácia), Olympiacos (Grécia), Copenhagen (Dinamarca) e Birkirkara (Malta).

Neste cenário globalizado, não podemos perder de vista o papel propulsor da televisão. Para Franco Jr., ela é a “melhor expressão da globalização econômica e esportiva do futebol a partir de fins do século XX” (FRANCO JR, 2007, p 123/4). Veremos mais acerca de seu protagonismo em todo esse processo no próximo subitem, que abordará o processo de financeirização do futebol na virada do milênio.

Esta emergência de uma sociedade global diretamente impactada pelas metamorfoses do capitalismo, “não se confinam apenas às economias, mas fazem-se sentir igualmente na esfera política, cultural e na vida doméstica. [...], os níveis atuais de globalização estão a fazer desaparecer as antigas fronteiras entre interno e externo, local e internacional” (idem).

Mesmo sendo amplamente vislumbrado como um processo essencialmente econômico, seus desdobramentos são sentidos em outras esferas da vida cotidiana, ela “está criando novos sistemas e forças transnacionais. Ela é mais que o mero pano de fundo para políticas contemporâneas: tomada como um todo, a globalização está transformando as instituições das sociedades em que vivemos” (GIDDENS, 1991, p. 43). Já (MCGROW, 1992, p. 23), a trata enquanto “multiplicidade de relações e interconexões entre Estados e sociedades, [...]. Focaliza o processo pelo qual os acontecimentos, decisões e atividades em uma parte do mundo podem vir a ter consequências significativas para indivíduos e coletividade em lugares distantes do globo”.

Seu impacto na vida dos indivíduos é notório. Estamos vivendo o período histórico no qual o contato interpessoal não se dá mais apenas na esfera física. Inúmeras outras maneiras são acessíveis: “comunicação instantânea da informação, a cultura universal de estilos e experiências, o alcance mundial de mercados e mercadorias, os produtos compostos de partes

oriundas de diferentes continentes. E a referência à aldeia global tornou-se um clichê que poucos contestam” (GREW, 1993, p.228).

FOER (2005, p.8) vai além. Para ele, “onde se olhasse, fronteiras e identidades nacionais tinham sido varridas para a lata de lixo da história. Os melhores clubes agora competiam entre si quase semanalmente, em torneios como a Liga dos Campeões Europeus ou a Copa Libertadores da América”. A rede mundial de computadores e os satélites “havia tornado o mundo do futebol tão menor e tão mais acessível. Era possível ver a globalização em ação: nos anos 1990, times bascos, orientados por técnicos galeses, abasteciam-se de jogadores da Holanda e da Turquia; equipes da Moldávia importavam nigerianos” (idem).

1.3.2 A Financeirização do Futebol na virada do milênio

Na mesma linha da globalização, podemos apontar um outro processo econômico que influenciou diretamente o futebol: a financeirização, ou mundialização da economia⁹, ou seja, por decisões de compra (venda) de ativos comandadas pela expectativa de revenda (recompra) com lucros em mercados secundários de ações, imóveis, moedas, créditos, commodities e vários outros ativos”. (BASTOS, 2013, p.01).

Esta ideia que tem como escopo a especulação é dicotômica, ao passo que transforma as relações econômicas em transnacionais, tendo em vista que os capitais há muito adquiriram um caráter transfronteiriços (desde a adoção do neoliberalismo e do Consenso de Washington), trabalhando com incertezas, projeções muitas vezes fictícias ou até mesmo errôneas. “Teoricamente, a financeirização envolveu o ganho de autonomia e influência do capital fictício¹⁰ sobre o conjunto das economias capitalistas” (idem).

Existem em tese, três diferentes origens em comum: “fato de que, ao mesmo tempo em que é fictício, é real. É real do ponto de vista do ato individual e isolado, no dia-a-dia do mercado, quer dizer, do ponto de vista da aparência; é a dialética fictício/real” (CARCANHOLO e SABADINI, (2009, p.45). Adiante, encontramos uma congruência, “A

⁹ A expressão ‘mundialização do capital’ é a que corresponde mais exatamente à substância do termo inglês ‘globalização’, que traduz a capacidade estratégica de todo grande grupo oligopolista voltado para a produção manufatureira ou para as principais atividades de serviços, de adotar, por conta própria, um enfoque e conduta ‘globais. (CHESNAIS, 2005, p.17)

¹⁰ O conceito de capital fictício surge a partir do desenvolvimento do “capital portador de juros e sistema de crédito”. (MARX, 1893, p. 8) Esse capital “parece duplicar e às vezes triplicar pelo modo diverso em que o mesmo capital ou simplesmente o mesmo título de dívida aparece, em diferentes mãos, sob diversas formas”, portanto sua existência em grande parte é fictícia” (idem). Implicando na possibilidade da “mesma peça de dinheiro pode efetuar diferentes compras, conforme a velocidade de sua circulação, ela pode servir igualmente para realizar diferentes empréstimos, pois as compras fazem-na passar de uma mão para outra e o empréstimo é apenas uma transferência de uma mão para outra, que não é mediada por nenhuma compra” (MARX, 1893, p. 9).

ausência de uma visão dialética (...) impede de ver que o ‘capital financeiro’, o capital fictício, ao mesmo tempo em que é fictício, é real. Isso ao mesmo tempo! (CARCANHOLO e SABADINI, 2009, p.60)

Chesnais, afirma que as fases de implementação da mundialização do capital reposiciona atores existentes e trazem à cena novos atores, provocando uma reação em cadeia, que atinge os agentes institucionais. Enquanto regime de acumulação, Harvey aponta a uma mudança na forma como ela ocorre, pois a trata como um avanço ou desdobramento natural do capitalismo, já o primeiro, trata esse processo como algo relativamente inédito. Neste sentido:

Circunscrevendo a financeirização a fatores tais como a expansão e desregulamentação dos mercados financeiros, a multiplicação do capital fictício, o surgimento de novos atores ligados ao capital financeiro – precisa recorrer a outros elementos para “completar o quadro” do capitalismo contemporâneo. Já Chesnais, concebendo a financeirização como a configuração mais ampla, em vários níveis, do capitalismo atual, precisa apenas distinguir e explicitar o que é abarcado pelo conceito.

Harvey e Chesnais possuem, assim, perspectivas diferentes, mas de certo modo complementares: Chesnais confere coerência a uma série de fenômenos, reunindo-os sob o ponto de vista geral da financeirização, ao passo que Harvey, operando com uma concepção mais circunscrita desta, aprofunda a análise dos demais aspectos do capitalismo, sem deixar de relacioná-los à questão financeira. Este talvez consista num dos benefícios de uma abordagem conjunta dos dois autores (LAPYDA, 2011, p. 189).

Harvey defende que o âmago deste processo seria o crédito e a circulação de ativos e juros, e que isso só manteria a crescente mundialização se fosse organizada, estando intrinsecamente ligada a espoliação de economias e grupos hierarquicamente oprimidos.

Todavia com o colapso de algumas empresas de capital especulativo em 2008 principalmente nos EUA, empresas como a AIG, então patrocinadora máster do Manchester United foi praticamente à bancarrota, impactando diretamente na agremiação, tanto que faltando mais de um ano para o encerramento do contrato informou que não iria renová-lo. Se analisarmos os dados de transferências das épocas 2008/2009 e 2009/2010, teremos uma noção do tamanho do estrago: de acordo com o site especializado <www.transfermrkt.pt¹¹>, no verão de 2008, Manchester United gastou 45,25 M € em compra de atletas e 7,45 M € em vendas. No verão seguinte, já ciente do fim da parceria, gastou 27,40 M € na aquisição de peças para o plantel e gerou 104,47 M € com vendas, dos quais 94 M € foram da transferência de Cristiano Ronaldo para o Real Madrid. Mesmo girando em cifras estratosféricas para o

¹¹ Acesso em 30, nov.2017.

período, podemos questionar se a venda ocorreria caso a patrocinadora estivesse saudável financeiramente.

Neste aspecto, o futebol é um campo prolífico para a aplicação dos preceitos da financeirização e do capital especulativo, pois ele “adquiriu o caráter de um produto a ser comercializado mais do que um mecanismo de expressão de identidades culturais; o principal interesse do mercado é extrair do futebol o máximo de lucro possível” (BARBOSA, 2008, p 185). Lucro, palavra mágica que move o mundo, é a chave para entender o futebol globalizado.

Quem acaba recebendo uma dose extra de protagonismo neste cenário, são as indústrias de comunicação e sua atuação no fomento da transnacionalização, “porque os meios de comunicação, diretamente por meio de da publicidade, porém indiretamente também em todas suas formas, chamam a atenção sobre os produtos em geral, ademais do produto específico dos meios de comunicação em venda” (MOSCO, 2009, p. 262-263).

Braga (1997, p. 196): trata a financeirização como “um padrão sistêmico porque a financeirização está constituída por componentes fundamentais da organização capitalista, entrelaçadas de maneira a estabelecer uma dinâmica estrutural segundo princípio de uma lógica financeira geral”. Esse processo é caracterizado ainda pelo de não decorrer “apenas da práxis de segmentos ou setores – o capital bancário os rentistas tradicionais – mas, ao contrário, tem marcado as estratégias de todos os agentes privados relevantes” (idem).

O que acaba interferindo no modo como ocorre a “operação das finanças e dispêndios públicos, modificado a dinâmica macroeconômica...” (idem); o negócio chamado futebol pode ser considerado um destes “agentes privados relevantes”, pois as relações esportivas ganharam especulações, que alteram diretamente no processo de mercadorização do jogo, o preço de um atleta aumenta de acordo com o interesse dos compradores.

O “caso” Neymar, por exemplo, causou um efeito cascata aumentando os valores de transferências, como um todo, na última janela, e o principal afetado foi o Barcelona, seu ex-clube. Todo o mundo esportivo ficou com “olhos de lince” nos 222 M€ recebidos pelos Blaugranas. Qualquer jogador cuja equipe estava interessada, tinha seu valor de mercado aumentado exponencialmente. O foco da janela eram dois atletas: Phillippe Coutinho, estrela do Liverpool¹² e Ousmane Dembelé jovem promissor do Borussia Dortmund, jovem promissor do Borussia Dortmund, sendo que apenas o segundo assinou contrato após arrastadas negociações que chegaram ao valor de 110 M€, além de diversas bonificações. Já o

¹² Transferência efetivada em 06/01/2018 por 90M€. Fonte: <<https://www.transfermarkt.pt/philippe-coutinho/profil/spieler/80444>>, acesso em 19. Jul.2018.

primeiro teve sucessivas ofertas recusadas pela equipe inglesa. Diversos valores foram especulados na imprensa especializada e até mesmo uma oferta de 160 M€. Ou seja, na mesma janela o Barcelona poderia ter celebrado a segunda e a terceira das negociações mais caras da história do futebol. Mais do que isso, os 222M€ arrecadados com a venda de Neymar seriam insuficientes para a aquisição destes dois jogadores. Para ter uma ideia, a negociação mais cara até então era a transferência de Paul Pogba da Juventus para o Manchester United, em julho de 2016, 105M€.

Mesmo a UEFA tendo uma política de Fair Play Financeiro, (FPP) cuja meta é melhorar a saúde financeira dos clubes de futebol europeu, e que prevê sanções aos clubes que não se enquadrarem nos critérios estabelecidos¹³, ela não foi páreo para os anseios dos donos do Paris Saint Germain. O publicitário Armando Strozenberg, ex-presidente da Associação Brasileira das Agências de Publicidade (ABAP), e ex-presidente do conselho de administração da Havas no Brasil; André Pedroso, diretor de Criação da agência Fischer; Hugo Rodrigues, ex-presidente da agência Publicis, e o consultor Jaime Troiano declaram em um artigo da revista Valor¹⁴ com data de 05 de agosto de 2017 de que o investimento de Nasser Al-Khelaifi presidente do PSG na compra dos direitos federativos de Neymar do Santos Júnior, pode atingir a solvência antes do final de seu contrato.

Essa financeirização se tornou uma tendência por ser considerada um negócio altamente rentável e lucrativo, pelo fato de que os investidores em caso de sucesso, podem receber boladas de dinheiro infinitas vezes maiores que seu investimento capital. Do mesmo modo, algumas equipes abrem seu capital e o inserem na bolsa de valores, como vemos na figura a seguir:

¹³ Maiores informações: < <http://pt.uefa.com/community/news/newsid=2065454.html>> . Acesso em 30 out. 2017.

¹⁴ Disponível em <<http://www.valor.com.br/empresas/5069144/para-especialistas-psg-pode-recuperar-gasto-com-neymar-em-um-ano>>, acesso em: 01, nov. 2017.

Figura 3: Performance dos clubes de futebol no mercado de ações em 2016

Club		Currency	Price close (as of 30 December 2015)	Price close (as of 30 December 2016)	Annual change (%)
Trabzonspor		TRY	1.27*	2.84	123,6%
Beşiktaş JK		TRY	2.16*	4.00	85,2%
Galatasaray SK		TRY	17.67*	32.30	82,8%
Olympique Lyonnais		EUR	2.03*	2.94	44,8%
Borussia Dortmund		EUR	4.01	5.26	31,1%
Juventus FC		EUR	0.26	0.30	15,8%
SS Lazio		EUR	0.52	0.58	11,8%
Arsenal FC		GBP	16.670.00*	16.510.00	5,4%
Fenerbahçe SK		TRY	37.20*	39.00	4,8%
AFC Ajax		EUR	8.50*	8.75	2,9%
FC Porto		EUR	0.70*	0.69**	-1,4%
Celtic FC		GBP	0.74*	0.71	-3,4%
SL Benfica		EUR	1.04*	0.98	-5,8%
AS Roma		EUR	0.49	0.41	-15,1%
Manchester United FC		USD	17.81*	14.25	-20,0%
Sporting CP		EUR	1.10	0.62	-43,6%

Fonte: < https://www.footballbenchmark.com/stock_exchange_football_clubs>, acesso em 02, nov. 2017)

Os valores das ações das equipes, como as de qualquer outro produto, variam de acordo com seus resultados. No caso do futebol, estes valores perpassam pelos resultados obtidos nos campeonatos disputados, contratações com impacto positivo ou negativo, turbulências políticas e divulgação das marcas na mídia, para ficar nos exemplos mais corriqueiros, encontrados no dia-a-dia destas equipes.

Antes de passarmos para o próximo título, vamos reforçar o papel da televisão neste processo. Tanto de financeirização, quanto de mercadorização pela qual o futebol vem passando. “Não há dúvida de que a grande parceira do futebol é a televisão. Graças a ela, o futebol conquistou escala global e, nos campeonatos mais ricos, ela é responsável por considerável parcela do faturamento dos clubes e dos jogadores” (SUZUKI JR., 1997 apud PRONI, 1998, p. 10). Dito isso, entramos na última parte deste capítulo, onde iremos trabalhar com a espetacularização do futebol e a inserção dos novos atores neste espetáculo.

1.3. DO PENTA AO OCASO: OS ANOS 2000

A virada do milênio trouxe consigo a primeira Copa do Mundo fora das Américas e da Europa, em 2002, sendo a primeira copa do novo século realizada em terras japonesas e coreanas, onde o Brasil levantou seu quinto e último campeonato mundial. A final, em Yokohama, foi um “divisor de águas”, tanto para brasileiros quanto para alemães. Os primeiros entraram em uma espiral descendente, a qual culminou com uma humilhante

derrota, por 7x1, no Estádio Mineirão, na Copa de 2014, para a Seleção da Alemanha, que se 'reinventou' após a derrota em terras japonesas, tornando-se o “bicho papão” do esporte.

O grande problema talvez tenha sido a “zona de conforto” assumida e vivida pelo futebol local; desempenhos fracos em 2006; derrota para a França nas quartas de final; e derrocada do quadrado ‘mágico’ (Adriano, Kaká, Ronaldinho e Ronaldo). Em 2010, queda para a Holanda, também nas quartas de final, com uma seleção ‘sofrível’.

O alerta para que os problemas fossem precocemente detectados não foi ‘ligado’ para evitar o que se seguiu em 2014, com a Copa do Mundo no Brasil, quando a seleção perdeu de 7x1 para a Alemanha.

Hilário Franco Jr. (2007) aponta para uma característica do povo brasileiro, “a tendência em depositar suas expectativas (e quando frustrado, suas críticas) em individualidades e não em coletividades” (p.162), seja em qual for o campo social. Ainda para o mesmo autor, “espera-se sucesso de gestos isolados, não de esforço contínuo e planejado. Seja na política ou no futebol, a sociedade brasileira continua esperando um messias que resolva suas dificuldades” (p.162).

Esta mercadorização do futebol cresceu geometricamente nos anos 2000 e trouxe em seu bojo um grande fluxo de capitais oriundos da venda dos direitos de transmissão dos jogos via TV, rádio, internet pay-per-view e streaming, do licenciamento das marcas em parceria com as empresas de produtos esportivos, juntamente com as transferências para fora do Brasil, superaram com grande margem de vantagem a antiga fonte de renda majoritária das agremiações que era a bilheteria. Empresas como a Hicks Muse e Tate, International Sports and Leisure (ISL) e Media Sports Investment (MSI) investiram maciçamente no futebol brasileiro neste período, plantando delírios de grandeza aos torcedores, mas que na prática quase levaram Corinthians, Flamengo e Grêmio à bancarrota, fruto de gestões amadorísticas e os negócios feitos em grande parte na informalidade, o resultado tem sido uma elevação do grau de corrupção (AZEVEDO; REBELO, 2001, p. 1).

O que cria um cenário repleto de contradições, “emissoras de TV, empresas de investimentos e de marketing, empresários e agentes de jogadores obtêm lucros elevados; boa parte dos dirigentes enriquece pessoalmente; uma minoria de jogadores recebe altos salários” (idem).

As principais vítimas deste processo, sofrendo com as consequências das ingerências administrativas, são as agremiações, que mergulhadas em dívidas, não conservam os campos; arquivadas e atrasam salários, tornando-se praticamente insolventes. Nesta esteira, a maior parte dos atletas recebe baixos salários e não tem qualquer sistema de aposentadoria. “A

qualidade do futebol decaí, os estádios vão ficando vazios. E também abandonados, sem reformas e manutenção, oferecendo pouco conforto e até mesmo tornando-se ameaça à segurança dos torcedores” (AZEVEDO; REBELO, 2001, p. 1).

Neste cenário complexo é que nosso objeto de pesquisa está inserido, e, para compreender como a formação das sociabilidades dos jogadores do Campeonato Municipal de Futebol Amador de Erechim no ano de 2016, que são ex-profissionais, foi influenciada por todas estas transformações, e de que maneira elas permearam estas construções, principalmente no que tange a essa profissionalização; fracasso e reinserção no mercado de trabalho é necessário que observemos em alguns outros elementos que fazem parte desta miscelânea.

Por isso, no capítulo a seguir, analisaremos a ideia de que existem quatro matrizes que compõe o futebol (DAMO, 2005): a matriz bricolada, a matriz espectacularizada, a matriz comunitária e a matriz escolar, e a maneira como elas implicam na realidade esportiva. Deste modo, poderemos compreender como ocorre a articulação do futebol amador em Erechim.

2 FUTEBOL OU FUTEBOIS?

Ao longo do primeiro capítulo discorreremos acerca da reestruturação do futebol, principalmente após a eleição de João Havelange para a direção da FIFA, em 1974, e o efeito cascata gerado no esporte: tivemos a inserção das marcas e sua conseqüente mercadorização; a flexibilização das relações de trabalho após a promulgação da lei de Bosman em 1995; e a progressiva profissionalização do futebol de clubes, sob uma égide capitalista. Estes efeitos foram sentidos de modo bastante significativo no Brasil. Principalmente pelo amadorismo característico das gestões ‘clubísticas’ locais.

“Não há um só clube brasileiro que seja exemplo de administração profissional. Os clubes não buscam transparência na gestão (publicação de balanços auditados, por exemplo) e, conseqüentemente, não buscam credibilidade necessária à captação de recursos” (MÓSCA; SILVA; BASTOS, 2010, p. 61).

Com isso, adentramos no segundo capítulo desta pesquisa, que analisa o espetáculo futebolístico; a transformação do torcedor em cliente; e as hibridizações que esse processo possibilita. Analisa também, o “outro lado da moeda”, a ideia das matrizes futebolísticas, e a construção do futebol amador enquanto espaço lúdico e de formação de sociabilidades.

2.1 O NOVO MILÊNIO: ABREM-SE AS CORTINAS PARA O ESPETÁCULO FUTEBOLÍSTICO

Ao tornar-se um braço do capitalismo, o futebol passou a concatenar inúmeros interesses que ultrapassavam a ideia de uma sociabilidade lúdica, compreendida como “um processo interativo no qual os indivíduos escolhem as formas de comunicação, as trocas que os ligam aos outros, em contextos delimitados no espaço e no tempo, teatralizando as normas e as regras impostas pela socialidade” (CORBEAU; POULAIN, 2002, p. 151), ou de uma prática para o desenvolvimento e aperfeiçoamento físico apenas.

A ideia de uma atividade puramente voluntária, dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da “vida cotidiana” (HUIZINGA, 2007, p.33), reduz-se ao esporte amador.

“A espetacularização das práticas consideradas como de “alto rendimento” associou-se à difusão de um habitus esportivo, transformando milhões de pessoas em consumidores,

ativos ou passivos, de produtos esportivos”, (GUEDES, 2009, p.468), altera e implode a antiga correlação de forças. E como vimos, “são desdobramentos do crescimento do mercado transnacional, facilitado por eventos políticos que alteraram, de modo decisivo, as relações mundiais neste período. (...)” (idem).

Ao assumir os interesses do capitalismo, ele não perde sua imprevisibilidade, todavia: “Nenhuma mercadoria é inocente. Ela é também signo, símbolo, significado. Carrega valor de uso, valor de troca e recado. Povo a imaginação da audiência, auditório, público, multidão” (IANNI, 1992, p. 48-9), serve como subterfúgio das mazelas sociais. Deparamo-nos com alguns grupos que ainda o tratam como ópio do povo, onde cada gol é uma vitória: Gol! 1x0; acabou a desigualdade social; Golaço! 2x0, pleno emprego e fim da pobreza extrema; Feito! 3x0, a corrupção acabou; É rede! 4x0, professores são bem remunerados e valorizados; virou passeio! 5x0, saúde e saneamento básico com acessibilidade a todos; uma doce ilusão, uma deturpação de uma realidade hostil. Uma “vitória” perante tantas derrotas. O futebol “diverte; distrai; irrita; ilustra; ilude e fascina. Carrega padrões e ideais, modos de ser, sentir e imaginar. Trabalha mentes e corações, formando opiniões, ideias e ilusões” (idem).

A charge a seguir representa também essa ideia de ópio do povo defendida por alguns grupos, uma vez que escancara as contradições que o espetáculo esportivo pode trazer. Se por um lado, o ganho esportivo e a visibilidade são inegáveis, o seu custo é elevado para uma realidade social em que a pobreza e as diferenças sociais são inegáveis e claras em uma estratificação social que premia a corrupção e a opressão dos menos abastados.

Figura 4: Charge encontrada na página do periódico Brasil de Fato, que faz menção à Copa do Mundo FIFA realizada no Brasil no ano de 2014



Fonte: <<https://www.brasildefato.com.br/node/28936/>>; acesso em 13. mai.2018.

Permeado por todos esses elementos, ele passa a ser orientado a apresentar um “jogo que entretenha; que agrade o público”. [...] Tanto os treinadores como os jogadores estão mais preocupados com o resultado e com a necessidade de satisfazer à audiência do que com a experiência de jogar como uma satisfação em si mesma [...] (PRONI, 1998, p. 104). Convertendo-se “em instrumento e método de comunicação, contribuindo para formar uma opinião pública mundial, mediante a universalização do espetáculo” (PRONI, 2002, p 52). Seria uma nova roupagem “das grandes representações populares da Antiguidade, e torna-se tema central dos meios de comunicação de massa” (idem).

Debord (1997, p.30) reforça a ideia de que “O espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social. Não apenas a relação com a mercadoria é visível, mas não se consegue ver nada além dela: o mundo que se vê é o seu mundo”. No âmbito do futebol, são os noventa minutos que compõe o jogo, com maior ênfase nos clássicos e nas finais. Até mesmo nos confins da terra ele pode ser apreciado, tornando-se uma mercadoria célebre. “Nessas zonas avançadas, o espaço social é invadido pela superposição contínua de camadas geológicas de mercadorias”, camisetas, calções, meias, chinelos, bonés, cadernos, todo e qualquer material em que for possível estampar o distintivo e os patrocinadores.

A dominação ultrapassa a questão econômica, “domina-as como sociedade do espetáculo. Nos lugares onde a base material ainda está ausente, em cada continente, a sociedade moderna já invadiu espetacularmente a superfície social” (idem). O sistema age de modo que, por meio de um espetáculo orquestrado, a partir de seus interesses, apresentando os “pseudobens a desejar, também oferece aos revolucionários locais os falsos modelos de revolução” (idem).

De acordo com Kasznar (2002, p. 98-102¹⁵) existem três formas de dividir o espetáculo esportivo: Demanda esportiva econômica “quando o esporte visto e/ou praticado é remunerado, gerando fluxos de caixa, empregos assalariados, renda flutuante e variável às empresas, instituições esportivas que o praticam”; Semieconômica: “agrupamento de certas feições econômicas ao esporte, com outras não econômicas e associadas ao esporte voluntário, amador”; amadorística: “ver e/ou praticar esportes por puro prazer, sem que aspectos de ordem econômica interfiram em sua realização”.

Esta sistematização do esporte, segundo Huizinga (2007, p.219), “implica a perda de uma parte das características lúdicas mais puras”. Isto se manifesta nitidamente na distinção oficial entre amadores e profissionais (ou ‘cavalheiros e jogadores’, como já foi hábito dizer-

¹⁵ Elaboração nossa.

se). Separando-os em dois grupos, “aqueles para quem o jogo já não é jogo e os outros, os quais por sua vez são considerados superiores, apesar de sua competência inferior”. “O espírito do profissional não é mais o espírito lúdico, pois lhe falta espontaneidade, a despreocupação”. (idem).

Fazendo um contraponto, veremos alguns elementos que tornam o esporte atrativo, enquanto negócio para as empresas.

Figura 5: Rota dos esportes de Sucesso

	DEA - Demanda Esportiva Amadorística	DESE – Demanda Esportiva Semi-Econômica	DEE – Demanda Esportiva Econômica
ELEMENTOS GERAIS	<ul style="list-style-type: none"> - Surgimento natural; - Atitude lúcida, voluntária, idealista; - Sacrifício pessoal, espartano - Pode ser esporte novo, recente; - Ainda pode ser desconhecido do público; - Submetido a testes e aperfeiçoamentos; - Não é esporte olímpico - Alguns iniciados o desenvolvem - Noutras situações, já popular, conhecido, é amplamente disseminado. Nada rende ao esportista, ao espectador e aos estabelecimentos. - É o berçário dos esportes; - Nasce espontaneamente; - Caso sem prender interesse maior, desaparece; 	<ul style="list-style-type: none"> - Emergiu e está crescendo nas preferências do grande público; - Surgem oportunidades que viabilizam a prática econômica do esporte; - Ultrapassou o período de novidade ou moda e é conhecido do grande público de forma crescente; - Pode ser ou não esporte olímpico; - Evoluiu com vias de aperfeiçoamento, oferece volatilidade nos rendimentos a quem o pratica e apóia; - Pode remunerar de forma variável os desportistas, os espectadores (prêmios, atuações) e os estabelecimentos; - Possui seu caminho de expansão natural. 	<ul style="list-style-type: none"> - Evolução sob o auspício público e privado; - Movido a interesses dos esportistas, dos espectadores e dos promotores e produtores de bens e serviços para os esportes; - Tende a ser mais antigo, tradicional; - É conhecido do público e disseminado; - Aperfeiçoado, muda pouco; - Pode ser ou não esporte olímpico; - Pode fazer parte de cursos em academias, clubes e estabelecimentos; - Pode remunerar de forma variável os desportistas, os espectadores (prêmios, atuações) e os estabelecimentos; - Possui amplitude social e infraestrutura; - Já se desenvolveu e criou espaço próprio.
ECONOMIA	<ul style="list-style-type: none"> - A relação benefício / custo inexistente; - O pay-back ratio inexistente; - O investimento público tem caráter social, para beneficiar a população; - A demanda tende a ser grande, de massas, pois o preço em seu ingresso e prática pode ser bem baixo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Mede-se o benefício / custo, com resultados variáveis; - O pay-back pode ou não ser positivo; - O investimento público aumenta a base de consumo e demanda por este esporte. Sua consagração assegura-lhe mais e melhores promoções, recursos e meios; - A demanda é variável. O preço influencia sua prática e audiência. Alcançou a maturidade e cresce bem na margem. 	<ul style="list-style-type: none"> - Mede-se o benefício / custo, com resultados variáveis; - O pay-back pode ou não ser positivo; - O investimento público aumenta a base de consumo e demanda por este esporte. Sua consagração assegura-lhe mais e melhores promoções, recursos e meios; - A demanda é variável. O preço influencia sua prática e audiência. Alcançou a maturidade e cresce bem na margem.

Fonte: (KASZNAR, 2002. P. 97)

Dito isso, percebemos que estas relações estabelecidas são mais complexas, e que o futebol se enquadra na primeira variável apresentada por Kasznar, que é a “demanda esportiva

econômica”, pois permite, como já vimos, uma gama de negócios e conseqüentemente de lucro e rentabilidade. Esses elementos, aliados ao encurtamento das fronteiras são responsáveis por disponibilizar às pessoas dos lugares mais remotos ou de países subdesenvolvidos, “na privacidade de suas casas, as mensagens e imagens das culturas ricas, consumistas, do Ocidente, fornecidas por meio de aparelhos de TV ou de rádios portáteis, que as prendem à "aldeia global" das novas redes de comunicação” (HALL, 2003, p.20).

Ou seja, o esporte enquanto espetáculo aderiu aos preceitos do livre mercado, deixando de ser uma atividade fim para tornar-se uma atividade meio, “as equipes tornaram-se propriedade ou passaram a integrar as estratégias de acumulação de corporações empresariais, e os torcedores passaram a ser tratados (inclusive pelos meios de comunicação de massa) como clientes e consumidores” (PRONI, 2000, p. 255).

Mais do que isso, DAMO (2005) afirma que o futebol gera "intensa divisão social do trabalho dentro e fora do campo", (p.39), de maneira que cada indivíduo envolvido no evento esportivo tenha um papel específico a cumprir. Toledo (2002) separa estes agentes em quatro grupos:

- a) **Os profissionais:** “todos aqueles que interferem diretamente no jogo, quer dentro do campo como a própria performance dos jogadores, técnicos ou juizes na busca imediata dos resultados quer na percepção dos jogadores, fisiologistas, preparadores físicos, etc., ou no suporte administrativos dos dirigentes [...] que viabilizam a competição como espetáculo”;
- b) **Os especialistas:** “[...] [os] que procuram decodificar e ordenar para uma narrativa supostamente mais linear e universalista, a partir das técnicas disponíveis de cada meio midiático, o processo ritualístico em evento jornalístico, de interesse geral”;
- c) **Os torcedores:** aqueles que impõem ao futebol “a circularidade das emoções”, importando-se, sobretudo com a capitalização simbólica do desfecho dos rituais agonísticos;
- d) **Os dirigentes:** são aqueles que detêm o controle político e econômico do futebol de espetáculo. Podem ter cargos eletivos (como são os presidentes de clubes, federações e confederações), ou assegurados por outras vias (como são as nomeações de acionistas, patrocinadores, administradores, enfim, há uma extensa lista de novos gestores, produtos e produtores das últimas etapas da espetacularização do futebol, aliados ou rivais dos cartolas tradicionais). (Damo, 2005, p. 16/17)

Sob esta perspectiva, apresentaremos no próximo subitem a clientela que o futebol inserido na sociedade do espetáculo, possui os torcedores, que, de acordo com Trizoto (2014, p.49), são “atores sociais que se identifiquem com o mundo do futebol, que, muitas vezes acabam por comprar produtos para demonstrar ou reafirmar sua paixão, deixando aflorar suas emoções que normalmente ficam subjugadas no dia a dia”.

2.1.1 O torcedor enquanto cliente

As agremiações futebolísticas ao longo de sua história sempre tiveram ao seu lado um diferencial, um elemento que sempre as carregou para os mais longínquos lugares, o torcedor. Ele é “fiel por excelência, em virtude do amor que sente por seu clube. Enquanto em todos os setores, as empresas lançam marcas e busca fidelizar seu consumidor, no futebol os clubes têm uma legião de consumidores ávidos por produtos de seu time” (BDO, 2011 p.02).

É muito difícil encontrar alguém que troque de time com a mesma voracidade que se troca de relacionamento, casa, emprego, cidade etc. Neste sentido, “a marca nos clubes de futebol é seu maior ativo, entretanto os clubes têm que se relacionar com estes consumidores já fidelizados” (idem). Esse relacionamento deve ser dar, a partir da ótica de “é dialeticamente relacionado contingências históricas, políticas e socioeconômicas, das quais emergem as formas culturais, forças e relações pelas quais essa nova ordem é identificada, experienciada e compreendida” (ANDREWS, 2009, p.228).

O torcedor acabou metamorfoseando-se devido a estas transformações. Se o amor ainda continua, muito se deve aos fatores psicológicos “(...) o futebol pode ser entendido como “tela de projeção” de variados sentimentos de diferentes sujeitos (torcedores) sobre uma mesma entidade (o clube comum a eles)”. O comportamento desses torcedores é um fator interessante de ser analisado, afinal, existe “a sensação de dissolução da identidade pessoal do indivíduo – em termos de controle moral” (GOIG, 2009, p.35), criando uma identificação que transcende cor, classe social e etnia. A interação entre os indivíduos é facilitada pela atmosfera encontrada no estádio, no bar ou em qualquer outro local em que se esteja assistindo aos jogos. Essa relação, contudo, é contraditória, tendo em vista que a redução da atuação dos freios inibitórios, “agem como um instrumento para legitimar comportamentos racistas e xenofóbicos que, provavelmente, nunca seriam exibidos em níveis individuais” (GOIG, 2009, p.36).

Uma tendência nesse novo cenário é a aversão dos torcedores a essa mercadorização, mesmo que ela implique na compra de uniformes retrô. Eles querem a volta da “autenticidade” do passado, mas ainda não podem evitar o consumo de uma simulação mercantilizada. “As camisas de futebol ‘clássicas’, do período anterior à época em que os nomes dos patrocinadores foram estampados na frente, podem ser compradas pelo correio”. (GIULIANOTTI, 2002, p.138). Essa memória ufanista também gera divisas aos canais por assinatura, que reproduzem de tempos em tempos partidas antigas, grandes clássicos e jogos

decisivos, já “os museus do futebol introduzem as próximas gerações de torcedores na arquibancada no velho estilo, por meio de modelos simulados e interativos” (idem).

Para Toledo (2010), “Torcer é fustigar a esfera segura da individualidade e, nessa medida, seria como que experimentar extensões, torções e projeções do “eu” na esfera pública, ou, aproximando-nos de conceituações como as de Gell” (p.182). Aquele que se insere nesta seara, passa a se integrar e interagir com milhares de sujeitos e repleto de “coisas, objetos, seres cosmológicos, todos arrebatados e articulados pela arte e artefato do futebol: camisetas dos times queridos, bolas, troféus, chaveiros e essa infinidade de souvenirs avidamente disponibilizados pela e para a vontade torcedora” (idem). Essa relação entre torcedor e time expressa “algo muito maior do que a mera compulsão consumista, pois há algo de nós nesses objetos, há algo dos objetos agenciados em nós” (idem).

Torcer ultrapassa a atmosfera futebolística, é desabafar, é posicionar-se. Existem alguns casos nos quais o futebol se torna o exemplo desse posicionamento, principalmente relacionadas às questões de identidade e pertencimento. Como por exemplo, “temos de um lado grupos lutando por reconhecimento e independência, a Catalunha da Espanha, Kosovo²⁰ da Sérvia (estes dois podem disputar amistosos anuais) e o próprio reconhecimento do Estado Palestino” (TRIZOTO, 2014, p.52).

A fim de firmar o novo status do futebol, “a FIFA impôs normas severas para jogos internacionais, incluindo esta: todos sentados, nada de carnaval, passeatas e movimentos afins. Os clubes aceitam, pois os novos consumidores, além de muito mais “comportados” (não interferem no andamento do jogo)” (GAFFNEY; MASCARENHAS, 2004, p. 09), uma clara elitização do esporte, e transformação no modo de torcer. Somado ao fato de mercadorizar essa relação torcedor x clube, ela visou expulsar os torcedores mais baderneiros, como os Hooligans

2.1.2 O Pé de Obra Ganha o Mundo

Os atletas brasileiros, mais do que nunca passam a nutrir o sonho de jogarem nas ligas europeias, uma vez que se tornar bem-sucedido no Brasil, ou em grandes clubes locais, já não é mais relevante. O que realmente importa é a visibilidade que estas ligas possuem, a possibilidade de receber seus proventos em dólar ou euro fala muito mais alto. O fato das gestões serem amadoras, nos clubes brasileiros, contribui para este êxodo.

A transformação do atleta em mercadoria escancara “um índice gritante da fragilidade econômica, política e cultural, incapaz de reter os grandes craques consumados ao mesmo

tempo em que produz também os obscuros trabalhadores da bola à procura de oportunidades em todos os confins do mundo”. (WISNIK. 2008, p.23).

Essa crescente demanda por jogadores brasileiros era fruto principalmente, da dificuldade de empregabilidade no Brasil; interesse dos clubes estrangeiros (competitivos e financeiros); custo benefício da importação dos jogadores; aumento do número de empresários sedentos por lucros e rentabilidade e o próprio mecanismo de solidariedade aplicado pela FIFA em 2001 (BARTHOLO; SOARES. 2008, p.3). Criando um novo nicho de mercado²¹, que visa prioritariamente negócios com o mercado estrangeiro. Os jovens que passam nas triagens e integram estes centros formadores especializados são preparados para emigrarem para outros países, e esta é sua meta profissional.

Os principais destinos para estes atletas são Portugal e Holanda (mercados secundários – que facilitam sua adaptação), Alemanha, Itália, França, Espanha e Inglaterra. A fama que os jogadores brasileiros têm, de serem técnicos, gera a cobiça dos times estrangeiros, pois somado ao fato de serem bons, são baratos, e, devido a sua origem normalmente humilde, “aceitam” ser “desterritorializados seguindo as estratégias de clubes e agentes/empresários; submetidos a treinamentos extenuantes que os inviabilizam para outras atividades – diferentemente da produção francesa, que coloca a formação escolar e esportiva em paralelo” (DAMO, 2005, p. 170), em busca de sucesso e conseqüentemente fuga da miséria.

Neste sentido, os atletas brasileiros não são os únicos a serem atingidos por este processo. Atletas de países periféricos também passam por situações semelhantes, principalmente aqueles advindos da África. Eles “têm preço e ele é determinado não apenas pela relação entre a oferta e a demanda por “pés-de-obra”, mas por uma lógica especulativa, susceptível à escassez e à abundância, como as commodities ou ações” (DAMO, 2005, p. 340). Mais do que isso, “verifica-se a intensificação de assimetrias entre países que centralizam essa economia, que se financeiriza, e aqueles que, de modo precário, dela fazem parte, sendo que a América Latina e a África compõem preferencialmente esses grupos de países” (DAMIANI. 2005, p. 72).

2.1.3 Naturalizações e Hibridização: A compra desse pé de obra

Optamos pela inserção deste item no capítulo dois e não no um, pelo fato de que os países diretamente envolvidos nesse processo de naturalizações são subdesenvolvidos e na maioria das vezes colônias dos países europeus, sendo vítimas da xenofobia de alguns grupos sociais que frequentam os estádios.

Alguns países empilham atletas naturalizados. Muitos com tradição futebolística como Portugal, Alemanha e França, outros nem tanto como Guiné Equatorial (chegou a colocar em campo um time quase todo composto por estrangeiros naturalizados, e em maioria, brasileiros). Em tese, esse fenômeno poderia explicar os avanços destas seleções no cenário mundial. O número de atletas naturalizados “no primeiro mundial realizado em dois países (Japão e Coreia do Sul), em 2002, havia 31 jogadores naturalizados distribuídos em 13 seleções” [...]. Em 2006, na Alemanha, “dos 736 atletas inscritos, havia 67 naturalizados para atuar por outro país, inscritos em 25 seleções diferentes” (FREITAS, et al., 2012, p. 464).

Na África do Sul em 2010, “26 (seleções) contavam com jogadores naturalizados. Esses atletas somaram pouco mais de 10% do número total de jogadores, já que, entre 736 convocados, 75 preferiram defender uma seleção diferente do país onde nasceram”. (FREITAS et al., 2012, p. 465). Na Copa do Mundo no Brasil em 2014, 85 atletas não eram nascidos no país que representavam: Diego Costa (Espanha), Eduardo da Silva (Croácia), Pepe (Portugal), Sammir (Croácia) e Thiago Motta (Itália) são os exemplos de atletas brasileiros que não jogam pelo Brasil. Na Copa do Mundo de 2018, a seleção francesa campeã do mundo reforça esse status globalizado, contando com dezessete etnias diferentes na formação do elenco.

Questiona-se que elementos permeiam esse processo. E pode-se destacar um forte contexto geopolítico, de afirmação nacional, em meio ao processo de descolonização da África, uma vez que os esportes africanos simbolizam também a globalização. Uma grande parte dos imigrantes que se deslocam aos países mais ricos, normalmente as antigas metrópoles, em busca de uma oportunidade, conservam laços com sua terra natal e ancestral. Esse processo de formação de identidades locais diluídas é responsável pelo número alto de naturalizações, sendo que os atletas se inserem neste trânsito intenso, não deixando de se sentirem europeus, e, ao mesmo tempo sabendo da importância de valorizar as origens africanas.

Outro exemplo é a Copa Africana de Nações (CAN), que expõe para o restante do mundo a cultura africana. Dos dezesseis países da Copa Africana de Nações 2017, dez foram colônias francesas em algum momento do século XX, sendo eles: Argélia, Marrocos, Tunísia, Senegal, Mali, Camarões, Togo, Costa do Marfim, Gabão e Burkina Faso. Isso se refletiu também na Eurocopa de 2016. A seleção francesa contava com três atletas nascidos na África e outros sete filhos de africanos em seu elenco.

Para se ter uma ideia, 71 franceses de nascimento participaram da CAN, distribuídos por treze seleções. Os números mais expressivos são encontrados na Argélia, onde há

quatorze atletas franceses; no Marrocos, onze; no Senegal, nove; em Mali, seis; e na Tunísia, cinco. Outro dado relevante é que, ao todo, 35 atletas participaram das seleções de base dos Bleus.

Neste sentido, podemos perceber que todo esse processo formou uma miscelânea de identidades. E a essa confluência de sujeitos e culturas é dado o nome de mestiçagem ou hibridização. De modo que os usos e costumes vão-se reconstituindo nestes novos cenários, efeitos da colonização e partilha da África, onde os costumes tradicionais locais foram amalgamados com os dos colonizadores, do mesmo modo que esse contato alterou alguns costumes nas antigas metrópoles. E com os futebolistas, isso não é diferente.

O conceito de hibridização que adotaremos é o de Canclini (1992)

Se encontrarán ocasionales menciones de los términos sincretismo, mestizaje y otros empleados para designar procesos de hibridación. Prefiero este último porque abarca diversas mezclas interculturales – no sólo las raciales a las que suele limitarse “mestizaje” – y porque permite incluir las formas modernas de hibridación mejor que “sincretismo”, fórmula referida casi siempre a fusiones religiosas o de movimientos simbólicos y tradicionales. (CANCLINI, 1992, p. 14-15).

Para Coelho (1997), essa hibridização refere-se,

[...]ao modo pelo qual modos culturais ou partes desses modos se separam de seus contextos de origem e se recombina com outros modos ou partes de modos de outra origem, configurando, no processo, novas práticas. [...] A hibridização não é mero fenômeno de superfície que consiste na mesclagem, por mútua exposição, de modos culturais distintos ou antagônicos. Produz-se de fato, primordialmente, em sua expressão radical, graças à mediação de elementos híbridos (orientados ao mesmo tempo para o racional e o afetivo, o lógico e o alógico, o eidético e o biótipo, o latente e o patente) que, por transdução, constituem os novos sentidos num processo dinâmico e continuado. (1997, p. 125-126)

Esse processo é dinâmico e fica perceptível no futebol, pois os times atualmente são torres de Babel, nas quais trocam experiências e desenvolvem afinidades e novas sociabilidades. Existem equipes que contam com jogadores de dez ou mais nacionalidades. O Chelsea, por exemplo, conta com Ingleses; espanhóis; franceses; brasileiros; belgas; nigerianos; sérvios; bósnios; portugueses e holandeses, tendo um técnico italiano e um presidente russo.

Aplicadas ao futebol, reforçam a ideia de globalidade (golbalidade), e facilitam o entendimento das relações econômicas²⁴ e culturais que se sobrepõe ao jogo propriamente dito. As equipes viram “febres” em determinados países, quando vão jogar amistosos ou quando contratam um atleta local.

Para Gruzinski, é preciso levar em consideração que esse discurso aproximativo, e muitas vezes banalizado, não é neutro, nem espontâneo, como tenta aparentar, “é possível enxergar a linguagem de identificação das novas elites internacionais, que, desenraizadas, cosmopolitas e ecléticas, apelam para todo tipo de empréstimo às “culturas do mundo””. (GRUZINSKI, 2001, p. 40). Ou seja, essa hibridização vem se acentuando no mundo do futebol, e devido a sua globalidade, recebendo uma visibilidade maior, ultrapassando a academia e produzindo debates a respeito das misturas culturais; sobreposições culturais e subjugações culturais.

Um dado interessante é que tanto brasileiros, quanto africanos, são destaques na Europa, sem ao menos terem se profissionalizado em suas terras natais. Ao se referir aos brasileiros, Foer, cita uma possível europeização deles, “O êxodo do futebol brasileiro constitui uma das grandes migrações de talentos na história recente, o equivalente esportivo da fuga de cérebros pós-soviética ou da debandada de intelectuais de países africanos em guerra” (FOER, 2005, p. 118). Esta hibridização os torna “algo semelhante à guerra na Chechênia, distantes e estranhos, presentes apenas em raras aparições, na seleção nacional, e na despedida de algum craque (FOER, 2005, p. 118)”.

Nesse cenário complexo¹⁶, é preciso levar em consideração que o sonho fala mais alto que qualquer outro elemento que venha a fazer um contraponto. Ser jogador é um projeto de ascensão social.

2.2 O FUTEBOL COMO PONTE PARA UMA NOVA REALIDADE

É sabido, que a pirâmide salarial dos jogadores no Brasil não se compara à encontrada na Europa e nos mercados emergentes (China, Arábia Saudita, Qatar, Emirados Árabes Unidos – os mais comuns), com exceção dos clubes populares dos eixos Rio-São Paulo e Rio Grande do Sul – Minas Gerais, a faixa salarial é baixa.

¹⁶ Esse cenário criou um tipo específico de produção de jogadores que visa prioritariamente o mercado exterior. Os jovens recrutados para os centros formadores passam a ter como meta profissional a emigração para outros países. As faixas salariais variam e há uma hierarquia de acordo com os mercados que têm mais visibilidade midiática e prestígio junto aos torcedores/consumidores. Nesse mercado global temos um modelo que possui um núcleo composto por outras camadas externas. No centro do mercado temos os países europeus - principalmente Alemanha, Itália, Inglaterra, França, Espanha e Portugal - que são o grande destino dos trabalhadores emigrantes do futebol. Ao redor desse núcleo temos respectivamente as Américas do Sul e Central, seguidas do continente africano e fechando o círculo a Oceania, Ásia e América do Norte. Este modelo está baseado no poder econômico dos clubes de futebol que contratam os atletas e no sucesso doméstico das ligas de futebol (SOARES, 2011, s/p)

No entanto, isso não impede que os jovens busquem se profissionalizar, a fim de obterem uma maior qualidade de vida. O sonho, muitas vezes, ofusca os aspirantes a jogadores profissionais, que normalmente ficam bem longe dos mercados mais competitivos e atrativos economicamente. Inclusive, se obrigando a jogarem países com campeonatos com pouca ou nenhuma expressividade futebolística (Suíça, Grécia, Albânia, Malta, Luxemburgo, Uzbequistão, etc.).

Talvez a questão que deva ser suscitada neste processo é de que modo a escolarização básica transformaria esta correlação de forças. Tendo em vista que a grande maioria dos aspirantes brasileiros sai de uma estratificação social, cuja educação e remuneração dos pais ou responsáveis, muitas vezes, conduzem a um cenário de pobreza e principalmente de falta de uma perspectiva de ascensão social, ou mesmo na qualidade de vida. De modo que o futebol transforma-se em uma aposta para romper com este círculo vicioso, ocupando assim o papel que deveria ser o da escolarização.

Empresários e charlatões iludem jovens com a promessa de dinheiro fácil, e um contrato de três ou quatro anos, e os levam para fora do país. Há vários casos de atletas que pagam uma quantia aos pseudo-empresários, que lhes roubam o dinheiro e os abandonam.

Um exemplo dessa prática ocorreu com o volante Edinho, multicampeão pelo Internacional, que aos 19 anos foi abandonado, por um empresário, na França, completamente sem dinheiro, obrigando-se a solicitar ajuda a estranhos. Um deles veio a ser seu companheiro no próprio Internacional, Fernando Lucio Costa, conhecido por Fernandão, e que o ajudou com as despesas e sua volta ao Brasil.

O sonho da independência financeira, muitas vezes, coisifica o atleta, que fica à mercê dos interesses daqueles que fazem a gerência de sua carreira, Para Damo (2005),

Os futebolistas também fazem a transição de indivíduo à pessoa. (...). Todavia, os futebolistas são sujeitos a uma segunda ordem de transição: de pessoa à coisa. Eles pertencem a um clube – e a uma comunidade de sentimento – pelo fato de possuírem vínculos sociais, dentre os quais se destacam os afetivos que (...) são construídos, dramatizados e encenados. O que os prende a um clube não é, contudo, o pertencimento clubístico, único e imutável, como o dos torcedores, mas um contrato formal, juridicamente avalizado pela legislação trabalhista. Os futebolistas profissionais também são mercadorias com valor de compra e venda (DAMO, 2005, p. 339).

O que reafirma o déficit da educação brasileira, que passa a ficar em último plano na vida destes futuros atletas. Uma vez que os ‘holofotes’ podem trazer rapidamente muito dinheiro, sem precisar passar por todos os ‘enfadonhos’ processos formativos educacionais (Ensino Fundamental; Médio, Graduação e Pós-Graduação).

2.2.1 Hora Aula X Treino

Melo (2010) afirma que a diferença de carga horária dedicada para os estudos e para os treinamentos é similar, tendo em vista, que o treino das categorias de base é semelhante ao dos profissionais, o que pressupõe praticamente uma dedicação exclusiva. Para exemplificar, ele traça um comparativo entre o tempo de estudo e o de treino de crianças e adolescentes entre 12 e 17 anos, que no futebol corresponderia ao primeiro ano da categoria mirim até o primeiro ano da categoria juvenil ou mirim, de acordo com a agremiação, e na vida escolar corresponderia ao Sexto Ano do Ensino Fundamental até a conclusão do Ensino Médio (terceiro ano). A escola “tomaria” cerca de 4800 horas. Já o futebol, sem contar os jogos nos fins de semana, 4165 horas. (MELO, 2010, p. 21).

Deste modo, inferimos que a educação fica comprometida, ou esquecida. E, ainda mais, caso estes futuros atletas se submetam a peneiras em grandes clubes ou longe de suas cidades, o que dificulta ainda mais (se não impossibilita) a frequência escolar. Com o avanço nas categorias de base, a formação educacional encontra ainda mais percalços, pois os treinos se intensificam, muitas vezes, em dois turnos: os atletas passam a viajar e se concentrar para os jogos, levando-os a, muitas vezes, optar por estudar a noite com chances reais de reprovação por faltas ou, o que é mais grave, evadir.

2.3 O OUTRO LADO DA MOEDA: O FUTEBOL AMADOR

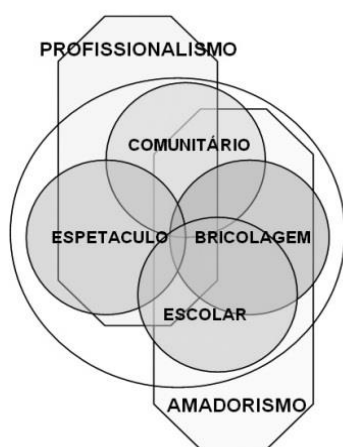
Nesta segunda parte, nos propomos a analisar as bricolagens pelas quais o futebol é caracterizado, até chegarmos à esfera amadora, partindo do pressuposto que sua “sistematização e regulamentação cada vez maior do esporte implicam a perda de uma parte das características lúdicas mais puras” (HUIZINGA, 2007, p.219). Ele “admite vários ethos futebolísticos, que vão desde a valorização da competição até as práticas mais descompromissadas” (CAMPOS, 2009, p.118).

Com isso, podemos dividi-lo em dois grupos maiores: o primeiro fazendo menção ao jogo de rua e a prática da pelada com os amigos (o bom e velho “quem fizer primeiro tira a camisa”), qualquer lugar plano serve de campo. E o segundo, que faz menção aos campeonatos amadores. Normalmente organizados pelos Conselhos Municipais de Desporto (CMDs); fundações municipais e departamentos vinculados às prefeituras, exigindo uma organização mínima (uniforme, taxa de inscrição, e, em alguns casos, infraestrutura própria, dotada de campo; bolas e vestiário).

Primeiramente é necessário entendermos que existe uma “distância considerável entre um profissional de futebol e um praticante leigo” (DAMO, 2005, p. 33). O mesmo autor ainda afirma que existem: “quatro matrizes futebolísticas, sendo elas: matriz bricolada, a matriz espetacularizada, a matriz comunitária e a matriz escolar”. A primeira admite diversas variações e se adapta aos códigos situacionais, sendo denominada Futebol de Improviso ou Informal. Adequa-se as regras e os recursos materiais disponíveis e o tempo de jogo é o do lazer e recreação. A segunda corresponde à organizada pela FIFA. A terceira se difere da matriz bricolada por ser praticada em locais mais organizados; por possuir um técnico, um dirigente e um massagista, normalmente não remunerados, e as equipes podem participar de campeonatos amadores organizados por comunidades ou órgãos públicos. E a quarta, compreende o futebol praticado nas escolas e vinculado às aulas de educação física.

A matriz comunitária que compreende o futebol amador padece com as transformações sociais impulsionadas pelos avanços tecnológicos. Está cada vez mais difícil montar equipes e manter os atletas motivados a disponibilizarem seu tempo para “jogar bola”. Tem-se tornado mais interessante ficar nas redes sociais ou jogando videogame. Um espaço de formação de sociabilidade e cidadania vem perdendo espaço, e todas as suas possibilidades de mudança e transformação da realidade social vão desaparecendo.

Figura 6: Representação das Matrizes Futebolísticas



Fonte: SILVA, 2011, p. 68

A figura acima ilustra as intersecções encontradas entre os futebolis praticados. Entre um extremo e outro, encontramos todos os elementos que permeiam a sua consolidação enquanto formador e transformador de sociabilidades.

Com isso, passamos a debater o outro extremo do futebol: a parte amadora, primeiramente perpassando pela sua construção no Rio Grande do Sul e depois na cidade de Erechim.

2.3.1 O futebol amador ainda resiste

O Rio Grande do Sul tem uma ligação muito forte com o futebol, sendo que o clube mais antigo do Brasil é o Sport Club Rio Grande, fundado em 19 de julho de 1900. No entanto, não tem uma relação amistosa no que tange as diferenças entre o futebol gaúcho e o futebol brasileiro, uma vez que “já se tornou um axioma do senso comum que o futebol no RS apresenta características próprias que o diferem do restante do país: mais virilidade que habilidade, mais força que malícia, mais entrechoque que negaça” (GUAZZELLI, 2002, p.28).

Para Damo (1999, p.95), “em termos genéricos, o estilo do futebol gaúcho resulta da apropriação, por parte de futebolistas – sejam eles torcedores, dirigentes, esportistas ou cronistas esportivos –, de um discurso preestabelecido de culto as tradições” e, este culto às tradições, “transforma cada conquista numa verdadeira epopeia emprestando ao futebol uma gama variada de elementos com forte apelo emocional” (DAMO 1999, p.99).

O futebol gaúcho tinha como característica também, as relações de compadrio entre clubes maiores e menores, em que existia um “caminho” almejado: sair da equipe menor para uma maior, para depois tentar a sorte e o sucesso em uma equipe do eixo Rio-São Paulo. “A desigualdade de potencial mercantil entre times pequenos e grandes estabelecia uma relação de interdependência, na qual os primeiros revelavam jogadores para os segundos e, em troca, recebiam uma compensação financeira” (BARBOSA, 2008, p. 17).

Mais do que isso, o futebol gaúcho é dotado de um regionalismo muito forte, ao ponto de, em 1972, pela não convocação do tricampeão Everaldo para um torneio, ser o estopim para uma guerra entre Federação Gaúcha e CBD, que resultou em um amistoso nada amistoso entre Seleção Brasileira e Seleção Gaúcha, um épico 3x3, com o escrete canarinho sendo vaiado do Hino ao Apito Final. Para Guazzelli (2002).

O deslocamento dos eventuais antagonismos e descontentamentos para o futebol faz sentido nesta conjuntura em que a noção de nacionalidade era transferida para uma Seleção campeã, símbolo de todos os sucessos do “milagre brasileiro”, síntese das palavras de ordem ufanistas que identificavam o futuro aqui e agora. O Rio Grande, ao qual se negara o pertencimento a esta pátria vencedora, ia uma vez mais para a guerra contra a Corte, ali no terreno em que melhor se consolidava a imagem da

nação. Contra a “pátria de chuteiras” de Nelson Rodrigues, erguia-se a “província de chuteiras”! (GUAZZELLI, 2002, p. 67)

Num cenário em que seu futebol era relegado a um segundo plano, a dupla GreNal se consolidou, enquanto força antagônica, a paulistas e mineiros, principalmente após o tricampeonato brasileiro do Inter em 1979, e a vitória da Libertadores e do Mundial em 1983. Isso propiciou também uma expansão da rivalidade para além das fronteiras da “província”. Todavia, o futebol gaúcho não se resume a Inter e Grêmio. Alguns times, fora da zona metropolitana, esporadicamente conseguem resultados expressivos em âmbito local e nacional, como: Caxias, Juventude, Novo Hamburgo, 15 de Novembro e Brasil de Pelotas.

2.3.1.1 Futebol Amador: Algumas Elucubrações

O futebol enquanto modalidade esportiva passa a ocupar “um lugar que ao mesmo tempo acompanha o processo cultural e dele está separado, ao passo que nas civilizações arcaicas as grandes competições sempre fizeram parte das festas, sendo indispensáveis para a saúde e a felicidade dos que nelas participavam”. (HUIZINGA, 2007, p. 219-220). Mais do que isso, existe “igualdade de todos no futebol ou perante o futebol. Regras impessoais, objetivas, vigoram de fato nessa esfera, à diferença do que ocorre nas outras: quem ganha leva”. (DEBRUN, 1983, p. 89).

A prática do futebol amador, pode ser considerado um espaço de socição pura, Simmel abordou esses processos puros de socição inicialmente a partir de observações em uma academia de boxe nos EUA, conforme descrito a seguir:

Georg Simmel chamou de “sociabilidade” (Geselligkeit), esses processos puros de associação que têm seu fim neles mesmo, essas formas de interação social no limite desprovidas de conteúdo ou dotadas de conteúdos socialmente anódinos. (...). Tudo se passa, de fato, como se um pacto de não agressão governasse as relações interpessoais e excluísse da conversa todo o tema “sério”, capaz de atentar contra essa “forma lúdica de socialização” (...). (WACQUANT, 2002, p. 56).

Nele, “grupos distintos são capazes de desenvolver maneiras específicas de praticar o esporte, também no âmbito interno destes grupos parece possível coexistirem formas diferenciadas de indivíduos particulares apropriarem-se desta prática social” (STIGGER, 2002, p. 248). Nesta lógica, Tamburrini (2001), apresenta um conceito formal de atleta amador:

É mais preciso reservar o termo “profissional” para aqueles atletas que têm uma obrigação contratual de realizar sua atividade desportiva, e o termo “amador” (ou “aficionado”) para aqueles que, mesmo recebendo remuneração econômica de patrocinadores, de empresas e contratos publicitários, não estão sujeitos a nenhuma obrigação contratual com nenhum clube ou organização desportiva a praticar seu esporte. (tradução nossa). (2001, p. 19)

Mas nem sempre esta lógica é seguida. Em busca de vitórias, status e títulos, as equipes amadoras, ou melhor, os dirigentes, pagam para alguns jogadores entrarem em campo, o que implode a lógica do conceito amador.

2.3.1.2 O futebol amador em Erechim

O futebol amador em Erechim se articula em três categorias principais no adulto (Primeira Divisão, Segunda Divisão e Veteranos) e das categorias de base. Ferri (2016), afirma que organizou: “cerca de 90 campeonatos, contabilizando um campeonato para cada categoria. Anualmente tem a 1ª Divisão, 2ª Divisão e veterano. Foram realizados também na categoria Feminino e Base em anos que houve equipes suficientes para realização dos mesmos”.

Para fins metodológicos, nossa pesquisa deter-se-á ao ano de 2016. Nosso universo compreende a primeira e a segunda divisão, 692 atletas inscritos, e nossa amostra compreende os sete atletas, entre 18 e 28 anos, que atuaram profissionalmente, e que após contato prévio e aceitação, serão entrevistados, por meio de um questionário padrão e comum a todos os entrevistados (Anexo A), e um roteiro semiestruturado, para nortear a entrevista (Apêndice B). Reforçamos que tal escolha se dá sob a perspectiva que estes atletas ainda se encontrarem em idade para a prática em alto rendimento do futebol (atuar profissionalmente).

O futebol amador é uma ferramenta de organização social e muitas vezes, como elemento festivo, vide os momentos em que os campeonatos se se afunilam nas decisões. Deste modo, torna-se algo estreito à realidade das comunidades, uma vez que não é raro encontrarmos equipes que representam comunidades do interior ou mesmo igrejas, no interior de Erechim. Isso era muito comum, principalmente quando o Campeonato do Vale do Dourado de Futebol de Campo transcorria entre as comunidades do interior da cidade (Jaguetê, Km 14, Km 10, km 06, Sete de Setembro, Pio XII, Povoado Coan, Linha América, Rio Verde) e os jogos movimentavam as comunidades. Fosse pela parte econômica (com a exploração das copas dos clubes) ou pela relação interpessoal estabelecida.

Este campeonato com o passar dos anos foi perdendo força, principalmente pelo êxodo dos atletas, para estudarem e trabalharem fora (era permitido apenas a inscrição de sócios e filhos de sócios das comunidades e de no máximo cinco atletas de fora desse círculo). No entanto, as comunidades que ainda resistem, e continuam buscando espaço de interação social, foram inclusas no Campeonato Municipal de Futebol de Campo, disputado pelas agremiações citadinas (FERRI, 2016).

Nesse cenário, outro elemento se destaca é a existência de uma rivalidade entre atletas e agremiações, uma vez que ao longo dos anos não há uma renovação, capaz de substituir boa parte dos atletas das equipes. Deste modo, os mesmos atletas que jogam o Campeonato Municipal de Campo jogam os Jogos do SESI; a Liga Regional, e os campeonatos de Futsal também, o que gera animosidade entre os envolvidos.

Um atleta que troca de clube pode sofrer muitas pressões dos ex-colegas de equipe, inclusive fora de campo. (FERRI, 2016). Ferri vê a rivalidade entre as equipes como algo normal, desde que não extrapole o bom senso:

Quando um clube se torna várias vezes campeão e sempre vencendo o mesmo adversário é normal que transforme em um clássico e acirrando os ânimos ou quando os clubes forem da mesma comunidade ou bairro. Eu vejo a rivalidade como uma forma sadia em que aumenta o nível do futebol, desde que ela aconteça dentro das 4 linhas e que o aspecto disciplinar prevaleça. O que muitas vezes acontece (até no profissional) é que muitos exageram e partem para vias de fato, sendo muitas delas excluídas da competição, sendo necessário refazer toda a tabela de jogos o que gera transtorno para todos os envolvidos, para que o campeonato possa prosseguir normalmente. (FERRI, 2016)

Ferri, prossegue, dizendo que muitas vezes os árbitros acabam sofrendo agressões verbais e até físicas durante os jogos.

O Departamento de Esportes recebe muitas súmulas com relatos destes tipos de agressão. Algumas delas, inclusive, com um Boletim de Ocorrência anexado.

Salienta ainda, que os problemas com a arbitragem se dão, muitas vezes, pelas dificuldades em encontrar árbitros que se “submetam” a arbitrar jogos dos campeonatos municipais. Isso se deve pela baixa rotatividade de atletas. Cabendo salientar “que até os mais renomados árbitros, que atuam na Copa do Mundo, cometem erros e isso faz parte do futebol” (FERRI, 2016), e, que os gestores estão cientes de tudo que ocorre. Principalmente pelo fato da arbitragem ser contratada via licitação, Para ele,

Estas deficiências se dão muitas vezes pela baixa escolaridade que as equipes de arbitragem possuem, a grande maioria tem no máximo ensino médio, já foi tentado elevar o grau de escolaridade dos árbitros nas cláusulas do processo licitatório,

todavia, isso inviabilizaria a realização dos campeonatos por falta de arbitragem, mesmo com o reajuste dos valores pagos. A meta seria que as equipes de arbitragem fossem compostas por homens e mulheres graduados ou graduandos em educação física. (FERRI, 2016)

Com isso levantamos a ideia de que isso alteraria a culpabilidade da arbitragem¹⁷, mas Ferri corrobora:

Podemos com tranquilidade citar que em 95% dos jogos, o placar final não passa pela arbitragem, porém o que se tem ouvido é muitos dirigentes reclamarem de uma inversão de falta, de um impedimento duvidoso em que o lance nem foi concluído a gol, imagino eu que essa reclamação mais acintosa seja para justificar para seu apoiador, patrocinador, como dizendo, olha não classificamos por culpa do árbitro, mascarando com isso, um pouco a ineficiência de sua equipe no campeonato. (FERRI, 2016)

Para compreender o futebol amador em Erechim, é necessário colocar todos esses elementos que constituem o seu habitus¹⁸, pois é só desta forma que poderemos os papéis dos atores envolvidos. Os ‘donos’ das equipes, por exemplo, são responsáveis muitas vezes incendiar o comportamento de seus atletas e de sua torcida, partindo do pressuposto que só existe um ganhador. Enquanto funcionário, deste setor, vivenciamos inúmeras situações que nos fazem repensar o tamanho do esporte na vida e na construção destes habitus. Essa passionalidade, nas palavras de Damo (2005) está ligada:

A imprevisibilidade é um dos componentes centrais do espetáculo esportivo. Ela é responsável pela manutenção da tensão entre os atletas e, por extensão, entre os torcedores. Embora a indeterminação seja essencial ao bom espetáculo esportivo, este não se reduz a ela. Por isso a compreensão da estrutura é importante, porém insuficiente para se entender, por exemplo, porque alguns jogos são mais espetaculares do que outros tendo todos eles a mesma base estrutural. O placar final não traduz, em hipótese alguma, os desdobramentos da partida. A excitação proporcionada pelos esportes decorre, fundamentalmente, da experimentação das ambiguidades proporcionadas pelo desenrolar dos eventos próprios à sua dinâmica, cujos códigos são de domínio. (2005, p.85)

¹⁷ O papel do árbitro no futebol também apresenta características interessantes. Diferentemente de outras modalidades, que incluem dois ou mais árbitros e mesa de anotação com responsabilidades de marcação do tempo de jogo e de faltas, no futebol o árbitro é o senhor do jogo, com plenos poderes para marcar faltas, impedimentos, dando ou não desconto no tempo de jogo, decidir rapidamente se houve vantagem no lance por parte do jogador que sofreu falta, podendo até desconsiderar as marcações dos seus auxiliares. Esse poder absoluto do árbitro no futebol contrasta com a dificuldade que ele tem para marcar tudo corretamente e, frequentemente, comete equívocos. Equívocos que revoltam os jogadores e a torcida levam a brigas, expulsões e agressões, mas que, ao mesmo tempo, tornam o árbitro humano e falível. Afinal de contas, ele poderá também errar favorecendo a nossa equipe, e nesse momento será perdoado pelos erros anteriores. (DAOLIO, 2000, p08)

¹⁸ [...] sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, quer dizer, enquanto princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem que, por isso, sejam o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor a visada consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-las e, por serem tudo isso, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação combinada de um maestro. (MICELI, 1999, p. XL)

Após analisar as transformações do futebol contemporâneo no primeiro capítulo e as matrizes do futebol, o processo de hibridização e o “outro lado” do futebol, que compreende o futebol amador e seus desdobramentos, para enfim chegar à parte que compreende a especificidade e o ineditismo desta pesquisa, a compreensão de como a formação das sociabilidades dos jogadores do Campeonato Municipal de Futebol Amador de Erechim no ano de 2016, que são ex-profissionais, foi influenciada por todas estas transformações, e de que modo participou destas construções, principalmente no que tange a profissionalização; fracasso / ciclo de reconversão precoce e reinserção no mercado de trabalho.

.

3 DESBRAVANDO OS RELVADOS

Ao longo do primeiro capítulo, abordamos as transformações pelas quais o futebol passou a partir da década de 1970, que culminaram no cenário atual: um esporte assumidamente braço do capitalismo, mercadorizado e financeirizado. Estudamos também o futebol brasileiro, a fim de fazer um diagnóstico acerca dos acontecimentos e desdobramentos que o levaram a assumir a estratificação encontrada e seus impactos no Brasil.

No segundo, buscamos analisar as implicações destas transformações, perpassando pelo papel do torcedor, enquanto cliente e da hibridização do futebol, devido às naturalizações e times plurinacionais.

Analisamos também, o “outro lado da moeda”, as outras matrizes futebolísticas que fogem do profissionalismo, para enfim, discorrer a respeito do futebol gaúcho e do futebol amador de Erechim, para adentrarmos no terceiro capítulo, que busca compreender como a formação das sociabilidades dos jogadores do Campeonato Municipal de Futebol Amador de Erechim, ex-profissionais, foi influenciada por estas transformações, e de que modo elas permearam estas construções, principalmente no que tange a essa profissionalização; fracasso reinserção no mercado de trabalho.

A partir dos questionamentos como a formação das sociabilidades dos jogadores (ex-profissionais) do Campeonato Municipal de Futebol Amador de Erechim, sob a ótica da mercadorização do futebol; - Que elementos permearam este processo, e de que modo o sonho da profissionalização foi influenciado pelo cenário do período, buscamos dar conta dos objetivos da pesquisa.

Estas relações estabelecidas têm mais um desdobramento, que será trabalhado a seguir, a partir da lógica inversa: os atletas profissionalizados que passam a desempenhar sua paixão e atividade profissionais nos campeonatos amadores. O critério adotado para a realização das entrevistas surgiu a partir de três cenários: utilizar os atletas aposentados que jogam no Municipal (26 a 36 anos, totalizando 07 jogadores); atletas veteranos (37 anos ou mais, seis jogadores) e jogadores até 28 anos (sete possíveis entrevistados).

Essa abordagem foi escolhida por apresentar uma possibilidade mais concreta de análise, sob a perspectiva de que todos os sete atletas têm idade para jogarem profissionalmente.

Todavia, durante o contato com os atletas que se enquadraram na proposta, sofremos três baixas: um, estava em testes no Grêmio Football Porto Alegrense, portanto fora dos

critérios estabelecidos, outro não quis encontrar o pesquisador, e o terceiro, deixou de responder as mensagens após o terceiro contato.

3.1 APONTAMENTOS METODOLÓGICOS

Com o intuito de dar conta da proposta deste trabalho, optamos por realizar um estudo exploratório da temática, a partir da ótica de Triviños (1992): de que eles “permitem ao investigador aumentar sua experiência em torno de determinado problema”, elaboramos um questionário padrão a todos os entrevistados (Apêndice A); um roteiro semiestruturado (Apêndice B) e um termo de cedência do uso da entrevista para esta dissertação, do mesmo modo que para o Laboratório de História Oral da Universidade Federal da Fronteira Sul (Apêndice C).

A realização deste estudo exploratório em uma pesquisa qualitativa se dá a partir da perspectiva de que ela auxilia o pesquisador a “[...] encontrar os elementos necessários que lhe permitam, em contato com determinada população, obter os resultados que deseja. Um estudo exploratório, por outro lado, pode servir para levantar possíveis problemas de pesquisa” (Triviños, 1992, p. 109). Por exemplo, cinco dos sete contatados não responderam a primeira mensagem enviada via *Whatsapp* no dia 03 de junho de 2018, sendo necessário um segundo contato no dia 14 de junho de 2018.

Com relação aos que não concederam entrevistas, no dia 25 de junho foi realizado um terceiro e último contato via *Whatsapp*, onde um dos atletas informou que estava realizando um período de testes no Grêmio Football Porto Alegre (o que o excluiu do universo da pesquisa). Outro visualizou a mensagem de áudio e não a escutou.

O caso mais complexo se deu com o atleta que recusou veementemente a encontrar o pesquisador solicitou que as perguntas fossem enviadas para ele via e-mail, para sua apreciação (este movimento, por si só, já o excluiu do universo da pesquisa).

No entanto, as perguntas foram enviadas.

No dia 14 de junho de 2018, foi realizado o segundo contato, e ele respondeu as perguntas via *Whatsapp*. Mais uma vez, solicitamos um contato presencial para apresentar o termo de cedência da entrevista, e possível realização da gravação, e novamente foi recusado pelo entrevistado, que solicitou que a mesma fosse encaminhada por e-mail, que ele assinaria e devolveria em meio digital.

Uma primeira impressão deste processo é que em todos havia um receio de se envolver. Os dois primeiros entrevistados, que adotaram os pseudônimos de D’Alessandro e

Geromel, respectivamente, foram mais solícitos. Ronaldo e Neymar (pseudônimos adotados pelos outros dois entrevistados) tiveram dificuldade e demonstraram algum nervosismo principalmente no primeiro contato pessoalmente.

O próximo passo é tabular os dados colhidos por meio do questionário padrão e traçar um perfil socioeconômico dos entrevistados. Na sequência, analisar sob a luz da revisão bibliográfica as entrevistas colhidas, para responder as perguntas que moveram esta pesquisa, e dar conta dos objetivos propostos.

3.2 QUEM SÃO OS ENTREVISTADOS?

Dando prosseguimento ao método estabelecido para a construção desta pesquisa, passamos à análise dos dados obtidos no Questionário Padrão (Apêndice A).

Um elemento interessante dos pseudônimos, é que o primeiro entrevistado assumiu a alcunha de “D’Alessandro”, o segundo, pediu uma sugestão, e foi informado que o pesquisador não emitiria sugestão, mas que o outro entrevistado tinha assumido o nome acima citado, e prontamente o entrevistado assumiu a alcunha de Geromel, uma clara alusão à rivalidade GreNal.

Com relação à idade, encontramos três atletas com 25 anos e um com 29. No campeonato de 2016 tinham 23 e 27 anos respectivamente. Todos os entrevistados são nascidos no Rio Grande do Sul, sendo três deles nascidos em Erechim e um em Bagé. No que tange a questão escolaridade, deparamo-nos com três realidades distintas, encontramos desde médio completo até pós-graduação.

A renda familiar está interligada a profissão atual de cada um: D’Alessandro é sócio de um escritório de Advocacia no centro da cidade; Geromel tem uma barbearia com seu irmão; Neymar gere um ginásio poliesportivo em um bairro da cidade com seu pai e irmãos. E Ronaldo, atualmente é roupeiro de um clube.

Com relação à carreira profissional dos entrevistados, Ronaldo é quem tem menos “rodagem”, e também o único que não jogou profissionalmente no Ypiranga FC, clube da cidade em que os atletas residiam antes e durante o período no qual foram atletas profissionais.

Abaixo, vemos a descrição sintética dos clubes profissionais que eles atuaram.

Quadro 2: Clubes Profissionais que os Entrevistados atuaram

D'Alessandro	RS Futebol; CR Vasco da Gama ; Ypiranga FC
Geromel	Ypiranga FC; União São João de Araras; Francisco Beltrão FC
Neymar	Ypiranga FC; CA Concórdia; EC Guarani/ VA; Osvaldo Cruz FC
Ronaldo	CA Concórdia

Todos os atletas possuem uma trajetória consolidada no futebol amador, ou em vias de consolidação. Com exceção de Ronaldo, os demais entrevistados possuem dez ou mais participações em campeonatos amadores da cidade:

Com análise do questionário padrão, podemos tecer um diagnóstico mais claro acerca dos entrevistados. Partindo das informações extraídas, passaremos a trabalhar com as informações coletadas no roteiro semiestruturado (Anexo B), e para melhor compreensão, dividiremos em quatro eixos temáticos: o primeiro abordando a aspiração e sonho de ser futebolista profissional, perpassando pelas influências recebidas neste processo; o segundo, dissecando a vida de um jogador profissional, com os aspectos positivos; negativos e motivações. O terceiro eixo trata a relação destes jogadores com a escola e o último, discorre a respeito do olhar deles acerca do futebol amador.

3.3 O PONTAPÉ INICIAL: O SONHO DE SER PROFISSIONAL

A ideia de ser jogador profissional povoa o imaginário de muitas crianças e adolescentes. Este sonho alia-se a naturalização da perspectiva do futebol enquanto passaporte para ascensão social e enriquecimento rápido para aqueles oriundos das camadas mais humildes da população. Enquanto que os pertencentes às classes mais altas têm interesse na parte lúdica. Tal afirmativa vai ao encontro do que Assumpção (2011) tece no trecho abaixo.

Ao analisarmos a relação entre as classes sociais e as expectativas dos praticantes de futebol, percebemos que boa parte de adolescentes oriundos de classes sociais mais elevadas provavelmente praticam-no com objetivos e interesses de lazer e distração, buscando saúde, sociabilidade ou qualidade de vida. Entretanto, se observarmos as expectativas de adolescentes originários das classes sociais mais desfavorecidas descobriremos que muitos de maior talento podem vir a enxergar neste esporte um caminho rápido, possível e viável de ascensão social. Alguns até mesmo se submetem aos testes (a “peneira”) em categorias de base de equipes profissionais, situação raramente encontrada com jovens de classes sociais mais elevadas. Para estes a ocupação primeira como atletas dificilmente estará na pauta das possibilidades a serem perseguidas profissionalmente (ASSUMPCÃO, 2011, p. 95/6).

Nesta perspectiva, os entrevistados, ao serem questionados acerca de como se desenvolveu o sonho de ser futebolista profissional, D'Alessandro afirmou, que mesmo antes de ganhar o Guri Bom de Bola, pelo Colégio Medianeira, seu sonho já era ser jogador:

Não, não, o meu sonho de infância já foi esse, eu não me recordo bem certo, me recordo que assistindo uma copa do mundo, a de 94 eu me apaixonei pelo futebol e aquilo se tornou uma coisa praticamente um propósito de vida e buscar só aquilo, eu não tinha outra visão a não ser aquilo desde os meus 5 anos de idade e eu alcancei aquilo no ano de 2003 onde foi que se tornou, digamos assim, mais palpável o meu sonho como eu coloquei, mas lá no início, foi lá nos anos 90

Na mesma linha, Geromel sonhava desde a infância em ser profissional, mas a ideia ganhou corpo durante a adolescência:

Ah isso é um sonho desde criança né então, acho que desde quando eu ia para a escola acho que tu carrega já esse sonho e quanto tu chega aí nos 15, 16 anos tu vê que tu pode ter a tua renda, tua profissão como o teu sonho né então teu sonho até os 15 ele é um sonho tu querer ser um jogador, a partir dos 15,16 começa a ver ele como profissão que vem, aí já muda um pouco a tua visão dele. (GEROMEL, 2018)

Ronaldo, rememora a paixão do pai e do avô pelo futebol, bem como o discurso apaixonado por figuras que se destacaram em 1994 quando o Brasil ganhou a Copa do Mundo realizada nos EUA:

Olha, desde pequeno eu via meu pai e meu avô falando, sempre de futebol, o meu vô era muito ligado ao futebol e o meu pai nem se fala, ele também tentou profissionalizar e acho que ficou até também um certo ressentimento por ele não ter conseguido e ele sempre desde pequeno. Eu nasci em 93, 94 o Brasil foi campeão mundial e ele sempre falava de um personagem, desde pequeno eu escutei ele falar, do Dunga, do símbolo aguerrido que ele era dentro de campo e desde pequeno eu cresci escutando essas frases dele: Bah, porque o Dunga que, porque o Romário e isso despertou, como eu acho que todo guri tem esse sonho de ser jogador de futebol por um pensamento de si e dos próprios familiares, por uma esperança de uma vida melhor, de enfim, sempre desde pequeno com esse intuito de ser jogador (RONALDO, 2018)

Neymar por sua vez, cita o apoio familiar e suas qualidades futebolísticas:

A ideia de ser jogador profissional veio da minha motivação quando eu vi que eu tinha chance de ser um jogador profissional pelas minhas qualidades e pelo que eu tinha em mente eu comecei a correr atrás desse sonho, sempre influenciado pelo meu pai, minha mãe, pela minha família, meus irmãos e pela motivação, eu tinha muita motivação em ser jogador profissional. (NEYMAR, 2018)

Aproveitando a fala de Neymar, que reforçou o papel de seus pais e irmãos como apoiadores deste sonho, solicitou-se que falasse mais a respeito desta influência e ele

acrescentou: “[...] meu pai e meu irmão mais velho, principalmente, que sempre jogaram bola a vida inteira, me levavam junto e daí eu criei o gosto pelo futebol. E inspirações a gente sempre tinha: o Cafu, o Ronaldinho, o Ronaldo. Então esses foram os tipos de influência que eu tive” (NEYMAR, 2018).

Ronaldo, respondeu esta pergunta quando questionado acerca de como se desenvolveu o sonho de ser jogador, sendo seu pai e avô responsáveis por despertar essa paixão pelo futebol e o desejo de profissionalizar-se.

Geromel, quando questionado de suas principais influências, reforçou seu gosto pelo esporte: “Até os 15 anos, como eu disse, que foi o divisor de águas., Assim o que me motivava era meu sonho, era o gosto pelo futebol; pelo esporte. Gostava de jogar, de conhecer a respeito dos times jogadores. Então, até meus 15 anos o que me motivava era isso aí” (GEROMEL, 2018). Todavia, “o divisor de águas” foi a possibilidade de transformar o sonho em renda, conforme vemos na continuação de sua fala:

Sabe quando comecei olhar a profissão de jogador como realmente uma profissão, um ganha pão, aí o que me motivava realmente é a família né, até porque a partir dos 15,16 foi quando eu fui jogar para fora né então onde eu tava sozinho, aonde eu tinha que me virar com tudo entendendo, então aí já mudou, de distância, antes era um sonho, depois é minha profissão entendeu, então até que era meu sonho que me motivava sempre o gosto pelo esporte, tudo mais e a partir de que virou uma profissão é o meu ganha pão para daqui a pouco dá um futuro melhor para minha família, então foi mais isso.

D’Alessandro por sua vez, acrescenta um novo componente nesta trama, ao falar que:

Na verdade, todo o garoto, o guri dos anos, vamos dizer da minha geração, da mais antiga acho que 99% dos guris dos anos 80,90 ou até antes, aí não posso dizer, mas da minha geração, 99% gostaria de ser jogador de futebol e assim como os pais desses meninos também tinham um sonho e obviamente e tendo esses sonhos impulsionaram os filhos.

Por ser o mais velho entre os quatro entrevistados, reforça o estereótipo de um período em que o futebol brasileiro era um expoente técnico, com figuras icônicas treinando equipes e jogadores consagrados desfilando seus predicados futebolísticos em um calendário caótico. Mas, assim como Neymar e Ronaldo, tem na figura do pai um exemplo:

Meu pai era um apaixonado, é um apaixonado por futebol, mas ele nunca me impôs um sonho dele, então aquilo foi, eu tinha, obviamente eu tinha os meus ídolos, tenho, mas eu tinha na figura do meu pai um cara que me apoiava muito e que tinha esse sonho comigo entendeu, mas nada assim que fosse uma imposição, era uma pessoa que assim ajudava naquele sonho.

Abaixo, teceremos alguns apontamentos acerca das informações extraídas durante as entrevistas.

3.3.1 Considerações Preliminares

A primeira parte das entrevistas, que trata a respeito de como se desenvolveu a ideia de ser futebolista profissional e as principais influências deste processo, podemos destacar o elemento em comum nas quatro falas: o sonho começou na infância, mas cada um teve gatilhos distintos neste processo, uma vez que esta construção é individual e perpassa pelas experiências vividas e pelas influências familiares; sociais e midiáticas.

Com exceção de Geromel, os demais entrevistados apresentaram um ponto de convergência em seu discurso, e as figuras masculinas da família são os protagonistas nesta construção. A relação estabelecida com pai; avô e irmão mais velho reforçam o estereótipo de que futebol é “coisa de homem”.

Outro elemento interessante, é que apenas Neymar apontou o “dom” como fator primordial para sua consolidação enquanto profissional. Para DAMO (2005), isso é entendido a partir da “crença dos grupos que o reconhecem e o manipulam. Quer dizer, são as configurações sociais que geram o dom, que são as responsáveis por orientar a sua manipulação” (p. 125). Ou seja, inegavelmente alguém vislumbrando o seu talento, incutiu em sua mentalidade esta ideia.

De modo que todos eles, apoiados em suas crenças individuais, aliadas ao apoio dos familiares, constituíram-se força motriz para o próximo passo, a profissionalização.

3.4 OLHA O GOL! GOOOOL: A PROFISSIONALIZAÇÃO

Tornar-se jogador profissional se configura como a parte mais complicada no processo de formação e consolidação dos jogadores. Não existe uma linha tênue. Contusões, sentimentos como saudade; medo e desesperança, somados a empresários e dirigentes de difícil trato, podem ser percalços nesta trajetória. Os capitais futebolísticos são fundamentais para lograr êxito na carreira.

Para Damo 2005, os capitais futebolísticos elaborados a partir da perspectiva bordiana de capital social entendida “uma constelação de atributos que permitem a alguém se inserir legitimamente num dado campo social” podem ser classificados em sentido amplo e sentido restrito:

- a) Em sentido amplo, os capitais futebolísticos são os atributos que garantem o acesso de um menino a um centro de formação/produção, o que inclui desde o reconhecimento do talento - por agentes autorizados pelos clubes e não por um observador qualquer, [...] até os vínculos com agentes/empresários, passando pela percepção dos limites e possibilidades de movimentação no interior do universo profissional, o que pressupõe a posse de outras modalidades de capitais, dentre as quais o capital simbólico está em primeiro plano.
- b) Em sentido restrito, referindo-se aos atributos propriamente corporais de um indivíduo qualquer, os capitais futebolísticos perfazem um leque amplo e variado de disposições físicas, psíquicas e sociais que extrapolam, significativamente, a dimensão técnica e, sobretudo, uma dada dimensão em particular, muito valorizada pelo senso comum, associada ao controle da bola - malabarismos, floreios, etc. (DAMO, 2005, p. 128/129)

Munidos desta definição, passaremos à análise da carreira dos entrevistados. Primeiramente, usaremos sua apresentação. D'Alessandro, afirma que após um Guri Bom de Bola foi para o RS Futebol, cujo dono era Paulo Cesar Carpegiani, e com o fim do seu contrato passou a transitar, sem rumo certo, pelo mundo da bola. É interessante perceber que a partir de sua experiência, desenvolve uma opinião que se alinha aos questionamentos suscitados por esta pesquisa:

[...], com 14 para 15 anos quando eu fui campeão do Guri Bom de Bola aqui com o Colégio Medianeira, [...] e eu saí pra, fui convocado pelo Paulo César Carpegiani para fazer parte do RS Futebol Clube, em 2003 pra 2004 e a partir de lá esse sonho se tornou uma coisa assim mais palpável, vamos dizer assim, e a partir dali eu achei que estando naquele meio com pessoas, até hoje o próprio Rodrigo Caetano que trabalha no Internacional, recentemente foi contratado pelo Internacional, trabalhava lá, então eu tinha uma expectativa muito grande de chegar a alcançar esse sonho.

A partir dali eu saí. Eu joguei três anos ali, eu fiz toda minha categoria de base, quando terminou meu contrato tanto com o clube formador, tanto quanto com o empresário Paulo César eu resolvi tocar minha vida achando que eu conseguiria sozinho me virar no mundo do futebol, mas ali foi um dos meus primeiros erros meus para com o futebol, não saber lidar com ele.

Futebol é um mercado muito complicado e a partir dali eu bati em alguns clubes sozinho, tive procura de alguns empresários que eu não conhecia para me levar para algum lugar, tive passagem por alguns clubes e não quis ficar, até que eu resolvi por intermédio de um empresário, de uma empresária que não era do ramo do futebol mais um cara que me conhecia pelo futebol e me levou pro Vasco da Gama e eu fiquei lá durante um bom tempo e por mais um erro meu e também não ter atendido as minhas expectativas eu acabei desistindo de ficar lá, acabei voltando e sabendo que ali eu estaria me retirando de um cenário muito próximo daquilo que eu imaginava, mesmo eu sendo muito novo, eu tinha 19 anos na época[...]. (D'ALESSANDRO, 2018, grifo nosso)

Como podemos perceber, sua trajetória foi influenciada diretamente pela ação dos empresários, ou pela falta dela, em alguns casos, uma vez que suas escolhas não eram compatíveis com os interesses deles, criando, deste modo, obstáculos que culminaram com a falta de novas oportunidades.

De maneira que ao ser questionado acerca dos pontos positivos, iniciou sua fala ressaltando o esporte como modo de educação, e fez questão de frisar a importância do futebol na formação de seu caráter e construção de sua personalidade, uma vez que ela se formou longe da família, como ele mesmo diz: “O meu professor foi o futebol! Claro Aliado às experiências de outras pessoas que estavam comigo”:

Eu acho que o futebol deveria ser muito mais usado, não só o futebol, vamos tratar o esporte um meio de educação, acho que ele é fundamental e o esporte pra mim eu posso, assim ele moldou o meu caráter, a minha pessoa se hoje eu posso o futebol fez de mim, se eu não tivesse ele, se eu não tivesse o futebol eu seria outra pessoa, completamente outra pessoa, eu consigo olhar para tras e enxergar, por exemplo, se um guri que fica, comum, uma pessoa que eu acompanho ficou na casa dele dos 14, na adolescência, por exemplo na minha adolescência, dos 13,14,15,16,17,18,19 até os 20, 21 foi o ano em que eu voltei pra casa, 20 eu não lembro, foi toda fora da minha casa e o meu professor foi o futebol, claro, aliado as outras pessoas que estavam junto né, mas eu não tinha o meu pai, eu não tinha a minha mãe, porque aquela dúvida diária, eu tive que criar aquela casca sozinho, então isso eu posso depositar no futebol essa, eu acho que ele tem fundamental importância na formação do meu caráter.

Geromel, por sua vez conta que sua trajetória começa em Erechim, nas categorias de base do Ypiranga, e que depois vai para São Paulo, Santa Catarina, Paraná e Rondônia:

[...] comecei jogando no clube daqui de Erechim, no Ypiranga. Fiz minha divisão de base ali, dos 15 aos 17 anos, depois fui para São Paulo e joguei no, em clubes do interior lá, no Ituano, União São João de Araras, joguei Taça São Paulo, Taça BH de Juniores, competições de base, as mais importantes que tinha na época. Depois me profissionalizei em um clube no interior de São Paulo, disputei desde a pior divisão lá de São Paulo até melhor. Depois vim para Chapecó, [...], joguei mais um ano no futebol paranaense, no Francisco Beltrão, no Pato Branco E depois fui para Rondônia, no Vilhena foi o último clube que eu atuei no futebol como profissional[...]. (GEROMEL, 2018).

Ao ser questionado acerca dos aspectos positivos deste período, também aponta o amadurecimento como principal legado da profissionalização:

Olha o que mais assim neste aspecto foi ao fato do amadurecimento, na experiência de vida que tu ganha, que eu acho que isso faculdade nenhuma vai te dar, essa experiência de vida, essa maturação precoce, porque a minha primeira experiência fora de casa foi com 15 anos quando eu fui para São Paulo e fiquei um tempo lá então acho que tudo acontece meio precoce, a questão da responsabilidade, a questão da vivência fora da casa, tu tem que se virar lavando roupa, tu tem que se virar em lugares que as vezes os pais não deixaria seus filhos andar, então acho que essa experiência maturação aí foi o grande diferencial que eu percebi (GEROMEL,2018).

Neymar foi mais lacônico, optando por ser mais genérico nas suas declarações, veremos mais adiante, que isso é fruto de sua desilusão pelo futebol:

Bom, minha vida no futebol começou muito cedo, dos nove pros dez anos já entrei em escolinhas e daí em diante então não parei mais, de escolinhas fui pra categoria de base e de categoria de base fui pro profissional. Hoje eu tenho vinte e cinco anos e sou formado em Educação Física licenciatura e sou micro empresário (NEYMAR, 2018).

Numa primeira análise, percebemos que os rumos de sua trajetória notoriamente o incomodam. Talvez a chave dessa desilusão seja exatamente o fato de ser o único a prospectar a ideia de ter o dom para o futebol, e o revés mudou por completo sua percepção a respeito do futebol.

Ronaldo, assim como Geromel, iniciou nas categorias de base do Ypiranga, e dentre os entrevistados, foi o que menos atuou profissionalmente:

[...], depois de um certo tempo quando consegui um time na categoria de base eu já comecei a frequentar aqui o Ypiranga da nossa cidade e isso em 2009, seria juvenil, eu fiquei 2 anos aqui 2009-2010, 2011,2012,2013 eu fui pra Concórdia/SC onde eu profissionalizei e entre esse período de 2012-2013 eu fui por empréstimo para Osvaldo Cruz, que seria um time de São Paulo, do interior de São Paulo que jogava a bezinha¹⁹ lá. Em 2013 como eu tinha te dito eu profissionalizei, período curto, porém interessante para botar algumas situações para hoje, como que eu posso me referir, para botar ou um ponto final nessa história ou prosseguia no futebol, ou terminava e seguia outra função. (RONALDO, 2018)

Mesmo tendo uma curta profissionalização, ressalta que esta experiência foi proveitosa pela possibilidade de interação com pessoas que pensam diferente e de fortalecimento de valores positivos que serão parâmetro pelo resto da vida.

Aspecto positivo, desde o início o esporte é muito interessante pra questão de formar pessoas.

E também pela questão de tu trabalhar com as diferenças, entende, depois que tu começa a ser relacionar no futebol, você foge um pouco dessa, vamos dizer assim, dessa tua vida normal e você começa a conviver com pessoas de diferentes pensamentos, de diferentes raças, etnias, crenças, enfim isso ajuda a gente expandir um pouco essa questão de se socializar entende com as pessoas.

No início quem sabe a gente tem coisas que a gente se priva um pouco e quando você a começa a conviver com pessoas, começa a conhecer essas diferenças você acaba vendo que a gente é tudo igual, que a gente está aí pra se ajudar, a dificuldade existe no futebol, então você tem que sempre estender o braço pro teu companheiro, então eu acho que isso aí é um aspecto muito positivo que pra sociedade inteira seria interessante entende porque existe essa, como eu posso me referir, essa questão racial enfim, o futebol não, na parte pra mim foi muito importante nesse setor.

¹⁹ Corresponde a 4ª divisão do Campeonato Paulista de Futebol.

A partir da ideia que a sociação surge da “coexistência isolada dos indivíduos adota formas determinadas de cooperação e de colaboração, que caem sob o conceito geral de interação”. Sendo “assim, a forma, realizada de diversas maneiras, na qual os indivíduos constituem uma unidade dentro da qual realizam seus interesses” (SIMMEL, 1983, p. 60), podemos entender o quão valioso foi o processo de profissionalização para Ronaldo.

Por meio da perspectiva de Simmel, que entende a cultura como “uma série prolongada de encontros realizados entre o espírito subjetivo de uma determinada pessoa e certo número de aspectos do espírito objetivo que circunda tal pessoa” (POGGI, 1998, p. 199), confirmamos a tese de que o futebol ultrapassa a esfera física, e, em uma perspectiva relacional, podemos afirmar que ele não pode mais ser reduzido ao “ópio do povo”, uma vez que suas relações estabelecidas podem atuar como ‘desalienante’, dependendo exclusivamente do processo de interiorização/incorporação (SIMMEL, 2009) pela qual cada sujeito passa.

A seguir, passaremos para o contraponto, os aspectos negativos de todo este processo, o “cartão amarelo”, o alerta de que nem tudo ia bem.

3.4.1 Cartão Amarelo! Sinal de alerta

Percebe-se, pelas respostas, que há grandes dificuldades de lidar com as frustrações. Principalmente quando elas são sonhos. Os entrevistados conseguiram realizar o sonho de se tornarem futebolistas profissionais. No entanto, este processo teve diversos obstáculos. A seguir, vamos fazer a apresentação deles e dos impactos gerados.

Começaremos com D’Alessandro, que aponta o tratamento dos jogadores como mercadoria e a ‘sujeira’ do meio, como fatores negativos.

Negativo, daí entramos em outro patamar é o seguinte: o futebol trata o ser humano como, as pessoas no futebol, o futebol não, o futebol é lindo, maravilhoso, apaixonante, só a gente assistir, mas as pessoas que envolvem o futebol elas tornam um meio sujo que tratam o ser humano como mercadoria, então isso as vezes acaba afetando aquele guri que não vai dar certo, que não deu certo, acaba frustrando essa pessoa ou acaba muitas vezes aquele guri que teria um potencial pra chegar, aquele jovem por ser esse meio sujo aí envolve um milhão de coisas que a gente não precisa nem fica citando aqui, mas que ele tem um lado obscuro é sabido eu acho pela maioria. (D’ALESSANDRO, 2018)

Geromel, na mesma linha, decepcionou-se com “a máfia que [ele] é. Por que assim como a política e outras coisas, o futebol também se enquadra nisso, coisas que a mídia não mostra por exemplo. Então, eu acho que a ‘sujeira’ do mundo do futebol foi a coisa que mais

me frustrou nesse período que eu joguei” (2018). Ele vai além, exemplificando situações que teve conhecimento:

Para mim, no meu caso foram assim, treinadores, dirigentes, foi o que me motivou a parar de jogar futebol realmente foi o fato que um dia quando eu tava no clube, o cara viu o meu salário e ele queria um percentual daquilo que eu tinha combinado com o Clube para ele e para o treinador. Por exemplo ganhava R\$ 3.000 e aí o acordo que eu tinha é que eu ia ganhar dois e meio nos três primeiros meses de contrato, dois e meio e 2 nos 3 primeiros meses e três nos três seguintes, e o diretor do clube veio pediu para mim pagar uma propina para ele para mim continuar lá, isso eu não concordei porque durante o período que eu tava fora, sempre meu sonho, eu sempre corri atrás do meu sonho, mas quando meu sonho para mim continuar ele eu tinha que ultrapassar a linha dos meus princípios e dos meus valores aí eu acho que para mim foi o limite entendeu.

Então essa máfia dessa troca de favores, de eu ter que me submeter a pagar uma propina para um cara para mim tem que ficar lá, então acho que foi assim, mas também tem que eu não presenciei, mas de sabendo de caso que, por exemplo, que hoje em dia todo mundo vem à tona quer os casos de abuso e isso tem muito no futebol. Então esses, esses dois fatores assim assusta (GEROMEL, 2018)

Neymar, ressalta as dificuldades de ficar longe da família, a precariedade estrutural de algumas equipes e o poder dos empresários:

Alguns aspectos negativos que eu vi foi a distância, muitas vezes isso é um aspecto negativo por a gente ser muitas vezes criança, saí de casa criança ou adolescente e ter que ficar longe da família. Outro é a situação de alguns clubes muito precária em alguns até passando necessidades para poder correr atrás de um sonho, necessidade que eu digo de muitas vezes não ter comida, alojamento muitas vezes tu não ter dinheiro pra fazer algumas coisas ter que estar lá pelo teu sonho e em outros até a questão de empresários que nem sempre era os melhores que tinham a oportunidade, que as vezes eram por causa dos empresários que influenciavam muito (NEYMAR, 2018)

Ronaldo segue a mesma linha de Neymar falando da distância da família e da situação precária de vida.

Negativo, é mais complicado falar porque, tem alguns pontos, tudo tem seus prós e contras, não adianta. Negativo é que você sai muito cedo de casa, você, tu já enxerga o mundo de uma maneira que no caso que teu pai e tua mãe acabam te protegendo, você acaba, vamos dizer, apanhando em certas situações da vida que se você tivesse em casa eles acobertariam, você tem a questão em algumas situações de algumas necessidades que tu passa, tanto financeira, quanto de moradia, são diversas coisas assim que acabam te, sendo negativa, porque você novo, fora de casa, as vezes você não está bem, então você acaba sofrendo um pouco mais (RONALDO, 2018).

A corrupção e a mercadorização do pé de obra, debatidos na primeira parte deste trabalho, chegam até nossos entrevistados de um modo similar, e suas percepções são parecidas na essência, variando o nível de confiança para expô-las a público.

A precariedade das estruturas dos clubes expõe a falta de organização e o amadorismo das gestões. Se traçarmos um paralelo com a Figura 1, que faz menção aos problemas enfrentados pelo futebol brasileiro na década de 1970, perceberemos que o cenário se alterou em poucos clubes, e a falta de profissionalismo acarreta a prejuízos para os envolvidos, como atraso de salários, falta de suprimentos básicos e um número cada vez maior de clubes sazonais.

Tanto que, ao serem questionados a respeito das piores estruturas nos clubes que restaram, D'Alessandro relata que foi “em lugares piores no interior do Rio Grande do Sul. Mas pelo tamanho, pelo que se impõem Vasco da Gama foi a pior”. Geromel acabou por relatar um caso que demonstra a dificuldade pelas quais os atletas passam em clubes menores:

Olha, o pior clube, na verdade na época ele estava em formação, foi em Embu das Artes. Eu fui lá, eu fiquei, acho que eu não cheguei a ficar um mês lá sabe, aí eu lembro teve um fato que aconteceu assim que me marcou bastante que foi na época de Páscoa. Eles liberaram quase todo mundo pra ir para casa e daí ficou quem morava longe, ficou eu, um amigo meu Baiano, outro que era do Pará, pessoal que realmente morava longe, não tinha como ir para casa, eu lembro que eu acho ficamos uns 7,8 e daí na sexta-feira eles dispensaram todo mundo, quem quisesse ficar sexta, sábado e domingo.

Aí tinha a tinha da cozinha que vinha cozinhar, ela veio na sexta-feira, veio no sábado de manhã, aí no sábado de manhã ela deixou a comida pronta pra nós esquentar no sábado de noite, esquenta no domingo de manhã, esquenta no domingo de noite e aí que aconteceu ela foi pra casa dela, todo mundo, fico só nós lá e eu como era um dos mais velhos lá na época fiquei responsável pela cozinha, aí tá, a gente comeu sábado de manhã, o que ela fez sábado de meio dia, sábado de noite eu esquentei a comida e a gente comeu de novo na época tinha 17 anos só, nem isso, 16,17 e aí esquentei de noite. No domingo, cara, não tinha mais condições de nós comer aquela comida, aí eu peguei toda aquela comida, eu tava responsável lá, e joguei fora. E na época como eu não sabia cozinhar, lembro que teve um fato que eu liguei pra mãe uma vez e ela por telefone foi me orientando, só que estamos em 8 pessoas aqui, como que eu faço mãe, eu fiz arroz, uma massa, um frango ali, tudo por telefone e ela disse “ó vocês estão em 8, bota, sei lá 2 xícaras de arroz, vai fazendo assim” ela me orientou e a gente fez a comida, tudo com os utensílios que tinha na cozinha. De noite aí todo mundo comeu, de noite a gente, eu peguei meu dinheiro, fui em uma padaria comprei pão, vi que tinha um monte de salsicha e molho de tomate lá e fiz um cachorro quente pra todo mundo lá e daí eu disse assim “ó ninguém limpa nada, pode deixar assim, não precisa limpar, não precisa deixar nada, pode deixar que amanhã eu me viro com tudo.

E dito e feito, chegou na segunda de manhã quem me acordou foi o diretor do clube “o gaúcho” começou a me chamar “o gaúcho, tá de sacanagem, a gente te deixou de responsável e olha aí a bagunça que tu fez na cozinha e acabou com todos os molhos de tomate da semana, acabou com toda as salsichas, não sei o que” Eu só esperei ele falar e eu falei assim pra ele “era final de semana de Páscoa, você ficou com a tua família, né, de noite, nós ficamos aqui, comendo comida requentada no domingo de noite enquanto tu tava na pizzaria com tua família, no domingo de meio dia tu tava comendo churrasco com tua família, nós estávamos aqui comendo comida requentada, então eu fui lá e fiz comida nova pra gente, domingo de noite eu tirei dinheiro do meu bolso pra comprar pão pra todo mundo comer, enquanto o senhor estava em casa com tua família e se o senhor quiser mandar embora por isso, não seja por isso eu já tô com minhas malas prontas, porque eu não vou ficar aqui eu acho que se eu sai de casa, eu não quero passar necessidade, eu acho que o básico vocês tem que oferecer é comida, lugar bom pra ti dormir e um lugar bom

para ti treinar. Entendeu essa estrutura qualquer clube se quiser crescer tem que ter e aí eu lembro que isso aconteceu e realmente na segunda de manhã eu fui embora (GEROMEL, 2018)

Retomando a ideia de interiorização de Simmel, percebemos que Geromel demonstrou uma consciência crítica aflorada pelas suas experiências de vida e convicções fomentadas pela “escola” futebol. Fatos como o exposto por ele geram uma solidariedade, uma relação de afinidade e pertencimento, tanto que ele apresenta um desdobramento daquela passagem no ano de 2018:

E o pessoal que ficou lá cara eu fiquei com pena do menino, tanto que fiz amizade com eles e olha só que coincidência é engraçado. Essa semana o Botafogo de Ribeirão Preto veio jogar aqui contra o contra o Ypiranga de Erechim e eu fui no jogo e acabou o jogo eu fiquei esperando lá no vestiário do Botafogo por que um amigo meu que tava nesse dia que eu fiz as coisas ele foi meu colega lá, ele tava lá. Hoje ele é jogador do Atlético Mineiro e tá emprestado pro Botafogo de Ribeirão Preto e quando vi ele no estádio, quando acabou o jogo ele veio correndo lá me deu um abraço e a primeira coisa que ele falou isso “Pô [...] eu lembro daquele dia que fez a janta para nós, se tu não tivesse lá teria passado fome” Então essas coisas assim que hoje o cara lembra e uma felicidade né (GEROMEL, 2018)

Neymar, também não teve uma boa impressão de um time no interior de São Paulo,

A pior estrutura que eu tive que ficar foi em São Paulo, em um clube lá de São Paulo que era muito precária, a questão de comida, a questão de alojamento era bem antiga assim, a gurizada de fora como a gente que é gaúcho e vai pra lá nas primeiras semanas, primeiro mês é sempre ruim por causa da comida diferente e talz, então meio que a gurizada passava mal, o alojamento era meio antigo, bem precário, então esse foi o pior clube que eu encarei a realidade foi lá em São Paulo no interior. (NEYMAR, 2018)

Ronaldo, igualmente se decepcionou com a estrutura do time paulista que jogou: “Lá por ser uma divisão inferior de campeonato era mais complicada a coisa, por questão estrutural do clube, pela situação que o profissional também tava na Bezinha do paulista” (RONALDO, 2018)

Levantados os aspectos negativos, passaremos a analisar de que modo eles contribuíram ou não, para o encerramento precoce das carreiras dos entrevistados.

3.4.2 Cartão Vermelho! O jogo acaba mais cedo

A decisão de encerrar ciclos na vida presume-se ser difícil de tomar. Trocar de emprego, cidade, estado, país ou profissão, gera rupturas que podem assumir contornos traumáticos. A frase "O jogador de futebol morre duas vezes. A primeira, quando para de

jogar" de Paulo Roberto Falcão, tornou-se um clichê, mas sintetiza o sentimento daqueles que são obrigados a abandonar a carreira, principalmente de maneira prematura.

Damo (2005) elabora um ciclo que apresenta as fases pelas quais os atletas passam desde o início do processo de formação até o ciclo de reconversão ou aposentadoria:

Figura 7: Ciclo de um atleta

Ciclo de aprendizagem ou pré- formação	Ciclos de preparação ou formação	Ciclos de aprimoramento e de atuação	Ciclos de desconversão	Ciclos de reconversão ou aposentadoria
Domínio das técnicas elementares, freqüentação a escolinhas, eventual reconhecimento do talento, seleção e recrutamento para a formação	Restrito aos vocacionados, aos que dispõem do dom; refinamento das técnicas corporais e progressão em direção ao profissionalismo ou exclusão	Atuação profissional sujeita a variações em termos de remuneração, prestígio e sucesso, embora ser profissional seja um valor em si, pois é associado a um ideal de masculinidade	Fim de carreira e reconversão profissional, podendo esta ser definida por limitações físicas (idade ou lesões graves) ou desemprego crônico	Período de recesso; seguidamente traumático pelo distanciamento do público
Dos primeiros passos aos 14 anos	A partir dos 10 anos, intensificando-se dos 14 aos 20	Entre os 17 e os 35 anos	Entre os 30 e os 40 anos	A partir do fim da carreira ou quando este estiver próximo

Fonte: (DAMO, 2005, p.174)

Nossos entrevistados encerraram suas carreiras durante os ciclos de aprimoramento e de atuação, estando longe dos ciclos de desconversão e de reconversão (aposentadoria), e, buscamos entender de que forma esse processo ocorreu, quais foram seus impactos na vida deles e se isso mudou a forma como veem o futebol atualmente.

D'Alessandro após sua desilusão no Vasco da Gama, mudou o foco,

*eu resolvi estudar, comecei minha carreira dos estudos como advogado, pretendendo ser um advogado e no meio do caminho recebi uma proposta, um empresário veio me procurar querendo me levar pra fora do país ou para um outro clube e tal, dizendo que eu não poderia parar, que eu era muito novo, eu já tinha 22 anos e aí então eu propus para ele tivesse, o Ypiranga na época estava na primeira divisão do Gauchão, que se ele tivesse como me colocar lá pra mim ficar um tempo, pra mim ficar uns dias treinando, mostrar o meu trabalho, pro treinador que eu pudesse ficar ali ou daqui a pouco assinar um contrato com o Ypiranga e continuar estudando, que essa era minha intenção, não sair para jogar fora de novo, tentar largar os estudos e aí eu joguei mais dois anos de profissionalmente com o Ypiranga e **acabei parando por opção** [...]. (D'ALESSANDRO, 2018, grifo nosso)*

Geromel contou que em "Chapecó, tive uma lesão grave de tornozelo. Em 2012 operei, não parei de jogar por causa disso". Ele reforçou que os aspectos negativos já citados

foram fundamentais para sua parada, e trouxe ainda mais um caso que presenciou e o fez desacreditar ainda mais nas pessoas que gerem o futebol:

A sujeira do futebol né, eu, por exemplo, eu conheci um menino que jogou comigo que um dia eu descobri que ele tinha identidade falsa, entende, descobri que ele tinha uma identidade falsa e ele fez uma alteração na data de nascimento dele, ou seja, o gato que eles falam, ele fez um gato na idade dele. Ele era de 88 e ele estava competindo com o pessoal de 92, então é muita diferença sabe para uma categoria de base, então realmente chega na divisão de base faz muita diferença e depois eu descobri que tinha um cara que se dizia empresário e ele tinha relações com empresário em troca de favores, entendeu, ele falava que tinha relações com esses empresários, empresário esse dava dinheiro pra ele, pagava prostituta pra ele, pagava festa pra ele, sabe e dizia e que arrumava time pra ele então, olha só, eu, por exemplo, não tive fato disso aí, pra mim no caso o que me fez desistir foi a sujeira sabe, foi o mundo do futebol muito sujo. (GEROMEL, 2018)

Neymar expõe sua decepção devido a falta de oportunidades:

O que me fez largar a carreira foi um pouco a falta de oportunidade, de tu percorrer alguns clubes com menos visibilidade e não ter tanta oportunidade assim e um pouco também a falta de motivação eu acho que com o tempo a gente vai perdendo a motivação e vai perdendo aquela vontade que tu tinha por estar, por você ver algumas coisas que te magoam muito, te deixam muito decepcionado neste mundo aí do futebol. (NEYMAR, 2018, grifos nossos)

Fica claro que ele possui um ressentimento grande por não ter conseguido seguir adiante. É provável que isso seja fruto das expectativas que criou, e do fardo que elas se tornaram quando unidas com as que a família, provavelmente, gerou.

Ronaldo tem uma história mais complexa, além das lesões, sofreu com a falta de profissionalismo e honestidade dos gestores de seu clube:

Eu, 2013 eu tinha ficado 10 meses machucado, entre 2012 e 2013, foi o tempo que eu subi pro profissional em 2012 que eu iria profissionalizar e eu acabei sendo emprestado para esse time de Osvaldo Cruz e lá acabei me machucando, voltei, eu tava com problema no joelho, lá em São Paulo eu fui diagnosticado com rompimento no cruzado, quando eu cheguei em Concórdia eu fui fazer de novo uma série de exames, um pouco mais complexos e não era nada de tão grave, mas precisava de um tratamento específico, enfim, eles me ofereceram todo o tratamento necessário, peguei, me recuperei, quando eu tava já iniciando 2013, o júnior, iniciando 2013 eles queriam acelerar esse processo de campo, como posso me referir, parte de recuperação para voltar antes pros gramados e eu acabei tendo outra lesão. Enfim, totalizou 10 meses, recuperei, quando recuperei, joguei as cinco primeiras partidas do júnior, eu tinha dado um passe e três gols, foi quando começou a questão de empresário e coisa e o técnico do profissional pediu pra mim integrar o grupo do profissional.

Comecei a treinar com o profissional, a partir da estreia eu cheguei a me surpreender, achei que ia ser igual o ano anterior que tinha subido a gente pro profissional só emprestado porque não ia ser utilizado e foi totalmente diferente. Eu subi, começou a segunda do catarinense, eu iniciei o catarinense jogando e eu fiz o nosso gol da vitória da estreia e aí como aí já tinha um assédio de empresário e

coisa por eu já ter feito um campeonato de juniores bom, e alguns times da primeira, da elite do catarinense: Joinville eu já tinha um ano anterior tinha conversando sobre alguns atletas que estavam no elenco eles decidiram profissionalizar, quando foram profissionalizar aí que deu já o primeiro, vamos dizer assim, enrosco, eu achei que no profissional, tava fazendo gol, já tinha feito na estreia, dei passe, na segunda partida e fiquei fiz o gol da vitória na nossa terceira partida.

*Eu achei que eles iam oferecer um salário um pouco melhor que eu ganhava, uma ajuda de custo, nos três anos que eu fiquei no Concórdia eu ganhava uma ajuda de custo e no último eu achei que ia ser um salário um pouco melhor, mais elevado por estar sendo aproveitado no elenco principal, aí veio esse primeiro balde de água fria, seria o salário, o segundo, eu comecei, como o profissional e o júnior estavam rolando nas mesmas datas, eles tavam aproveitando nas duas competições, eu acabei sobrecarregando de novo, um pouco o meu joelho que aí foi cirúrgico. **Quando eu fiz a cirurgia eles acabaram vamos dizer assim, me deixando de lado e até tem uma frase, que eu não esqueço que eles falaram. Eu ameacei colocar na justiça porque com o salário atrasado, machucado, eles me encaminharam tudo pelo SUS, aí eu falei que iria por na justiça, quando falei por na justiça eles falaram não esperava isso de você e eu falei muito menos eu da parte do clube, por isso não se faz nem com um animal o que eles estão fazendo comigo, com qualquer bicho e foi o motivo mais crucial para mim ter parado (RONALDO, 2018, grifo nosso).***

Após esse relato, Ronaldo demonstrou mágoa pelo tratamento que recebeu e pela falta de respeito. Atitudes como as relatadas por Geromel, Neymar e Ronaldo são mais um no universo de descaso dos gestores do futebol brasileiro. Mais do que isso, podemos afirmar que os jogadores quando assumem a configuração de mercadoria na lógica capitalista, tornam-se descartáveis, porque a procura é infinitamente maior que a oferta.

Não perdendo de vista a ideia de que cada indivíduo recebe de modo particular e subjetivado os processos sociais; econômicos; afetivos e culturais, vamos analisar de que modo eles passaram a enxergar o futebol após o sonho ter chegado ao fim.

D'Alessandro, enxerga o futebol como algo que mudou, que se modernizou:

Olha, assim, como todas as coisas no mundo, assim, qualquer setor, mudaram muito e o futebol inclusive. Tem o processo de aceleração do jovem já, do guri já tá no profissional, isso daqui a pouco, eu quando tinha 14,15 anos saindo de casa, 14 anos eu achava cedo, meu pai, minha mãe, uma loucura, quem via aquilo achava uma loucura, hoje se o guri sai de casa com 15 ele já tá velho ele pra começar, iniciar uma categoria de base, então, isso é uma coisa que mudou muito da minha época, em tão pouco tempo, não faz tanto tempo assim, afinal eu tenho 29 anos, mas enfim, questão física, questão tática nem tanto, mas a questão física mudou muito eu acho que um jogador hoje em dia ele não basta ter, técnica, eu acho que é o principal é ter força, explosão, isso tudo mudou bastante, eu acho que a preparação física de um jogador de futebol mudou muito, muito, um jogador dos anos, meu modo de ver, com todo respeito a qualquer um jogador dos anos 70, por mais qualidade que ele tivesse, ele não iria aguentar o ritmo de um jogo hoje é extremamente físico, um jogo muito, totalmente diferente do que se via antes, isso também faz parte dessa modernização[...] (D'ALESSANDRO, 2018).

Para ele, o futebol é uma ilusão, pois uma pequena parte tem acesso aos altos salários e ao prestígio:

Eu acho assim, eu acho que nessa questão é bem, como posso dizer, é ilusório, obviamente que um guri sonhando ser um jogador de futebol vai escutar isso e vai pegar como um projeto de vida, mas olhando hoje eu também já sonhei isso, isso é uma classe muito pequena para a quantidade de jogador, hoje nós temos jogadores de futebol que ganham menos que o jogador, daqui a pouco que eu jogando futebol amador sabe, tem uma classe enorme de jogadores que chega a ganhar um salário-mínimo ou menos que um salário-mínimo, muito maior do que a classe que ganha esses valores que tu acabou de falar, citar, aí então eu costumo falar que depois que eu voltei do Vasco, que eu abri mão de um lugar onde eu estava próximo daquilo que eu imaginava como um jogador, eu passei a falar: o futebol de verdade e o futebol de mentira. Um futebol de mentira, na minha concepção, naquilo que eu vivia dentro do Ypiranga na época, com os valores salariais e dos jogadores que estavam comigo recebiam, aquilo pra mim era futebol de mentira, nós éramos jogadores de mentira porque, isso uma conclusão minha, porque nós treinávamos, tanto quanto, daqui a pouco corríamos tanto quanto ou mais que um jogador dessa classe do futebol de verdade e ganhávamos miséria, entende, eu acho que isso é um processo, uma situação que é difícil tu fazer engolir, um garoto que tem esse sonho entende.

E, eu acho que esse tipo de coisa não vai mudar, só tende a aumentar porque o futebol virou um mercado muito grande dos empresários e é o único esporte, é o único esporte e talvez a única profissão no mundo que tu dorme pobre e acorda rico, então tu pega, tu investe no Vinícius Júnior, tu investe durante a vida dele, tu pego ele como empresário dele aos 10 anos e até agora aí aos 18 do rapaz tu investiu 500 mil para dar um suporte para a família, pra ele daqui a pouco tu tem uma venda de quase 200 milhões de reais, aonde tu consegue isso, essa valorização em tão pouco tempo e imagina para um jogador que ele não é nada, não tem nada, não é ninguém, em meio ano, um ano tá custando tudo isso e jogando no maior time do mundo, daqui a pouco vai jogar no Real Madrid, mas eu acho que é uma ilusão em que não tem como segurar o sonho de um jovem, mesmo que sabendo que é uma ilusão (D’ALESSANDRO, 2018).

“O futebol de verdade e o futebol de mentira” (D’ALESSANDRO, 2018), uma frase forte, mas que reflete aquilo que o futebol se tornou. É um braço do capitalismo que oferece um produto; um espetáculo. A bolha dos direitos de transmissão é o retrato do capitalismo. O rico cada vez mais soberano no controle de todos os processos, adaptando-os aos seus interesses e os pobres vendendo a preços irrisórios seus destaques.

A concentração de renda no futebol cria a ilusão de que a mobilidade social é possível. Mas a realidade é que, muitas vezes, o salário recebido é inferior ao que os outros ramos do mercado oferecem.

Geromel segue a mesma linha de D’Alessandro, e coloca o futebol como um negócio:

É realmente o futebol hoje ele é negócio né, então ele não premia o cara que mais treina, ele não premia o jogador que é melhor. Então ele é um negócio, entende, então as vezes tu tem um empresário que tem uma influência em clube. O cara vai ter uma experiência, Eu lembro que teve campeonatos que eu lembro era Capitão do time eu joguei quase todos os jogos do campeonato. E aí teve um jogo que o cara

que jogava comigo de Zagueiro, por exemplo, na época estava jogando o zagueiro ou ele jogou comigo do zagueiro ele não pode jogar, e aí o reserva que nós tinha ele era reserva na minha posição, e aí o que eu fiz, como ele não tinha jogado nenhum jogo, eu me sacrifiquei e joguei na posição do colega que não podia jogar para ele poder jogar na posição dele, que a posição dele era a mesma que a minha. E aí ele só jogou esse jogo e eu lembro que acabou o campeonato, ele foi para o Cruzeiro de Belo Horizonte, e eu fiquei desempregado.

Depois desse torneio, então para te ver como não é uma, uma forma justa, entende, então essas coisas assim que acontece no futebol. Outras vezes eu lembro que tinha um empresário que tinha um jogador no Inter e aí os caras do Inter querem, por exemplo, renovar o contrato dele, aí o empresário pegou e disse assim só vou renovar o contrato dele se tu renovar o contrato do outro menino que tá lá não sei o quê. Então o clube se obrigou, como ele queria renova o contrato com esse jogador grande ele teve que renovar o outro. Então, essas coisas, futebol é negócio, eu lembro quando eu me machuquei em 2012 na Chapecoense, pra mim poder voltar a jogar o empresário ele teve que praticamente me bancar porque eu tava fora de mercado, eu não valia mais nada, ninguém queria um jogador que tava voltando de lesão, então que não sabia se ia voltar a jogar como que eles iam assinar um contrato comigo, então, na época o empresário que eu tava ele pegou e falou assim “ó eu tenho um meia que vai pro time tal, mas eu quero que vá um outro menino junto” que era eu, então o cara tá tá bom. Aí em troca o empresário nosso ia dar o hotel pra quando o time fosse jogar para aquela região do estado nós tivesse ganhado o hotel.

Aí eu lembro que quando eu cheguei lá, eu tava voltando de lesão, o clube dispensou aquele outro menino pra ir e eu fui de bônus, ai dispensou o menino que era pra ficar lá eu que era o bônus acabei ficando, entendeu, então ali de alguma forma teve uma injustiça, o menino que foi só para ser o cara, e eu que fui de bônus, eu acabei sendo o cara e o cara dispensando, então, entendeu e aí esse empresário nosso bancou nós lá porque ele dava hotel, então era alguma coisa em troca, então, não adianta, futebol hoje é negócio, como qualquer outra empresa, os clubes são empresas tem que pagar décimo terceiro, férias e tudo mais e virou negócio (GEROMEL, 2018).

Com seu relato, percebemos que as negociatas movem um sistema corrupto, um jogo de ganha-ganha, que favorecem empresários e dirigentes, e que muitas vezes lesam as agremiações ao ponto de, por exemplo, não pagarem os salários. No Brasil, mesmo após a adoção do Profut, que visa negociar as dívidas das agremiações, várias equipes continuam gastando dinheiro, como se isso não tivesse um retorno.

Neymar, por sua vez, adota um discurso alinhado aos anteriores, ao afirmar que o futebol é escravo do dinheiro e dos empresários:

Hoje eu vejo o futebol como um esporte normal, claro que eu gosto mais dele do que dos outros esportes, mas eu sou bem menos fanático que eu era uma vez porque eu cresci olhando um futebol que jogava quem era o melhor ou quem era persistente ou todo mundo recebia oportunidade e hoje em dia o futebol é diferente, eu também já tive essa experiência quando eu tentei ser jogador profissional e hoje em dia o futebol é um mundo assim que envolve muito dinheiro, então nem sempre é o melhor que esta ali, então muitas vezes é influência do dinheiro ou do empresário então a gente acaba se desgostando um pouco por esse lado. Mas eu acompanho o futebol, gosto de assistir, não torço pra nenhum time, apenas gosto de assistir pelo gosto que eu tenho do futebol, mas eu descreditei muito depois que eu vi e depois que eu tive várias inserções, várias decepções envolvendo esse tipo de problema, então o

mundo do futebol hoje é escravo do dinheiro e escravo dos empresários (NEYMAR,2018).

Sua experiência negativa, enquanto profissional, acrescenta o caráter passional do esporte. Ele perdeu o encanto. Provavelmente pela sua frustração latente. A fala soa um tanto contraditória, pois ele gosta do futebol, mais do que os outros esportes. Talvez a questão seja o modo como ele lida com esse sentimento, sendo uma relação de amor e ódio.

Ronaldo, por ainda estar ligado ao futebol, tece uma crítica ao modo como o dinheiro vem afetando as relações que permeiam o futebol, citando casos de equipes que tiveram um relativo sucesso no começo do século XXI e hoje estão no ostracismo:

[...]por essa questão financeira muitos times deixam de participar dos campeonatos, tu olha um Sapucaense, um Quinze de Campo Bom, que a 9,10 anos atrás tu pegar um profissional da nossa região que jogou nesses times, hoje eles deixaram de fazer o profissional por isso. Porque é uma questão muito política também, tem essa questão política no futebol, é muito complicado de tu fazer. É uma questão política também, eu te falei, é um assunto meio sensível de se falar, mas não é fácil, não é fácil pelas pessoas, um pouco também que envolvem o futebol. O futebol é também complicado pela questão que quando tu começa a envolver muito dinheiro, no esporte em si, ele começa a ficar difícil de conversar, de se trabalhar, o problema é o dinheiro (RONALDO, 2018)

Todos os entrevistados seguem uma linha de raciocínio; criticando a mercadorização do futebol e as relações escusas que acabam minando a credibilidade de gestores e de projetos esportivos.

3.4.3 Alguns apontamentos

Este tópico abordou a carreira dos entrevistados, desde o início, nas categorias de base, até o seu precoce encerramento. Cada um deles manifestou sua opinião; contou sua trajetória, e deixou transparecer o modo como vislumbra todo este processo e, principalmente, como vê o futebol depois que o sonho acabou.

D'Alessandro e Geromel, aparentemente, lidaram e lidam melhor com esse processo de transição; lembraram trechos marcantes com nostalgia, enquanto Neymar e Ronaldo se demonstraram mais ressentidos, principalmente o primeiro. No entanto, não podemos perder o foco de que, em nossa opinião, a ruptura mais traumática foi a de Neymar, sempre lacônico e distante. E a mais complexa foi a de Ronaldo, que envolveu atraso de salário, lesão, desassistência e não cumprimento obrigações por parte do clube.

Aqui já podemos começar a responder as questões que nortearam esta pesquisa: como a formação das sociabilidades dos jogadores (ex-profissionais) do Campeonato Municipal de Futebol Amador de Erechim, se deu sob a ótica da mercadorização do futebol; que elementos permearam este processo, e de que modo o sonho da profissionalização foi influenciado pelo cenário do período.

Fica claro até aqui, que o futebol fez parte da formação das sociabilidades destes atletas. Sua influência fica perceptível quando eles verbalizam que buscavam viver seu sonho e obter poder econômico para melhorar a qualidade de vida da família.

Neste sentido, não podemos sublimar o papel da televisão neste processo, uma vez que foi ela quem possibilitou um contato mais próximo com as ligas; jogadores e histórias de sucesso que serviram de inspiração para os entrevistados.

Outro elemento que precisa ser colocado em campo é a Educação e seu papel na construção da cidadania e da emancipação dos sujeitos. A questão aqui é como ela foi tratada pelos entrevistados no período em que eram profissionais, tendo em vista que, como vimos, o futebol exige uma dedicação quase que exclusiva, a partir do final das categorias de base.

Outro elemento que precisa ser colocado em campo é a educação e seu papel na construção da cidadania e da emancipação dos sujeitos. A questão aqui é como ela foi tratada pelos entrevistados no período em que eram profissionais, tendo em vista que, como vimos o futebol exige uma dedicação quase que exclusiva a partir do final das categorias de base.

3.5 EDUCAÇÃO: COMPANHEIRA OU ADVERSÁRIA?

Como vimos no item 2.2.1 Hora aula x Hora Treino, a relação entre escola e treino cobra, principalmente dos atletas a partir da categoria infantil, uma escolha: a priorização dos treinos ou a priorização da escola. Neste sentido, perguntamos aos nossos entrevistados qual a relação que eles tinham com a escola, e se os clubes os incentivavam a estudar.

D'Alessandro assume que, se tivesse oportunidade de reescrever sua história, não largaria um ano de escola do modo que o fez:

Daí um dos erros, uma das coisas que eu faria diferente, eu larguei um ano de colégio, primeiro ano do segundo grau até, por da questão daqui que eu estudava no colégio particular, filhinho de papai e aquela coisa toda e fui pra lá e era uma realidade totalmente diferente, fui estudar em colégio público, num colégio que, numa cidade que a violência imperava, uma cidade muito violenta e eu por medo e por malandragem também abandonei o colégio por um ano. Mas o clube sempre colocou, em primeiro lugar não, mas a par do futebol e os estudos (D'ALESSANDRO, 2018).

Com relação ao apoio dos clubes para manter-se na escola, citou o exemplo do Vasco da Gama que tinha uma escola dentro do clube, mas que não cobrava frequência:

Quando eu tive no Vasco, o Vasco tinha, na época, uma infraestrutura precária, se pessoa fosse lá na época e dissesse o Vasco, fosse fora do estádio, o Vasco é um clube de primeira divisão hoje tu vai entrar pra assistir um jogo do Vasco depois tu vai conhecer toda infraestrutura do Vasco, a pessoa ia assistir hoje e ia dizer bah que jogo bonito, tá ótimo que jogadores Edmundo, Souza, enfim, vários nomes de jogadores que fizeram parte do cenário mundial e que dai tu entrava pra ver a estrutura era um lixo, um lixo, coisa que talvez o Ypiranga na série D, C, na B, num acesso teria muito mais infraestrutura e o Vasco não tinha, ele tinha um colégio dentro do próprio clube, mas não tinha assim, eu particularmente não me fizeram nenhuma imposição para o estudo (D'ALESSANDRO, 2018).

Geromel, sempre tentou e conseguiu conciliar o estudo com os treinos:

Não, na época eu sempre consegui conciliar o futebol, com estudo. Tanto que pelo fato de eu começar cedo jogar, eu com 17 anos eu consegui terminar o meu ensino médio, então, aí sim quando chegou na época vou cursar uma faculdade, aí sim, aí eu abri mão de cursar uma faculdade para vocação de futebol mas até então antes de eu conseguir sempre conciliar porque não adianta a carreira do futebol ela é incerta e não tinha uma certeza então a gente tem que ter escolaridade (GEROMEL, 2018).

Com relação à cobrança dos clubes, ele lembra que existia uma política de matricular os atletas na escola, mas que a frequência não era levada em consideração.

Não era todo clube que se importava assim de fato com estudos sabe, claro que eles chegavam nos clubes quem precisava eles matriculavam na escola, mas mais assim por obrigação de “ah não, os meninos estão estudando” mas não porque te obrigavam, incentivavam. Alguns clubes aqui no Brasil, que eu fiquei sabendo, que, por exemplo, os clubes mais estruturados que aí sim cobravam desempenho escolar deles, tu entende, mas se ele tivesse um desempenho bom no colégio, ele poderia jogar, então é poucos, poucos (GEROMEL, 2018)

Neymar, por sua vez, ressalta que sempre teve uma boa relação com a escola, e que sempre que visitava a família, era cobrado de como iam os estudos:

A minha relação com a escola sempre foi muito boa, até porque a minha mãe cobrava muito os estudos, sempre fez de tudo para mim terminar os estudos, sempre em primeiro lugar por mais que tivesse jogando bola, tivesse em uma cidade diferente sempre estudei. Quando eu vinha visitar minha família a minha mãe sempre me cobrava os estudos então eu acho que isso eu devo muito a ela, sempre eu coloquei lado a lado futebol e os estudos, sempre tendo os estudos como segundo plano se caso não desse certo, então minha relação sempre foi muito boa com a escola (NEYMAR, 2018)

Apenas o Grêmio veio a sua lembrança quando questionado se algum dos clubes que conheceu incentivava os atletas estudarem:

Olha a maioria dos clubes não tem essa cobrança então a gurizada que fica aí nos clubes nas categorias de base então a maioria nunca estuda porque o clube não cobra e tem só que eu me lembre agora só o Grêmio Porto Alegre que incentivava os seus jogadores de categoria de base a estudar, tanto que ele levava professores no alojamento pra dar reforço pra gurizada que precisava e colocava a gurizada pra estudar, é o único clube que eu me lembro assim que incentivava os estudos. (NEYMAR, 2018)

Ronaldo lembra que terminou o ensino médio e depois priorizou o futebol:

Eu consegui aliar os dois quando estava no Ypiranga, como eu era daqui eu terminei assim, vamos dizer, a parte da escolinha, que minha idade também já estava estourando para completar a questão de escolinha, eu consegui aliar os estudos e o tempo que tava no juvenil eu, aqui no Ypiranga e terminei o ensino médio e depois sim para um ensino superior aí já dificultou mais pela questão de que era muita mudança de cidade, uma hora tava aqui, outra tava lá e acabei interrompendo os estudos após o Ensino Médio (RONALDO, 2018).

Ele relembra que um professor de escolinha incentivava os aspirantes a jogadores a estudar, sempre priorizando a formação pessoal, a única cobrança era a matrícula na escola para poder jogar os campeonatos:

Olha, sempre partiu de um professor de escolinha meu, é que nem eu falei, o futebol ele te, na época de escolinha o meu professor ele sempre falava “pessoal estudem” por isso que eu digo na formação de pessoas, porque ele sempre aconselhou estuda, estudar e sempre fazer tudo da melhor maneira possível, tanto no futebol, como pessoa, mas que é. Depois que eu comecei a jogar as categorias de base, os nossos treinadores comentavam, mas não assim de ter uma pessoa que tocasse, direcionasse todos pra, vamos dizer assim, a frequentar as aulas, isso era bem de cada um, mas cada campeonato tinha que ter, para ser inscrito, tenha que ter o comprovante de escolaridade, como você estava frequentando (RONALDO, 2018)

Com relação aos clubes que atuou, não existia uma política de incentivo, existia a obrigação da matrícula, mas a decisão de frequentar cabia aos atletas.

Isso, aí é de cada um, não era questão de, não era obrigado, ia de cada um, essa questão era bem. A gente, como eu te falei, sempre a gente teve a formação desde escolinha de estuda, estuda porque existe a possibilidade de tu profissionalizar e seguir exercendo uma profissão ou não, por isso tinha que se dar bem, você tinha que continuar estudando para enfim, não terminar. Mas da parte do clube, não tinha um acompanhamento assim, de uma pessoa que acompanhasse a questão de frequência, notas, desempenho no colégio (RONALDO, 2018).

A educação era tangenciada; cumpriam-se apenas requisitos básicos para a disputa de campeonatos. Cabia a cada um escolher ir ou não para a escola.

3.5.1 Considerações preliminares

Como podemos perceber, com os relatos dos entrevistados, a educação nunca foi prioridade na maioria das equipes. Preocupavam-se com o desenvolvimento físico dos atletas, mas deixavam de lado sua formação pessoal. Educação é um exercício de cidadania. Somente por meio dela que se pode problematizar as relações de descaso e opressão.

Mais do que isso, ao se tornar um braço do capitalismo, o futebol abandonou seus valores iniciais, e, no Brasil, devido ao grande número de aspirantes a profissionais, acentuou o processo de coisificação do ser humano. Nesta esteira, é somente por meio da Educação que,

Mudamos nossa compreensão e nossa consciência à medida que estamos iluminados a respeito dos conflitos reais da história. A educação libertadora pode fazer isso – mudar a compreensão da realidade. Mas isto não é a mesma coisa que mudar a realidade em si. Não. Só a ação política na sociedade pode fazer a transformação social, e não o estudo crítico em sala de aula (FREIRE; SHOR, 1986, p. 207).

A questão aqui é captar a ideia que agremiações e empresários possuem a respeito da figura do jogador de futebol: “tem que saber usar a cabeça apenas para cabecear a bola” e pensar em formas de fazer e evitar gols, pois quanto maior o grau de escolarização e ou consciência crítica, mais difícil seria de ludibria-lo. Em que se pese a proporção dos fatos, discursos e posicionamentos de um atleta devido às redes sociais e os meios de comunicação de massa. Um exemplo disso foi o movimento Bom Senso FC de 2015, que surgiu com o intuito de questionar a estrutura vigente e fazer uma marcação cerrada nos dirigentes. O movimento surgiu como um furacão, mas logo virou uma brisa, uma vez que não parece ser tão simples bater de frente com os poderosos do futebol.

3.6 FIM DE JOGO: E AGORA?

Ao longo do capítulo abordamos alguns fatores que permearam a construção da subjetividade de cada um de nossos entrevistados, perpassando pela análise de como se deu o sonho de ser jogador profissional e suas principais influências. Analisamos também como foram suas carreiras (aspectos positivos, aspectos negativos, e a aposentadoria precoce), e por fim como se relacionavam com a escola.

E, para encerrar essas análises, vamos detalhar como de deu a reinserção no mercado de trabalho; a relação com a educação neste novo cenário e suas entradas no futebol amador, partindo da ótica que:

As possibilidades de reconversão dos capitais futebolísticos são restritas, visto que os investimentos são demasiadamente especializados para servirem ao que quer que seja para além, do futebol. Não se trata de uma exclusividade da profissão, embora, tal particularidade, acrescida pela curta duração da carreira e pelo auge prematuro, seja temida e mesmo experimentada, cedo ou tarde, por quase todos os profissionais. Apesar de arriscada, a carreira é intensa, dentro e fora do espaço de trabalho. Isto fascina os jovens, fazendo-os ignorar boa parte dos riscos. Investidos com a energia que é própria da idade, elevada a enésima potencia pelo fato de se notarem como pop stars em potencial, raros são os que ‘tem cabeça no lugar’ – esse termo êmico – para não se deixarem levar pelas promessas fugazes que raramente se confirmam (DAMO, 2007, p.99).

Dividiremos este item em duas partes: uma dando conta dos elementos família, emprego e educação, e outro analisando sua relação com o futebol amador.

3.6.1 Família, Emprego e Educação

Como vimos, nossos quatro entrevistados possuem uma relação estreita com a família, nenhum tem filhos e apenas Ronaldo é casado. O intuito de saber se tinham filhos, era para questioná-los de que maneira reagiriam caso seus filhos quisessem trilhar o mesmo caminho e se tornarem jogadores de futebol.

O caso mais surpreendente é o de D’Alessandro, que quando questionado, respondeu: “Essa pergunta é, se tu tivesse vindo ontem, eu não saberia que ia ter um filho. Ontem, às quatro horas da tarde, fiquei sabendo que a minha namorada estava grávida.” (D’ALESSANDRO, 2018). Com relação ao futuro do(a) filho(a), foi cauteloso:

Eu não sei daqui a pouco se eu terei um filho homem, se for uma mulher daqui a pouco, gosta de futebol também, olha, invariavelmente se ele for sangue do meu sangue ele vai ser apaixonado por futebol assim como meu pai é um amante de futebol e eu sou doente por futebol e se for um sonho dele, desde que eu enxergue nele uma possibilidade, eu acho que isso também tem que ser moldado no caráter dele, de uma criança, se ela tem condições de chegar, não adianta tu, ela se iludi é uma coisa, tu iludi na ilusão dela é uma coisa já pesada, eu acho que se tiver condições de, se jogar metade do que o pai jogava pode ser que sim. Brincadeira minha, se tiver condições acho que eu não vou cortar os sonhos (D’ALESSANDRO, 2018).

Geromel, quando arguido, disse que por não se sentir frustrado, daria o maior apoio, e tentaria instruí-lo da melhor forma:

Eu não ia impedir, se ele quisesse ia dar o maior apoio pelo fato de ter vivenciado eu acho que eu instruiria ele da melhor maneira possível tu entende. Se ele quisesse como eu te disse, não tem como tu se opor a ele, porque eu acho que isso sim tu pode deixar ele frustrado, eu podia ter sido jogador de futebol, mas meu pai não deixou, quantas histórias tu ouve dos pais, dos nossos pais que diziam bah eu era tão bom de bola, mas meu pai não deixava porque não sei o que, não podia sair de casa, então se ele quisesse com certeza eu apoio.

Por exemplo, hoje eu vejo por mim, eu parei de jogar futebol, mas eu não me sinto frustrado pelo fato de não ter virado um jogador famoso e tal porque tudo que eu consegui foi através de mim sabe e quantas vezes eu lembro que minha mãe, mesmo talvez não querendo que eu fosse, mas me deixava entrar em um ônibus e ela chorando, chorando, chorando sabe. A primeira vez que eu saí de casa ela chorou, as últimas vezes que eu saía de casa ela chorava, toda vez que eu saía de casa ela chorava, então eu apoiaria se ele quisesse, com certeza eu daria a maior força sabe pra não se sentir uma pessoa frustrada, aí por exemplo eu joguei todo esse tempo e trabalho como barbeiro e sou muito grato ao futebol sabe, as experiências que eu tive no futebol de vivência, de saber lidar com as pessoas hoje eu uso no meu trabalho então as amizades que eu fiz no futebol hoje reflete no meu trabalho então de maneira alguma eu me sinto frustrado, tudo é aprendizado, então se meu filho quiser ser jogador de futebol com certeza eu apoiaria (GEROMEL, 2018).

Neymar informou que não tinha uma posição definida a respeito disso. Já Ronaldo, gostaria que o filho buscasse esta carreira, para aprender a “dar valor” às coisas, todavia, encontra forte resistência de sua esposa:

[...] Meu filho, eu converso com a minha esposa, agora é um negócio que é pessoal, que eu converso às vezes com ela, que eu falo com ela, eu comecei a namorar com ela eu jogava e ela sabia das dificuldades que a gente enfrentava, quando eu falo que meu filho vai jogar bola também, ela diz “meu filho não”. E eu disse, mas, eu vejo por mim, eu saí com 12 anos de casa, a vida ensinou a gente, ensinou, não teve outra maneira. A gente sempre apanhou da vida e isso foi uma parte interessante, porque desde criança aprendeu a se defender, a cozinha, que ter as obrigações, entende, eu acho isso interessante.

Tem a questão da dificuldade, que nem eu falei, fora de casa não é que nem em casa que a tua mãe, o teu pai estendem a mão e você acaba segurando, pegando na mão dele, fora de casa é tudo totalmente diferente, muito difícil, mas muito interessante, foi muito proveitoso dessa parte aí, porque, poxa, é tudo uma experiência única, é única que gostaria que meu filho também passasse para aprender a dar valor para o pequenas coisas que a vida te oferece e te proporcionar o que muitas vezes, falo por mim, quando tava em casa eu olhava para o que a gente colocava na mesa e falava: isso eu não quero comer hoje e quando eu fui para fora era isso que tinha ou tu comia ou tu acabava, vamos se dizer assim, não passando fome, mas ficando sem comer e eu acho isso muito proveitoso porque a gente acaba, veja pelo restante das amizades, enfim, eles acabavam reclamando muitas vezes de barriga cheia, por isso que eu falei é desde o momento lá a gente aprende a lidar com pessoas, lidar com essas dificuldades, de quando tu tá com o pai, com a tua mãe, tu não tem ou tem ela minimizado, e uma parcela menos dessas dificuldades e quando tu tá sozinho é tudo maior, isso aumenta a proporção inúmeras vezes, maior da dificuldade então, meu filho eu gostaria, por isso (RONALDO, 2018).

Aqui temos uma riqueza de elementos para trabalhar: D’Alessandro é o único que ventila a hipótese de ter uma filha mulher (e gostaria que ela fosse apaixonada por

futebol), enquanto Geromel e Ronaldo gostam da ideia de um filho para seguir carreira e ganhar experiência de vida.

É raro encontrarmos pais que lidem com tranquilidade com a independência dos filhos. Deve-se levar em consideração que ainda não está em seus planos ter um ‘herdeiro’. É provável, que em alguns anos, já com os filhos pressionando para ser jogadores, essa opinião mude. Esse exercício, não passa de especulação.

Com relação às suas trajetórias profissionais, D’Alessandro é sócio de um escritório de Advocacia no centro da cidade; Geromel tem uma barbearia com seu irmão em anexo a uma pousada, nos arredores do centro da cidade. Neymar, por sua vez, junto com seu pai e irmãos, gere um ginásio poliesportivo em um bairro da cidade. E Ronaldo, atualmente, é roupeiro no Ypiranga FC.

A partir do momento em que o futebol deixa de ser prioridade, os entrevistados foram questionados se sua relação com a educação havia se alterado. D’Alessandro, disse que inicialmente tinha a ideia fixa de se especializar na área do direito esportivo, mas esse projeto ficou em segundo plano:

Quando eu entrei na faculdade eu tinha intenção de me tornar um advogado, mas ligado na área do esporte, mas como nós estamos em uma cidade muito distante disso talvez eu fui me afastando, tenho ainda essa ideia, não assim fixa, mas tenho essa ideia, hoje eu fiz, eu tenho uma pós-graduação em direito do trabalho e não tenho esse projeto fixo de voltado ao futebol (D’ALESSANDRO, 2018).

Geromel, por sua vez, diz que: “comecei a cursar inglês e me formei em técnico em Finanças, né... E hoje, como seu barbeiro; fiz um curso de barbeiro. Então esses cursos que eu fiz aí, hoje para mim, na minha área, são suficientes, né... Mas eu descarto a hipótese de voltar a estudar, assim; de conhecer uma nova área” (GEROMEL, 2018).

Neymar, a respeito de sua relação com a educação, diz: “sou formado em Educação Física licenciatura e sempre penso em estudar cada vez mais” (2018).

Ronaldo, por sua vez, aponta sua rotina de viagens como empecilho para voltar a estudar, mas é algo que não sai do seu horizonte:

Sempre passa pela cabeça da gente pela questão de sempre você conseguir um emprego melhor, uma remuneração melhor. Claro, casei, já a gente tem algumas obrigações que não que não possibilitam em estudar, mas que dificultam ainda mais o processo, a questão do trabalho da gente também, a carga horária, viagem, enfim, são vários fatores que no momento eu não consigo, mas que não é por falta de vontade. (RONALDO, 2018)

Como podemos perceber, processo de reconversão foi recebido de maneira distinta por cada um dos entrevistados. Geromel foi o único que desde o primeiro momento não trabalhou ou pensou em trabalhar direta ou indiretamente com o futebol. D'Alessandro pensava em especializar-se em direito esportivo, Neymar formou-se em Educação Física e gere um ginásio poliesportivo, e por fim, Ronaldo é Roupeiro do Ypiranga.

A partir deste cenário, eles²⁰ foram questionados se voltariam a trabalhar com o futebol, D'Alessandro foi o mais enfático:

Se eu gostaria? Muito, afinal é o que mais eu gosto, jogar bola não sei mais por quanto tempo eu vou conseguir jogar e mesmo que amador, não sei, daqui a pouco. Mas gostaria muito muito, acho que eu contribuía bastante pela experiência que eu tive dentro do futebol, mas, as vezes não é a gente que escolhe as coisas, a vida nos impõe certas situações (D'ALESSANDRO, 2018).

Assim como D'Alessandro, Geromel ainda nutre um interesse de trabalhar com futebol, para segundo ele, mostrar seu lado bom:

Sim gostaria de trabalhar com futebol, porque com a ideia justamente de tentar mudar um pouco, entendeu, como eu já presenciei, já vivenciei o futebol e consegui vivenciar toda parte boa e a parte ruim, então, se eu trabalhasse com futebol hoje eu queria mostrar o lado bom do futebol então eu teria vontade de trabalhar na formação de atletas, tu entende, na preparação deles, não só com jogadores né, como seres humanos, como pessoas como pais. Então acho que o grande segredo do futebol da formação tá na base né (GEROMEL, 2018)

Neymar, seguindo uma linha mais cautelosa, respondeu: “Eu acho que talvez cara, talvez eu trabalharia com futebol assim porque tu envolvido fora do campo é totalmente diferente, então eu acho que talvez aparecesse uma oportunidade para trabalhar eu iria pensar bem (2018).

A partir destas informações podemos tecer alguns comentários.

3.6.1.1 Alguns apontamentos

Ao longo deste item, percebemos que todos mantêm um vínculo afetivo com o futebol. Até mesmo Neymar, que sempre se mostrou lacônico e ressentido, continua envolvido diretamente com ele. Neste sentido não podemos desconsiderar o fato de que todos, desde muito cedo, mantêm essa ligação com o futebol. Primeiro com as escolinhas, depois nas categorias de base, nos profissionais, e atualmente nos campeonatos amadores.

²⁰ Pergunta não realizada a Ronaldo por ele estar trabalhando no futebol.

A ruptura não se dá por completo, talvez adaptando um conceito, cria-se uma relação de bricolagem.

3.6.2 Do futebol profissional ao futebol amador

Primeiramente, é necessário que explicitemos a diferença entre atletas profissionais e amadores, para entender porque eles passam a ser cortejados a disputar campeonatos e, conseqüentemente, receber por isso:

Assim, o que diferencia o jogador de pelada do profissional são, portanto, os capitais incorporados ao longo da formação e, particularmente, dos treinamentos. [...] O treinamento, em seus aspectos gerais, tornou-se uma modalidade de trabalho que compreende, entre outros aspectos: a) o aprimoramento físico, permitindo a um atleta, individualmente, cobrir com mais rapidez e eficiência mais espaços e os mesmos espaços em menos tempo do que outrora; b) o recrutamento daqueles atletas com maior capacidade técnica individual, o que pressupõe a execução mais econômica dos movimentos e, por extensão, no ganho de espaço a partir do ganho de tempo; c) o aprimoramento tático, quer dizer, um esforço coletivo no sentido de realizar com maior eficiência as progressões em direção à zona de arremate e, simultaneamente, de impedir que o adversário o faça; d) a preferência por aqueles atletas que resistem com menor desgaste psíquico às adversidades, dentre elas as exigências por performances regulares em circunstâncias diversas, sobretudo quando a pressão por resultados põe em risco o êxito de um trabalho prolongado; e) a preferência por atletas que, além de disciplinados em todos os sentidos, contribuam para que o trabalho em equipe seja exitoso, o que inclui a tolerância em relação ao convívio prolongado e praticamente integral - full time - com um grupo restrito de pessoas. (DAMO, 2005, p. 135)

Antes de questioná-los respeito do futebol amador, perguntamos se eles voltariam a jogar futebol profissionalmente, para confirmar nossa tese que eles desenvolveram uma relação bricolada com o futebol. D'Alessandro deixa claro que profissionalmente não voltaria: “É uma pergunta que a resposta hoje é certamente não. Agora, se eu tivesse uma possibilidade, e isso não tem como, de modificar algumas atitudes que eu tive ao longo da minha trajetória, eu modificaria. Mas hoje não voltaria a jogar” (2018).

Geromel, por sua vez, reafirma sua paixão pelo futebol e, que mesmo com os compromissos, jogaria profissionalmente:

Por gosto sim, por amor a profissão sim, porque eu gostava de treinar tanto que hoje eu jogo amador e jogo amador com mesmo amor de quando eu jogava profissional. Eu gosto de me cuidar, de fazer uma academia, de treinar, de chegar nos finais de semana jogar, se pudesse jogar todos os dias, jogava todos os dias, claro que hoje minhas obrigações, compromissos são diferentes, mas por esse lado eu voltaria a jogar (GEROMEL, 2018).

Neymar também pensaria em voltar: “Olha, iria depender muito do convite e da situação; de como seria a situação; pra onde iria, ou como que seria. Mas acredito que pensaria sim; pensaria em tentar voltar a jogar” (NEYMAR, 2018), Fica claro que ele ainda se sente apto a seguir na carreira, tacitamente. É o que ele quer, mas tenta disfarçar (seu gestual o entrega).

Ronaldo, ao ser questionado, revela um embate razão x emoção: “Olha, o coração diz que sim. Mas ‘ó’ o coração; o restante eu não quero mais saber de profissional, por tudo isso que aconteceu; por todo esse desgaste que a gente teve” (RONALDO, 2018).

Quando questionados a respeito de sua relação com o futebol amador, D’Alessandro e Ronaldo fazem comparativos a partir de suas vivências, enquanto Geromel parte para questões relacionadas ao protagonismo dos ex-profissionais para auxiliar no fortalecimento campeonatos²¹.

D’Alessandro teceu um comparativo do futebol amador local e com o de Santa Catarina, fazendo apontamentos acerca do baixo nível organizacional dos campeonatos erechinenses:

O que eu acho do futebol amador, especificamente aqui, fora daqui. Eu tenho experiência de ter jogado futebol amador em Santa Catarina e esse é o futebol que me traz alegria, que me dá vontade de sair final de semana jogar aqui, me lembra próximo ao futebol profissional, aquele frio na barriga, aquela coisa toda que futebol envolve. Aqui já é uma coisa mais assim vou porque gosto, e eu acho que o futebol amador erechinense deixa muito a desejar, temos grandes jogadores assim que poderíamos fazer ótimos campeonatos, temos ex-jogadores, que jogaram em vários clubes, aí eu retiro meu nome da jogada, eu falo de que estão aqui jogando e que poderiam valorizar o que é nosso e trazer o que tem de fora e próximo daqui temos uma região e o nosso futebol amador é queimado por não pelas pessoas, até pelas pessoas que poucas que organizam e que, também se não fossem elas, não teríamos assim, mas é um futebol amador que poderia ser muito melhor do que é com certeza, até pela quantidade de bons atletas, atleta não porque ninguém treina, jogadores, ou ex-jogadores que se fazem presentes aí na comunidade que não, que mesmo assim eles não tem muito ânimo de jogar porque acaba sempre sendo mais amador, mas uma base mesmo e quando é base é (D’Alessandro, 2018).

Ele ressalta ainda, que devido à “baderna” o futebol amador (na perspectiva de espaço de sociação) perdeu sua configuração:

Eu acho que tudo, que assim que pra começar o futebol amador ele já diz amador, então, o amador não é profissional, obviamente, mas se ele tem que se é pra existir tem que ser o mais próximo possível, ninguém tá aqui dizendo que tem que ter dinheiro, que tem que colocar, não, fora isso, acho quem vai e quem faz até mais por amor do que por retorno financeiro, então que tem que acontecer organização primeiro lugar, eu sou muito, muito, muito a favor da punição pros atletas que vem

²¹ Neymar optou por não responder esta pergunta.

pra fazer baderna, veio pra fazer baderna uma vez: tá fora, se tu quiser vir tu tem que provar que tu não veio pra fazer baderna, e aqui em Erechim não tem esse tipo de coisa, então a gente valoriza muito aquele o baderneiro, não é valoriza, a gente passa a mão na cabeça do cara que faz a baderna, daquele que incomoda, que faz a confusão e se perdeu muito aquele negócio que o futebol amador, que que acontece traz, a família pro campo, se perdeu muito disso hoje ninguém vai lá pra beira do campo pra tomar cachaça, xingar esse, aquele, eu não gosto daquele e vou sair no soco.

Geromel, por sua vez, aponta a necessidade dos ex-profissionais assumirem o protagonismo do campeonato e “darem o exemplo” de como construir competições saudáveis:

Eu me sinto, hoje jogando o amador aqui, cara eu acho que o pessoal que jogou futebol profissional, que tem uma visão um pouco mais ampla disso, acho que a gente é responsável sim por tudo que vem acontecer no futebol assim como qualquer outro organizador de competição porque a gente teve essa vivência e você sabe então quantas vezes a gente chega em lugares assim, para jogar contra uma outra determinada equipe os cara mas bah o fulano, oh o beltrano jogo profissional, então a gente carrega um peso assim uma responsabilidade maior né de tu dá um exemplo de tu não ser maldoso numa jogada, de tu não ser indisciplinado, acho que a gente tem essa responsabilidade maior do que um jogador que nunca jogou um campeonato nacional. Mas me sinto muito feliz cara porque eu consigo jogar com o mesmo amor que eu jogava como quando jogava o profissional, esse sentimento que eu tenho hoje. (GEROMEL, 2018)

Ronaldo também tece um comparativo entre campeonatos amadores de diferentes locais, e associa a sua realidade profissional (parte grifada):

*Amador eu tive a oportunidade de jogar em um dos melhores times amador daqui. Cara, a situação, o que eles ofereciam foi um negócio, bah, que jamais eu pensei que um amador ia oferecer, como também peguei um, lugares do amador eu joguei e a situação era a mais complicada. [...] cara, vai chegar em um ponto, o amador está cada vez mais complicado, **o profissional também, é muito difícil tu fazer futebol, é muito difícil, ainda mais pela gente estar ali no ramo, a gente vê a dificuldade financeira dos clubes do interior, é um negócio muito complicado de tu fazer pelo gasto que tem e mesma coisa o amador.** O amador é ainda mais pelo amor a camisa, muitos lugares acabam pagando a gente, mas é muito pouco. Em Santa Catarina é muito forte, tem regiões forte, mas mesmo assim ele tá cada vez menos o pessoal interessando, antigamente a gente falava de um municipal de Erechim com 20 times, hoje se tu conseguir oito times pra tu fazer uma primeira divisão é muito, é muito difícil (RONALDO, 2018, grifo nosso)*

Com isso, percebemos que devido a suas experiências, traçam um paralelo de como está a configuração do futebol amador e como deveria ser. D’Alessandro e Ronaldo, a partir das comparações entre campeonatos de diferentes cidades do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e Geromel, por sua vez, chama à responsabilidade aqueles que já foram profissionais e têm mais vivência para qualificar a organização e elevar o nível de qualidade

dentro de campo, proporcionando, deste modo, a volta das famílias aos campos de futebol, e reforçando o caráter de socialização que o futebol amador possui.

3.6.2.1 Algumas reflexões

Nossos entrevistados apresentam ricas experiências que nos ajudam a entender as relações estabelecidas entre futebol e sociabilidade, reforçando, que a entendemos como “a forma lúdica da socialização” (SIMMEL, 1983, p.168). De modo que o futebol amador se configura e como um espaço que facilita a construção de teias de socialização.

Ao mesmo tempo, apresentam aspectos que precisam ser melhorados para que este espaço de socialização recupere seu “tamanho”. Questões relacionadas a brigas; falta de estrutura dos campos e baixos níveis técnicos do jogo contribuem para o apequenamento do campeonato, e por consequência, diminuição da presença dos torcedores; menor consumo de bebidas e lanches nas copas dos campos e, por fim, incapacitando as agremiações de subsistirem de modo economicamente saudável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando nos propomos a trabalhar com o futebol, buscamos realizar uma pesquisa interdisciplinar, que buscava trazer para a comunidade acadêmica, um tema pouco estudado e debatido. E, por meio do viés socioeconômico, procuramos explicar algumas das transformações ocorridas a partir dos anos de 1980; a espetacularização do jogo; o fenômeno da transnacionalização e as naturalizações de atletas; a construção e remodelação de identidades coletivas, sob a égide da cobertura da mídia, e seus interesses político ideológicos.

Nosso diferencial foi realizar a análise deste cenário, a partir da perspectiva de ex-atletas profissionais que, mesmo em idade compatível com a prática em alto nível do esporte, estão trabalhando em outros setores da economia para fins de sobrevivência, mas que mantêm a “forma” e o sonho vivo nos finais de semana.

Escolhemos o Campeonato Municipal de Futebol de Campo 1ª Divisão de Erechim de 2016, por ele apresentar num universo de 692 atletas; sete que foram profissionais e se enquadravam no objetivo central deste trabalho, de compreender como a formação das sociabilidades dos jogadores do Campeonato Municipal de Futebol Amador de Erechim, no ano de 2016, ex-profissionais, foi influenciada por elas, e de que maneira permearam estas construções, principalmente no que tange a essa profissionalização; fracasso e reinserção no mercado de trabalho.

Foram elaboradas algumas perguntas chave para nortear o trabalho: como a formação das sociabilidades dos jogadores (ex-profissionais) do Campeonato Municipal de Futebol Amador de Erechim, se deu sob a ótica da mercadorização do futebol; que elementos permearam este processo, e de que modo o sonho da profissionalização foi influenciado pelo cenário do período.

Diante das questões levantadas por esta pesquisa, os seguintes objetivos específicos foram configurados: (a) abordar as transformações socioeconômicas pelas quais o futebol, em âmbito global, passou a partir da década de 1980, (b) analisar de que modo estas transformações impactaram o futebol brasileiro, e (c) problematizar as relações estabelecidas entre o futebol amador e o profissional no Rio Grande do Sul neste processo.

Trabalhar com entrevistas foi complexo, pois adentrar na história de vida das pessoas e questionar acerca de algo que foi encerrado precocemente gerou em determinados momentos pequenas tensões. Exigindo “jogo de cintura” do pesquisador e sensibilidade para respeitar o momento dos entrevistados. Para isso, foi adotado um roteiro semiestruturado, o que permitiu maleabilidade na ordem das questões.

O primeiro capítulo foi denso, exigindo extensa revisão bibliográfica, a fim de discorrer acerca das transformações do futebol, após a vitória de João Havelange no pleito para assumir a presidência da FIFA.

Perpassar por cinco décadas de “história” sob uma ótica relacional Europa x Brasil possibilitou entender a construção do cenário atual. Profissionalização de gestão na Europa x gestões amadorísticas no Brasil, que explica a bancarrota de muitos times brasileiros.

A entrada da televisão catapultou estas transformações, que rapidamente foram absorvidas pela globalização, e conseqüentemente transformaram o futebol em mercado lucrativo. O capital internacional e seu fetiche pela flexibilização das leis trabalhistas gerou um tsunami após a Lei Bosman e o caso Balog, que refletiram no Brasil com a criação da Lei Zico e da Lei Pelé. Esse talvez tenha sido o primeiro “7x1” sofrido pelo futebol brasileiro, uma vez que clubes perderam seus jogadores de graça (ou quase isso), pois demoraram a entender e se adaptar a essa nova lógica.

A financeirização por sua vez acelerou o processo de coisificação do “pé de obra”, colocando-o em uma “prateleira” como uma mercadoria barata.

O segundo capítulo nos proporciona mais alguns elementos para ajudar na análise das implicações destas transformações, perpassando pelo papel do torcedor enquanto cliente, pela hibridização do futebol devido as naturalizações e times plurinacionais. Nele, analisamos também, o “outro lado da moeda”, as matrizes futebolísticas que fogem do profissionalismo, afunilamento necessário para acessar o futebol gaúcho e o futebol amador de Erechim.

No terceiro capítulo, começa-se a responder todas as questões que a pesquisa suscitou. Primeiramente, a formação das sociabilidades dos jogadores ex-profissionais do Campeonato Municipal de Futebol Amador de Erechim, e profissionais foi influenciada diretamente por estas transformações, principalmente por meio da televisão. A oportunidade de “fazer o pé de meia” com a profissionalização foi o carro chefe. Tanto que, a primeira parte das entrevistas, que tratou a respeito de como se desenvolveu a ideia de ser futebolista profissional, e as principais influências deste processo, nos revelou um elemento em comum nas quatro falas: o sonho começou na infância, mas cada um teve gatilhos distintos neste processo, uma vez que esta construção é individual e perpassa pelas experiências vividas e pelas influências familiares; sociais e midiáticas.

Fica claro que o futebol fez parte da formação das sociabilidades destes atletas; sua influência fica perceptível quando eles verbalizam que buscavam além de viverem seu sonho, obter poderio econômico para melhorar a qualidade de vida da família. Neste sentido, não podemos sublimar o papel da televisão neste processo, pois foi ela quem possibilitou um

contato mais próximo com ligas, jogadores e histórias de sucesso que serviram de inspiração para os entrevistados.

Mais sintomático ainda, é que com exceção de Geromel, os demais entrevistados apresentam um ponto de convergência em seu discurso, as figuras masculinas da família são os protagonistas nesta construção. A relação estabelecida com pai; avô e irmão mais velho reforçam o estereótipo de que futebol é “coisa de homem”.

Outro elemento interessante, é que apenas Neymar apontou o “dom” como fator primordial para sua consolidação enquanto profissional, inegavelmente alguém vislumbrou o seu talento, e incutiu em sua mentalidade esta ideia. Movidos por suas crenças, aliadas ao apoio dos familiares, constituiu-se força motriz para o passo seguinte, a profissionalização.

Cada um deles manifestou sua opinião; contou sua trajetória desde o início nas categorias de base até o seu precoce encerramento deixando transparecer o modo como vislumbram todo este processo e principalmente como veem o futebol depois que o sonho acabou.

D’Alessandro e Geromel, aparentemente, lidaram e lidam melhor com esse processo de transição; lembraram trechos marcantes com nostalgia, enquanto Neymar e Ronaldo se demonstraram mais ressentidos, sendo que a ruptura mais traumática foi a de Neymar, sempre lacônico e distante. E a mais complexa foi a de Ronaldo, que envolveu atraso de salário, lesão, desassistência e não cumprimento obrigações por parte do clube.

Nossos entrevistados encerraram suas carreiras durante os ciclos de aprimoramento e de atuação, estando longe dos ciclos de desconversão e de reconversão (aposentadoria), e, buscamos entender de que forma esse processo ocorreu, quais foram seus impactos na vida deles e se isso mudou a forma como veem o futebol atualmente.

“O futebol de verdade e o futebol de mentira” (D’ALESSANDRO, 2018), uma frase forte, que reflete aquilo que o futebol se tornou, um braço do capitalismo que oferece um produto, um espetáculo. Sendo a bolha dos direitos de transmissão, o retrato do capitalismo, as potências europeias cada vez mais soberanas no controle de todos os processos, adaptando-os aos seus interesses e as agremiações periféricas vendendo a preços irrisórios sua força de trabalho. A concentração de renda no futebol cria a ilusão de que uma mobilidade social é possível, mas na realidade, muitas vezes, o salário recebido é inferior ao que os outros ramos do mercado oferecem.

Outro elemento central é a educação, e seu papel na construção da cidadania e da emancipação dos sujeitos tendo em vista que, como vimos o futebol exige uma dedicação quase que exclusiva a partir do final das categorias de base. E, por meio de das entrevistas

podemos perceber que, a educação nunca foi prioridade na maioria das equipes. Preocupavam-se com o desenvolvimento físico dos atletas, mas deixavam de lado sua formação pessoal. Educação é um exercício de cidadania, é somente por meio de dela, que se pode problematizar as relações de descaso e opressão.

A lógica é simples, agremiações e empresários querem jogadores que saibam usar a cabeça apenas para cabecear a bola e pensar em formas de fazer e evitar gols. Quanto maior o grau de escolarização e ou consciência crítica, mais difícil de ludibria-lo.

As entrevistas também apontam que todos mantêm um vínculo afetivo com o futebol, até mesmo Neymar, que sempre se mostrou lacônico e ressentido continua envolvido diretamente com ele. Não podemos desconsiderar que essa ligação com o futebol começou muito cedo, primeiramente em escolinhas, depois nas categorias de base, nos profissionais e atualmente nos campeonatos amadores. A ruptura não se dá por completo, talvez adaptando um conceito, cria-se uma relação de bricolagem.

Os entrevistados apresentam ricas experiências que nos ajudam a entender as relações estabelecidas entre futebol e sociabilidade, de modo que o futebol amador se configura como um espaço que facilita a construção de teias de socição.

A guisa de conclusão, por meio da perspectiva de Simmel, que entende a cultura como “uma série prolongada de encontros realizados entre o espírito subjetivo de uma determinada pessoa e certo número de aspectos do espírito objetivo que circunda tal pessoa” (POGGI, 1998, p. 199), confirmamos a tese de que o futebol ultrapassa a esfera física, e, em uma perspectiva relacional podemos afirmar que ele não pode mais ser reduzido ao “ópio do povo”, pois suas relações estabelecidas podem atuar como desalienante, dependendo exclusivamente do processo de interiorização/incorporação (SIMMEL, 2009) pela qual cada sujeito passa.

Em suma, esta pesquisa nos apresenta elementos que fortalecem uma perspectiva do futebol enquanto campo de estudo interdisciplinar. As entrevistas nos possibilitaram adentrar na subjetividade dos entrevistados, abrindo um leque interessante de novas possibilidades de pesquisa, principalmente ligadas à questão do ressentimento, da falta de divulgação dos casos traumáticos (violência, assédio, propina) e, principalmente da romantização de uma carreira intangível para a maioria absoluta dos esportistas.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo. Cia das Letras: 2008.

ANDREWS, D.L. Sport, Culture and late capitalism. IN: CARRINGTON, B. MCDONALD, I. (ed). **Marxism, cultural studies and sport**. London and New York, Routledge: 2009.

AREIAS, J.H. **Uma Bela Jogada**: 20 anos de Marketing Esportivo. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2009.

ASBL Union Royale Belge des Sociétés de Football Association e outros v **Jean-Marc Bosman** [1996] 1 CMLR 645 (case C-415/93) apud, FERREIRA, Pedro Tiago da Silva. O Impacte do Acórdão Bosman na Estrutura Desportiva Europeia. Universidade de Lisboa, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/336/1/19179_ulf1068118_tm.pdf>, acesso em: 27, out.2017.

ASSUMPTÃO, L.O.T. et al. **Temas e questões fundamentais na Sociologia do esporte**. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, v. 18, n. 2, p. 92-99, 2011.

AZEVEDO, C.; REBELO, A. **A corrupção no futebol brasileiro**. Motrivivência, n. 17, 2001.

BARBOSA, A. M. E. S.. **O futebol e a sociedade global**: uma reavaliação da identidade sociocultural brasileira. Sociedade e Cultura, v. 10, n. 2, 2008.

BARROS, C.; AFIUNE, G. **Os boias-frias do futebol**. Blog Copa Pública, 2013. Disponível em: <<http://www.apublica.org/2013/os-boias-frias-futebol>>. Acesso em: 09, out. 2017.

BARTHOLO, T.L.; SOARES, A.J.G. **Identidade, Negócio e Esporte no Mundo Globalizado**: O Conflito entre Guga e os Patrocinadores na Olimpíada de Sydney. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 28, n. 1, p.55-72, 2008

BASTOS, P.P.Z. **Financeirização, crise, educação**: considerações preliminares. Texto para Discussão. IE/UNICAMP, Campinas, n. 217, p. 1-22, 2013.

BDO. **Indústria do Esporte**: Futebol, a maior paixão dos brasileiros. São Paulo: BDO RCS, 2011.

BERND, Z. O elogio da criouldade: o conceito de hibridação a partir dos autores francófonos do Caribe. In: ABDALA JR., B. (Org.). **Margens da cultura**: mestiçagem, hibridismo e outras misturas. São Paulo: Boitempo, 2004.

BITENCOURT, F. **Simmel e o Futebol**: da comunidade de afeto à equivalência abstrata do dinheiro. Comunicação apresentada na VII Reunião de Antropologia do Mercosul, 26-27 julho, UFRGS, Porto Alegre, 2007.

BLOCH, E. **O princípio esperança**. Rio de Janeiro: UERJ/Contraponto, 2005. v. 1. v. 1,

BONIFACE, P. **La terre est ronde comme un ballon** – géopolitique du football. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

_____. **Football et mondialisation**. Paris: Armand Colin, 2006.

BRAGA, J. C. S. Financeirização global. In TAVARES, M. C.; FIORI, J. L. **Poder e dinheiro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

BRANCO, C. Os papéis sociais do futebol brasileiro revelados pela música popular (1915-1990). In: SILVA, F. C. T. da; SANTOS, R. P. dos (orgs.). **Memória Social dos Esportes** – Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad Editora / FAPERJ, 2006.

BRUNORO, J. C. **Plano de modernização do futebol brasileiro**. Seminário Fundação Getúlio Vargas. São Paulo. 1999

CAMPOS, F. R. G. **Uma geografia do futebol amador**. 2009.

CANCLÍNI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad**. Buenos Aires: Sudamericana, 1992.

CAPELO, F. Blog **Época Esporte Clube**. Rio de Janeiro. Semanal. Disponível em: <<http://www.rodrigocapelo.com/>>. Acesso em: 15. nov. 2017.

CARCANHOLO, R., SABADINI, M. “**Capital fictício e lucros fictícios**” in: Revista Soc. Bras. de Economia Política. Rio de Janeiro. Nº 24. pp. 41-65. Junho/2009. Disponível em: <http://www.sep.org.br/revista_artigo/revista241.pdf>, acesso em 18, nov. 2017

CHESNAIS, F. (org.). **A mundialização financeira: gênese, custos e riscos**. São Paulo: Xamã. 1998 [1996].

_____. (org.). **A finança mundializada: raízes sociais e políticas, configuração, consequências**. São Paulo: Boitempo. 2005

COELHO, P. V. **Bola fora: A história do êxodo do futebol brasileiro**. Panda Books, 2009.

COELHO, T. Culturas híbridas. In: _____. **Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário**. São Paulo: Fapesp; Iluminuras, 1997.

CORBEAU, J-P., POULAIN, J-P. **Penser l'Alimentation**. Entre l'imaginaire et rationalité. Toulouse: Privat, 2002.

DAMIANI, A. L. **A Geografia que Desejamos**. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, Seção São Paulo – Associação dos Geógrafos Brasileiros, nº 83, p. 57-90. dezembro de 2005.

DAMO, A. S. **Do Dom à Profissão**. Uma Etnografia do Futebol de Espetáculo a Partir da Formação de Jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2005.

_____. “Ah! Eu sou gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro.” **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, FGV, v.13, n.23, 1999, p.87-117.

_____. **Do dom a profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. Porto Alegre: Hucitec. 2007.

_____. **Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 23, n. 66, p. 139-150, 2008.

DAÓLIO, J. **Cultura: Educação física e futebol**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2000.

DEBORD, G. **Sociedade do Espetáculo**. Comentários Sobre a Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEBRUN, M. **Futebol, Paixão e Participação**. In: A Conciliação e Outras Estratégias. São Paulo, Brasiliense, 1983.

D'ALESSANDRO. [pseudônimo] **Entrevista I**. [jun. 2018]. Entrevistador: TRIZOTO, H.A. Erechim, 2018.1 arquivo .mp3 (34.12min)

ELIAS, N. , DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

FAVERO, P. M. **Os donos do campo e os donos da bola**: alguns aspectos da globalização do futebol. 2010. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

FERNANDES, L. As armadilhas da Globalização. In: CARRION, R. K. M.; VIZENTINI, P. G. F. **Globalização, Neoliberalismo, privatizações**: quem decide este jogo?. Editora da Universidade, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 6-27, 1997.

FERRI, N. L. **Entrevista sobre o Futebol Amador em Erechim nos últimos 20 anos. Erechim**, concedida à Henrique Antônio Trizoto [dez/2016].

FIENGO, S. V. Gol-balización, identidades nacionales y fútbol. In: ALABARCES, P. (org.). **Futbologias**: Fútbol, Identidad y violencia em América Latina. Buenos Aires: Clacso, p.157-172, 2003.

FOER, F. **Como o futebol explica o mundo**: um olhar inesperado sobre a globalização. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FRANCH, G. M. **Tempos, contratempos e passatempos**: um estudo sobre práticas e sentidos do tempo entre jovens de grupos populares do Grande Recife. Rio de Janeiro: UFRJ, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Sociologia, 2008.

FRANCO Jr., H. **A dança dos Deuses. Futebol, sociedade, cultura**. São Paulo, Cia. Das Letras, 2007

_____. **Dando tratos à bola**: ensaios sobre futebol. São Paulo: Cia das Letras, 2017.

FREITAS, G. da S.; RIGO, L. C.; SILVA, D. V. da. **Considerações sobre a migração, a naturalização e a dupla cidadania de jogadores de futebol** Revista da Educação Física/UEM, v. 23, n. 3, p. 457-468, 2012.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia** – o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREYRE, G. **Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1930.

GAFFNEY C.; MASCARENHAS G. **O estádio de futebol como espaço disciplinar**. Santa Catarina: UFSC, 2004.

GALEANO, E. **Futebol ao Sol e à Sombra**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2002.

GASTALDO, É. L. **Futebol, mídia e sociedade no Brasil**: reflexões a partir de um jogo. Cadernos IHU Idéias. São Leopoldo-RS, Ano, v. 1, p. 1-24, 2003.

GEROMEL. [pseudônimo] **Entrevista II**. [jun. 2018]. Entrevistador: TRIZOTO, H.A. Erechim, 2018.1 arquivo .mp3 (30.41min)

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GIDDENS, A. **Sociologia**, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

_____. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GOIG, R. L. **“Racism and Xenophobia in Spanish Football: Facts, Reactions and Policies”**. Valencia, Physical Culture and Sport Studies and Research, v. XLVII, 2009.

GRELLET, C. **O marketing do futebol**. A nova gestão do futebol, v. 2, p. 135-144, 2000.

GREW, R. (1993), "On the prospect of global history", in MAZLISH B.; BUULTJENS R. (eds.), **Conceptualizing global history**, Oxford, Westview Press, p. 227-249.

GRUZINSKI, S. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GUAZZELLI, C. A. B. 500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção da "província de chuteiras". **Anos 90**: revista do Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre, 2002.

GUEDES, S. L. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. In: DEL PRIORE, M.; MELO, V. A. de (orgs.). **História do Esporte no Brasil**: do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, p. 453-480, 2009.

GUIMARÃES, A. S. **Além das quatro linhas**: estudo sobre a trajetória profissional de jovens atletas de futebol. Programa de Pós-graduação em Sociologia. PPGS/UFPB. João Pessoa, (Dissertação de Mestrado).

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. RJ: D,P&A Editora, 2003.

HARVEY, D. (2003). **O novo imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2005.

HELAL, R. **A crise do futebol brasileiro e a pós-modernidade**: perspectivas para o século 21. Trabalho apresentado no GT Comunicação e Sociabilidade no X Compós em Brasília, 2001.

_____; GORDON, C. **A crise do futebol brasileiro**: perspectivas para o século XXI. Revista Eco-Pós, v. 5, n. 1, p. 37-55, 2002.

HOBSBAWM, E. **Globalização, democracia e terrorismo**. SP: Cia das Letras, 2007.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**. São Paulo: Editora perspectiva, 2007.

IANNI, O. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

JACOBS, C. S., DUARTE, F. **Futebol Exportação**. RJ: Editora Senac Rio, 2006.

JENNINGS, A. **Jogo sujo**: o mundo secreto da FIFA. Panda Books, 2012.

KASZNAR I. **Ciclo de vida desportivo do Brasil e modelo DEA/DESE/DEE**: o approach. RJ: Ediouro, 2002.

KOCH, R. **Apontamentos das Lutas de Poder na Trajetória Política do Futebol Brasileiro**. Diálogo, n. 23, p. p. 49-60, 2013.

KUPER, S. "Soccer Against the Enemy". Londres, Orion, 2006.

LAPYDA, I. **A "financeirização" no capitalismo contemporâneo: uma discussão das teorias de François Chesnais e David Harvey**. 2011. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

LAS CASAS, A. L. **Jogada de Marketing**: Aplicando as táticas do futebol à gestão empresarial. SP: Futura, 2002.

PEREIRA, M.L.; COELHO, J. N. **Noites Europeias**. SP: Corner, 2018

LOZANO, F. J. M.; GALLEGRO, A. C. **Deficits of accounting in the valuation of rights to exploit the performance of professional players in football clubs**. A case study. Journal of Management Control, v. 22, n. 3, p. 335-357, nov. 2011.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. SP: EPU, 1986.

MAFFESOLI, M. **A dinâmica da violência**. Tradução de Cristina M. V. França. SP: Editora Revista dos Tribunais, 1987.

MANDELL, R. **Sport: a cultural history**, Columbia University Press, 1984

MASCARENHAS, G. Globalização e Espetáculo: o Brasil dos Megaeventos esportivos. Esporte, globalização e negócios: o Brasil dos dias de hoje, in DEL PRIORI, M.; MELO, V. A. de. (orgs) **História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. SP: UNESP, p.503-533. 2009.

MARX, K. (1893a). **O capital**, v. III, tomo I. SP: Nova Cultural, 1988.

McGROW, A. G. "Conceptualizing global politics", in McGrow, A.G., LEWIS, P.G. et al., **Global politics**, Cambridge, Polity Press, cap. 1, p. 1-28. 1992

MELO, L. B. S. **Formação e escolarização de jogadores de futebol do Estado do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Educação Física)–Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010

MENDONÇA, D. de. **A condensação do "imaginário popular oposicionista" num significativo vazio: as diretas já**. Ernesto Laclau e Niklas Luhmann: pós-fundacionismo, abordagem sistêmica e as organizações sociais. 2006.

MÉSZÁROS (a), I. **A crise estrutural do capital**. 2009.

MICELI, S. Introdução: a força do sentido. In BOURDIEU, P. **Economia das trocas simbólicas**. 6. ed., SP: Perspectiva, 1999.

MÓSCA, H. M. B.; SILVA, J. R. G. da; BASTOS, S. A. P. **Fatores institucionais e organizacionais que afetam a gestão profissional de departamentos de futebol dos clubes: o caso dos clubes de futebol no Brasil**. *Gestão & Planejamento*, v. 10, n. 1, p.96-112. 2010.

MOSCO, V. **A Economia Política da Comunicação**. Barcelona: Bosch, 2009.

NEYMAR. [pseudônimo] **Entrevista III**. [jun. 2018]. Entrevistador: TRIZOTO, H.A. Erechim, 2018. 1 arquivo .mp3 (9.59min)

OLIVEIRA, M. M. **O futebol sobre a ótica do tema transversal trabalho e consumo**. 2013.

PIMENTA, C. A. M. **Sociologia da juventude: futebol, paixão, sonho, frustração, violência**. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2000.

PITTS, B. G.; STOTLAR, D. K. **Fundamentos de marketing esportivo**. Porte, 2002.

POGGI, G. 1998. **Denaro e modernità**. Bologna, Il Mulino.

PRONI, M. W. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. Campinas, SP: FEFUNICAMP, 1998.

_____. **A metamorfose do futebol**, Campinas, UNICAMP, 2000.

_____; ZAIA, F.H. Gestão empresarial do futebol num mundo globalizado. In: RIBEIRO, L. (org). **Futebol e Globalização**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2007.

_____; Brohm e a organização capitalista do esporte. *In*: PRONI, M. W.; LUCENA, R. **Esporte: história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002.

RIBEIRO, L. C. **Política, futebol e as invenções do Brasil**. *Revista de História Regional*, v. 17, n. 2, p. 347 – 377, 2013.

RIZEK, A. **O esquema engorda-craque**. *Revista Placar*, São Paulo, p.79-85, mar. 2006

ROCHA, H. P. A. da et al. Jovens esportistas: profissionalização no futebol e a formação na escola. **Motriz rev. educ. fís.(Impr.)**, v. 17, n. 2, p. 252-263, 2011.

RODRIGUES, F. X. F.; CAETANO, S. M. **Comércio internacional de jogadores brasileiros de futebol**. *Revista TOMO*, n. 15, p. 167-190, 2009.

RONALDO. [pseudônimo] **Entrevista IV**. [jun. 2018]. Entrevistador: TRIZOTO, H.A. Erechim, 2018.1 arquivo .mp3 (33.40min)

RUBIO, K. **Futebol profissional: o mercado e as práticas de liberdade**.

SANTOS, I. S. **“O público que devemos abolir”**: a elitização do futebol brasileiro e as novas Arenas. Monografia (Graduação) – Curso de Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal de Sergipe – UFS, São Cristóvão, SE, 2014

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. SP: Editora Record, 2001

SANTOS, T. C. Globalização, mundialização e esporte: o futebol como megaevento. ALABARCES, P. (comp.). **Peligro de gol: estudios sobre deporte y sociedad en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, p. 57-73, 2000.

SILVA, J. L. F. **Futebol: amadorismo em tempos de profissionalismo**. *Revista de Ciências sociais*, v. 42, n. 1, p.64 - 76. 2011.

SMIT, B. **Invasão de campo**: Adidas, Puma e os bastidores do esporte moderno. Zahar, 2007.

SPAAN, R.; VIÑAS, C. **“Passions, Politics and Violence: A Socio-historical Analysis of Spanish Ultras”**. *Soccer and Society*, v. 6, n. 1, pp. 79-96, agosto 2006.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradutor Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. **Sociologia**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Editora Ática, 1983.

SOARES, A. J. G. et al. **Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola**. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 33, n. 4, p. 905-921. 2011.

SUZUKI Jr, M. **Modelo falido ameaça levar esporte à ruína**. Folha de São Paulo, São Paulo, 23 fev.1997. Especial. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj230201.htm>>, Acesso em: 09, out. 2017.

STIGGER, M. **Esporte, Lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico**. Campinas. Autores Associados. CBCE, 2002.

TAMBURRINI, C. M. **¿La mano de Dios?: una visión distinta del deporte**. Buenos Aires: Continente, 2001.

TOLEDO, L. H. de. **Torcer: a metafísica do homem comum**. Revista de História. São Paulo, n.163, p.175-189, 2010.

_____. **Lógicas no Futebol**. São Paulo: Hucitec/ FAPESP, 2002.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1992.

TRIZOTO, H.A. **O Futebol Além das quatro linhas: impactos da globalização no futebol contemporâneo**. Trabalho de Conclusão de Curso, UFFS, Erechim, 2014.

TÜRCKE, C. **Sociedade excitada: filosofia da sensação**. Ed. Unicamp, 2010.

WISNIK, J. M. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. SP: Cia das Letras, 2008.

ZUBIETA, C. G. **Futbolsofía. Filosofar através del fútbol**, Madrid, Ediciones del Laberinto, 2002.

WACQUANT, L. **Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Trad. Angela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WOLTON, D. **Elogio do grande público**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Ática, 2006.

ANEXO A: AUTOS E MARCO DECISÓRIO DO PROCESSO BOSMAN

3. "(...) a prática de desportos só é abrangida pelo direito comunitário na medida em que constitua uma actividade económica na acepção do artigo 2. do Tratado. É o caso da actividade dos jogadores de futebol, profissionais ou semi-profissionais, uma vez que exercem uma actividade assalariada ou efectuam prestações de serviços remuneradas."

4. "Para efeitos da aplicação das disposições comunitárias relativas à livre circulação dos trabalhadores, não é necessário que a entidade patronal tenha a qualidade de empresa, apenas se exigindo a existência de uma relação de trabalho ou a vontade de estabelecer tal relação."

5. "Regras que regulam as relações económicas entre as entidades patronais de um sector de actividade são abrangidas pelo âmbito de aplicação das disposições comunitárias relativas à livre circulação dos trabalhadores desde que a sua aplicação afecte as respectivas condições de emprego.

Tal é o caso de regras relativas às transferências de jogadores entre clubes de futebol que, embora rejam mais especialmente as relações económicas entre os clubes do que as relações de trabalho entre clubes e jogadores, afectam, através da obrigação imposta aos clubes de pagarem indemnizações pelo recrutamento de um jogador que provenha de outro clube, as possibilidades de os jogadores encontrarem emprego, bem como as condições em que esse emprego é oferecido."

6. "As disposições comunitárias em matéria de livre circulação de pessoas e de serviços não impedem regulamentações ou práticas no domínio desportivo justificadas por razões não económicas e que respeitem ao carácter e quadro específico de determinadas competições. Esta restrição do âmbito de aplicação das disposições em causa deve no entanto limitar-se ao seu objecto específico não podendo ser invocada para excluir toda a actividade desportiva do âmbito de aplicação do Tratado."

9. "O princípio da subsidiariedade, mesmo na acepção ampla de que a intervenção das autoridades comunitárias se deve limitar ao estritamente necessário no domínio da organização das actividades desportivas, não pode ter por efeito que a autonomia de que dispõem as associações privadas para adoptarem regulamentações desportivas limite o exercício dos direitos, tal como o da livre circulação, conferidos pelo Tratado aos particulares."

10. "O artigo 48. do Tratado não se aplica apenas à actuação das autoridades públicas, abrangendo igualmente as regulamentações de outra natureza destinadas a disciplinar, de forma colectiva, o trabalho assalariado."

12. "O artigo 48. do Tratado aplica-se a regras adoptadas por associações desportivas que estabeleçam as condições de exercício de uma actividade assalariada por parte dos desportistas profissionais."

13. "Não se pode qualificar de puramente interna e considerar que não releva, portanto, do direito comunitário, a situação de um jogador profissional de futebol nacional de um Estado-Membro que, tendo celebrado um contrato de trabalho com um clube de outro Estado-Membro para exercer no território deste uma actividade assalariada, responde a uma oferta de emprego efectivamente feita na acepção do artigo 48. , n. 3, alínea a), do Tratado."

14. "O artigo 48. do Tratado opõe-se à aplicação de regras adoptadas por associações desportivas, nos termos das quais um jogador profissional de futebol nacional de um Estado-Membro, no termo do contrato que o vincula a um clube, só pode ser contratado por um clube de outro Estado Membro se este último pagar ao clube de origem uma indemnização de transferência, de formação ou de promoção.

Efectivamente, estas regras, ainda que não se distingam das regras que regulam as transferências no interior de um mesmo Estado-Membro, são susceptíveis de restringir a livre

circulação dos jogadores que desejem exercer a sua actividade noutro Estado-Membro, impedindo-os ou dissuadindo-os de deixar os respectivos clubes mesmo após a expiração dos contratos de trabalho que a eles os ligam.

Além disso, não poderão constituir um meio adequado para atingir objectivos legítimos, tais como a preocupação de manter o equilíbrio financeiro e desportivo entre os clubes e apoiar a busca de talentos e a formação de jovens jogadores, uma vez que:

- ° por um lado, essas regras não impedem que os clubes mais ricos obtenham a colaboração dos melhores jogadores nem que os meios financeiros disponíveis sejam um elemento decisivo na competição desportiva e que o equilíbrio entre clubes daí resulte consideravelmente alterado.

- ° por outro lado, as indemnizações previstas por tais regras caracterizam-se pela sua natureza eventual e aleatória e são, de qualquer forma, independentes dos custos reais de formação suportados pelos clubes.

- ° finalmente, os mesmos objectivos podem ser atingidos de modo igualmente eficaz por outros meios que não restringem a livre circulação dos trabalhadores.”

15. “O artigo 48. do Tratado opõe-se à aplicação de regras adoptadas por associações desportivas nos termos das quais, nos encontros por elas organizados, os clubes de futebol apenas podem fazer alinhar um número limitado de jogadores profissionais nacionais de outros Estados-Membros.

Efectivamente, aquelas regras são contrárias ao princípio da não discriminação em razão da nacionalidade em matéria de emprego, remuneração e condições de trabalho, pouco importando, para o efeito, que não respeitem ao emprego destes jogadores, que não é limitado, mas à possibilidade de os respectivos clubes os fazerem alinhar num encontro oficial porque, na medida em que a participação em tais encontros constitui o objecto essencial da actividade de um jogador profissional, é evidente que uma regra que a limite restringe igualmente as possibilidades de emprego do jogador abrangido.

Além disso, as mesmas regras, que não respeitem a encontros específicos que oponham equipas representativas do respectivo país, mas se apliquem ao conjunto dos encontros oficiais entre clubes, não podem justificar-se por razões não económicas, que interessem unicamente ao desporto enquanto tal, como a preservação do elo tradicional entre cada clube e o seu país, porque o elo entre um clube e o Estado-Membro em que está estabelecido não pode considerar-se inerente à actividade desportiva; a criação de uma reserva de jogadores nacionais suficiente para permitir às equipas nacionais alinharem jogadores de alto nível em todas as suas actividades, porque, mesmo se as equipas nacionais tiverem de ser constituídas apenas por jogadores com a nacionalidade do país em causa, estes não têm de ser necessariamente qualificados para clubes desse país; a manutenção do equilíbrio desportivo entre clubes, porque nenhuma regra limita a possibilidade de os clubes ricos recrutarem os melhores jogadores nacionais, facto que compromete do mesmo modo aquele equilíbrio.”

17. “(...) Atentas as especificidades das regras instituídas pelas associações desportivas para as transferências de jogadores entre clubes de diferentes Estados-Membros, bem como a circunstância de as mesmas regras, ou regras idênticas, se aplicarem tanto às transferências entre clubes pertencentes à mesma associação nacional como às que envolvem clubes pertencentes a associações nacionais diferentes dentro do mesmo Estado-Membro, podem ter criado uma situação de incerteza quanto à compatibilidade das referidas regras com o direito comunitário, opondo-se considerações imperiosas de segurança jurídica a que situações jurídicas que produziram todos os seus efeitos no passado sejam objecto de reavaliação. (...)”

Por não ser pertinente para a realização deste trabalho, conforme fora referido no capítulo Objectivos Gerais e Específicos, serão omitidos os pontos que fundamentaram, juridicamente, as decisões do Tribunal Europeu de Justiça, que foram as seguintes:

Parte decisória:

“Pelos fundamentos expostos, O TRIBUNAL DE JUSTIÇA, pronunciando-se sobre as questões submetidas pela Cour d'appel de Liège, por acórdão de 1 de Outubro de 1993, declara:

1) O artigo 48. do Tratado CEE opõe-se à aplicação de regras adoptadas por associações desportivas nos termos das quais um jogador profissional de futebol nacional de um Estado-Membro, no termo do contrato que o vincula a um clube, só pode ser contratado por um clube de outro Estado-Membro se este último pagar ao clube de origem uma indemnização de transferência, de formação ou de promoção.

2) O artigo 48. do Tratado CEE opõe-se à aplicação de regras adoptadas por associações desportivas nos termos das quais, nos encontros por elas organizados, os clubes de futebol apenas podem fazer alinhar um número limitado de jogadores profissionais nacionais de outros Estados-Membros.

3) O efeito directo do artigo 48. do Tratado CEE não pode ser invocado em apoio de reivindicações relativas a uma indemnização de transferência, de formação ou de promoção que, na data do presente acórdão, já tenha sido paga ou seja devida em execução de uma obrigação nascida antes desta data, excepto se, antes desta data, já tiver sido proposta acção judicial ou apresentada reclamação equivalente nos termos do direito nacional aplicável.”

REFERÊNCIA

ASBL Union Royale Belge des Sociétés de Football Association e outros v Jean-Marc Bosman [1996] 1 CMLR 645 (case C-415/93) apud, FERREIRA, Pedro Tiago da Silva. O Impacte do Acórdão Bosman na Estrutura Desportiva Europeia. Universidade de Lisboa, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/336/1/19179_ulf1068118_tm.pdf>, acesso em: 27, out.2017.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PADRÃO A TODOS

Sugestão de Pseudônimo	
Idade	
Naturalidade	
Escolaridade	<input type="checkbox"/> fundamental incompleto <input type="checkbox"/> fundamental completo <input type="checkbox"/> médio incompleto <input type="checkbox"/> médio completo <input type="checkbox"/> superior incompleto <input type="checkbox"/> superior completo <input type="checkbox"/> pós graduação <input type="checkbox"/> não alfabetizado
Estado Civil	<input type="checkbox"/> solteiro <input type="checkbox"/> casado <input type="checkbox"/> divorciado <input type="checkbox"/> viúvo <input type="checkbox"/> união estável
Renda Familiar	<input type="checkbox"/> até 2 salários mínimos <input type="checkbox"/> até 4 salários mínimos <input type="checkbox"/> até 6 salários mínimos <input type="checkbox"/> mais de 6 salários mínimos
Profissão Atual	
Clubes Profissionais que atuou	
Nº de Campeonatos amadores	
Recebe algum tipo de Benefício?	<input type="checkbox"/> gasolina <input type="checkbox"/> equipamento <input type="checkbox"/> dinheiro <input type="checkbox"/> _____

APÊNDICE B: ROTEIRO SEMIDIRECIONADO DE ENTREVISTA

Faça uma breve apresentação de sua vida e de sua carreira esportiva.

Como se desenvolveu a ideia de ser futebolista profissional?

Quais as principais influências / Inspirações?

Quais os principais aspectos positivos?

Quais os principais aspectos negativos?

Quais os motivos para largar a carreira?

Como você se sente jogando no futebol amador?

Como você vê o futebol atualmente?

Voltaria a jogar profissionalmente?

O que você faria diferente?

Você tinha empresário? Quais as promessas dele?

Como era sua relação com a escola? Largou para se dedicar ao futebol?

Está estudando? Pensa em voltar a estudar?

Gostaria de trabalhar com futebol?

Gostaria que seu filho fosse jogador de futebol?

Nos clubes onde atuou, era incentivado a continuar os estudos?

Qual foi a melhor, e a pior estrutura que conheceu?

APÊNDICE C: CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

PARA A DISSERTAÇÃO INTITULADA O FUTEBOL ALÉM DAS QUATRO LINHAS: A FORMAÇÃO DAS SOCIABILIDADES A PARTIR DE SUA MERCADORIZAÇÃO - DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL – CAMPUS ERECHIM
PARA O LABORATÓRIO DE HISTÓRIA ORAL E LINGUAGENS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL – CAMPUS ERECHIM

- 1- Pelo presente documento, _____ carteira de identidade nº....., emitida por....., CPF nº....., residente e domiciliado em, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo ao Laboratório de História Oral e Linguagens da Universidade Federal da Fronteira Sul – campus Erechim e para a Dissertação intitulada "**O Futebol Além Das Quatro Linhas: A Formação Das Sociabilidades A Partir De Sua Mercadorização**" - do Programa de Pós Graduação Em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado no dia __ de _____ de 2018, na cidade de _____, perante o pesquisador Henrique Antônio Trizoto.
- 2- Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.
- 3- Fica, pois o Laboratório de História Oral e Linguagens da Universidade Federal da Fronteira Sul e para a Dissertação intitulada "**O Futebol Além Das Quatro Linhas: A Formação Das Sociabilidades A Partir De Sua Mercadorização**" - do Programa de Pós Graduação Em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim plenamente autorizado a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.
- Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Local e data

Entrevistado

Pesquisador: Henrique A. Trizoto

Testemunhas:

Nome legível:

CPF:

Nome legível

CPF: